



Julio Ramos Collares nasceu em Porto Alegre, em 1953. É arquiteto com graduação e mestrado pela UFRGS. Também é artista visual. Possui extensa carreira na arquitetura, com projetos relevantes, vários deles premiados, trabalhos publicados no Brasil e no exterior e intensa participação em concursos e salões de arquitetura e urbanismo. É sócio-diretor do escritório Julio Ramos Collares, Dalton Bernardes – Arquitetura S/S. Foi professor titular de projetos na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UniRitter durante 37 anos, onde também foi coordenador de ensino por 10 anos.

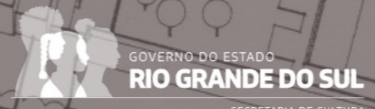


Dalton Bernardes nasceu em Uruguaiana, em 1955. É arquiteto com graduação, especialização e mestrado pela UFRGS. Possui extensa carreira na arquitetura, com projetos relevantes, vários deles premiados, trabalhos publicados no Brasil e no exterior e intensa participação em concursos e salões de arquitetura e urbanismo. É sócio-diretor do escritório Julio Ramos Collares, Dalton Bernardes – Arquitetura S/S. Foi professor titular de projetos e ética profissional na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UniRitter durante quase 30 anos.

Um novo marco na arquitetura brasileira!

É assim que podemos considerar o Complexo Cultural do Theatro São Pedro – MULTIPLACO EVA SOPHER. Vencedor de concurso público de arquitetura (1996), o projeto dos arquitetos Julio Ramos Collares, Dalton Bernardes e Marco Peres se integra ao circuito cultural de Porto Alegre com o prestígio de ter recebido a Medalha de Ouro da 9ª Quadrienal de Cenografia e Arquitetura de Teatros – Teatros para o Terceiro Milênio (1999), em Praga, República Tcheca.

Como forma de documentar o processo de projeto e as etapas de sua execução, este livro destaca a importância das imagens na documentação de um projeto arquitetônico de grande escala. Desde os primeiros esboços preliminares até imagens da obra concluída, passando por desenhos técnicos e de detalhamento, as peculiaridades da arquitetura são postas em evidência, quase como um pensamento gráfico tornado visível, revelando a sofisticação técnica e a sensibilidade estética que caracterizam este projeto.



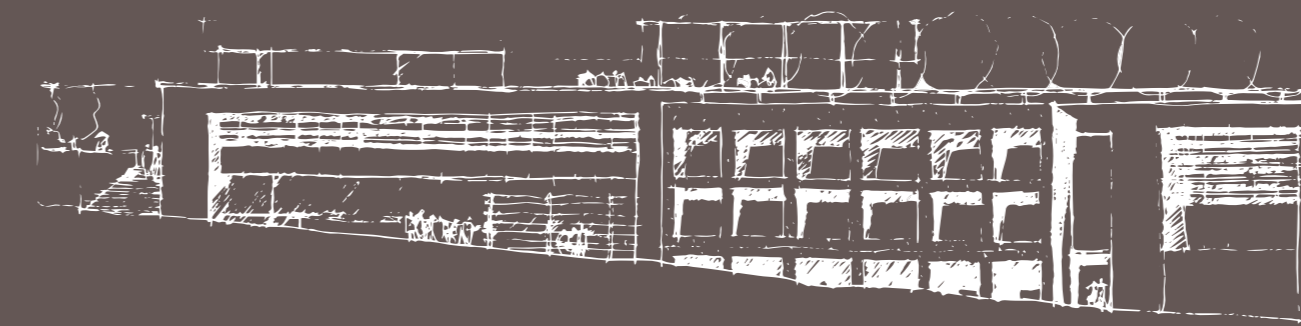
Julio Ramos Collares e Dalton Bernardes

MULTIPALCO EVA SOPHER ARQUITETURA

MULTIPALCO EVA SOPHER Theatro São Pedro, Porto Alegre ARQUITETURA

Organização

Julio Ramos Collares e Dalton Bernardes

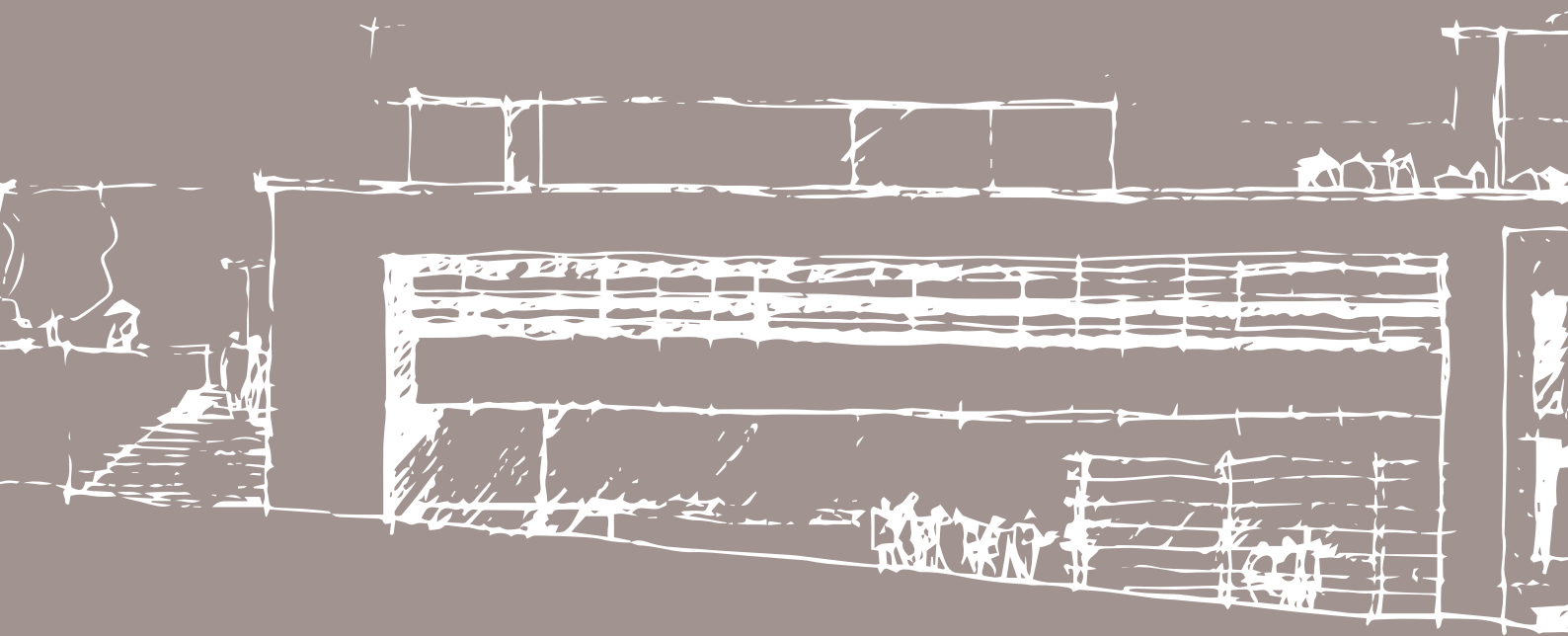


“Ponto de culminância, das diversas camadas e escalas envolvidas neste projeto embricado de relações históricas e topográficas complexas, o palco italiano e foyer, estruturam o centro de gravidade de todas as operações e relações projetuais. Foyer com multivisuais de todos os níveis, sistemas circulatórios e sala de espetáculos como uma espécie de matrioska, dentro de várias peles, dão conta da monumentalidade possível, em um edifício multifuncional incrustado na rocha do promontório histórico. Onde a natural pressão interna dos espaços, restrita a topografia operativa exterior, agravou-se por importantes mudanças de programa durante a obra, principalmente na quase duplicação da plateia, que ocasionou a inclinação da superfície curva da plateia do teatro, com a inserção de dois novos mezaninos, voado sobre o vazio do foyer.”

SERGIO M MARQUES

“No lapso de tempo entre os dois teatros, vê-se como o transcurso dos anos transformou os olhos, o repertório e, portanto, a linguagem e a capacidade propositiva da arquitetura. Mas atenção, isso não acontece em geral nem de modo automático. O repertório muda, os olhos sobre o mundo se transformam, mas as proposições arquitetônicas não se produzem até que os autores apareçam e nos mostrem concretamente como se realiza esse possível ainda não feito. E só assim, através do trabalho e das obras feitas, que se amplia de fato o nosso campo de possibilidades. No caso específico, a proposição tem a delicada beleza de expandir sem suprimir, ela amplia o campo sem produzir conflitos com as precedências. Muito pelo contrário, ela concilia edifícios de distintas épocas. Mesmo as obras de fundo, como arrimos ou pátios internos, são promovidas a um protagonismo equilibrado e passam a configurar um conjunto arquitetônico íntegro e inteiro. É a modéstia de mãos dadas com a ambição.”

ANGELO BUCCI



MULTIPALCO

EVA SOPHER

Theatro São Pedro, Porto Alegre

ARQUITETURA











MULTEPALCO

TEATRO ITALIANO

2023

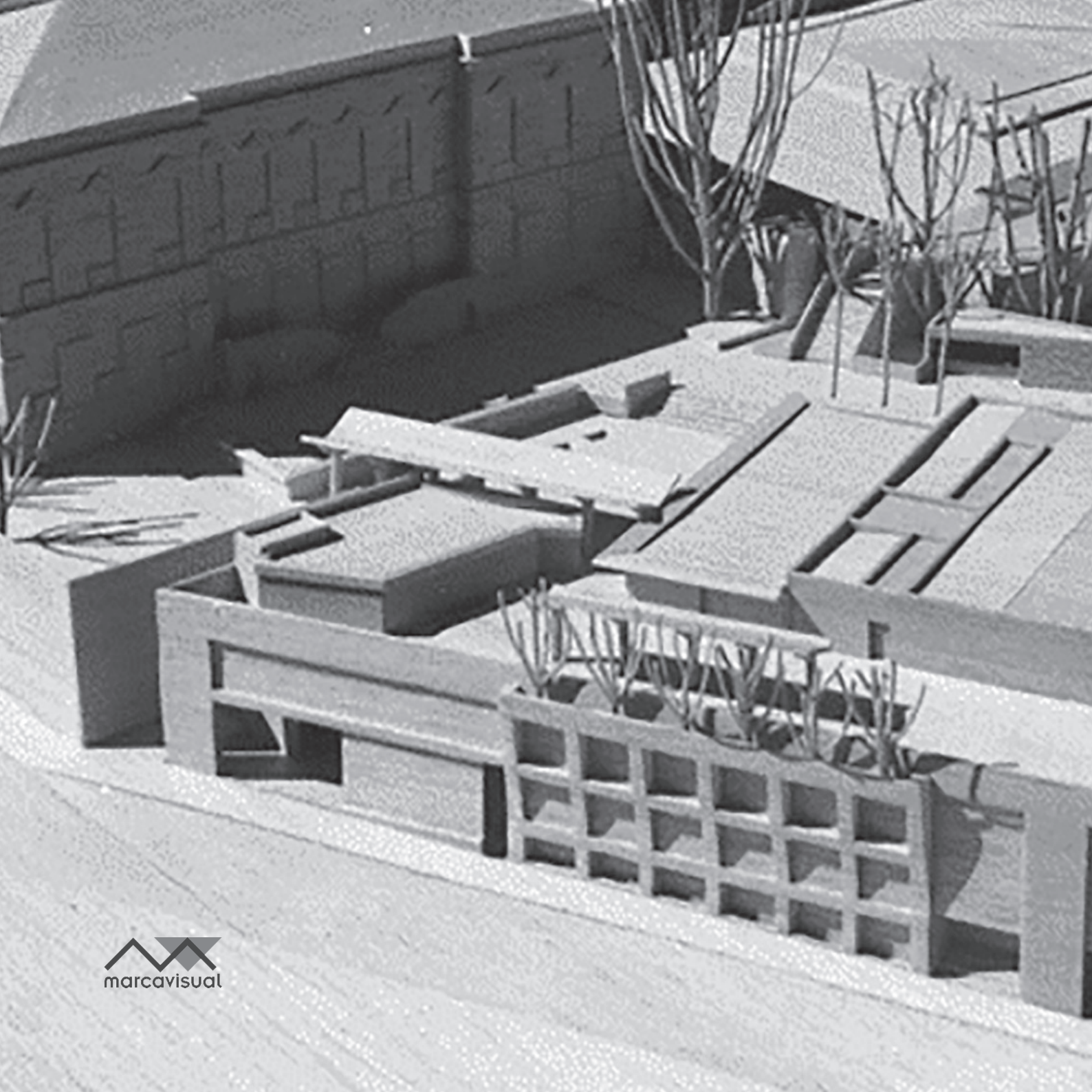
2024

2025

em breve...









MULTIPALCO

EVA SOPHER

Theatro São Pedro, Porto Alegre

ARQUITETURA

Organização

Julio Ramos Collares e Dalton Bernardes



NOSSOS AGRADECIMENTOS

Ao CAU/RS, Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul, na pessoa de sua presidente Andréa Hamilton Ilha, pelo apoio irrestrito e pelo financiamento desta publicação;

aos amigos e colegas conselheiros do CAU/RS, Paulo Ricardo Bregatto e Paulo Soares, pelo empenho nas tratativas da publicação;

ao IAB/RS, Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento do Rio Grande do Sul – defensor dos concursos públicos de arquitetura e onde esta história começou –, e à sua atual presidência coletiva;

à FTSP, Fundação Theatro São Pedro, na pessoa do seu presidente e amigo prof. Antonio Hohlfeldt, entusiasta desta empreitada desde o primeiro momento;

à Alice Kuhn da Silva, assessora da presidência da FTSP, por seu empenho e ajuda nos momentos críticos;

à AATSP, Associação Amigos do Theatro São Pedro, nas pessoas de seu presidente José Roberto Goldim e assessora Jussara Rodrigues, nossos apoiadores;

às nossas assessoras para todos os assuntos, Maria Teresa Araujo da Rosa e Maria Luiza Collares;

aos amigos Mônica Bohrer, Sergio Marques, Maturino Luz, Angelo Bucci e Airton Cattani por suas contribuições fundamentais;

ao Nico Collares, por suas orientações;

à Andrea Soler Machado, por enriquecer nosso relato;

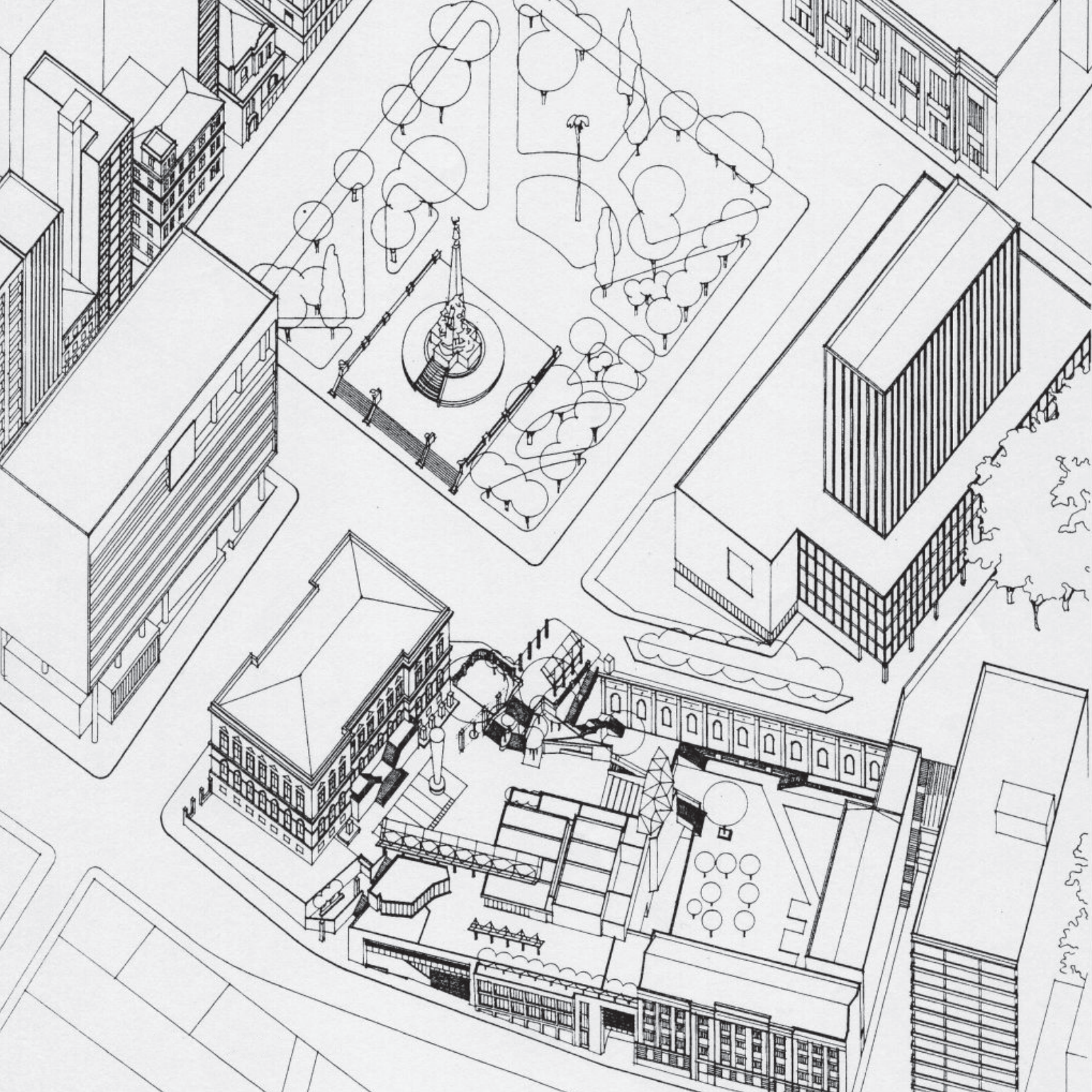
à secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul, na pessoa da secretária Beatriz Araujo; e

ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul, na pessoa do governador Eduardo Leite.



*Dalton Bernardes dedica este livro à Maria Teresa Araujo da Rosa,
Julia Rosa Bernardes e Gabriel Rosa Bernardes*

Julio Ramos Collares dedica ao seu neto João Camozzato Collares



A cultura é o reflexo mais eloquente da alma de uma sociedade, indispensável para o desenvolvimento humano, social e econômico de qualquer povo. Investir em cultura é investir no futuro, na formação de cidadãos críticos e criativos, e no fortalecimento dos laços que nos conectam enquanto comunidade. É com esse espírito que apresento, com profundo orgulho e senso de dever, esta obra que celebra a concretização de um sonho coletivo: o Complexo Cultural Multipalco do Theatro São Pedro.

Este livro transcende o registro de um feito arquitetônico notável. A publicação narra a história de empenho e visão transformadora que, desde o concurso público em 1996 até a conclusão das obras em 2025, consolidou um projeto que traduz a riqueza da história de Porto Alegre, reafirmando o papel do Rio Grande do Sul como protagonista cultural no Brasil.

Fruto do talento e da dedicação de arquitetos, engenheiros, artistas e gestores, este espaço multifuncional exemplifica como tradição e modernidade podem dialogar harmoniosamente. Não é apenas uma obra icônica, mas uma plataforma que valoriza nossa diversidade cultural, promovendo o encontro de múltiplas expressões artísticas, fortalecendo nossa identidade coletiva.

Ele reflete o poder da cultura de unir pessoas, expandir horizontes e inspirar novas gerações, ao mesmo tempo em que consolida o Rio Grande do Sul como referência nacional no fomento à arte e à criatividade.

O Multipalco traduz a riqueza de nossa herança cultural e sua capacidade de se reinventar, conectando passado e futuro em um diálogo constante. A entrega deste espaço é o resultado de um esforço resiliente e colaborativo, transformando-se em um legado perene para os gaúchos e para o Brasil. Sua inauguração marca um novo capítulo na história do Theatro São Pedro, que, há décadas, é um símbolo da paixão do nosso estado pela cultura e pela arte.

Por meio desta publicação, somos convidados a revisitar essa trajetória de conquistas e a reconhecer cada pessoa que, direta ou indiretamente, contribuiu para tornar este sonho uma realidade. Que estas páginas, ao preservarem a memória de um feito grandioso, sejam também uma inspiração para o futuro, reafirmando o compromisso do Rio Grande do Sul com a arte, a cultura e a promoção de um desenvolvimento inclusivo e sustentável.

Eduardo Leite

Governador do Estado do Rio Grande do Sul

Há algo profundamente emocionante em ver um espaço cultural renascer ou ganhar forma. O Multipalco, assim como outros espaços culturais que estão sendo entregues à população gaúcha, é a prova de que a cultura tem o poder de transformar sonhos em realidade. Este livro celebra não apenas a conclusão de uma obra monumental, mas também a dedicação de todos que acreditaram na força da arte para inspirar e conectar pessoas. Com esta entrega, realizaremos mais uma grande restauração e modernização do Theatro São Pedro, após 40 anos de sua reabertura.

Ao longo dos últimos anos, a Secretaria de Estado da Cultura tem trabalhado incansavelmente para devolver ao povo do Rio Grande do Sul equipamentos culturais que refletem nossa identidade e potencial criativo. Além da entrega do Teatro do IPE, do Teatro Oficina Olga Reverbel e do Teatro Simões Lopes Neto, também nos empenhamos em garantir a conservação de instituições que guardam nossa memória e representam o melhor da nossa produção cultural.

Entre as instituições que receberam melhorias destacam-se: Teatro de Arena, Teatro Bruno Kiefer, Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli – MARGS, Biblioteca Pública Leopoldo Boeck, Biblioteca Romano Reif, Museu Arqueológico do Rio

Grande do Sul, Instituto Estadual do Livro – IEL, Parque Histórico General Bento Gonçalves, Museu Estadual do Carvão, Memorial do Rio Grande do Sul, Museu Histórico Farroupilha, Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul, Galeria Xico Stockinger (Casa de Cultura Mário Quintana – CCMQ), Museu Julio de Castilhos, Biblioteca Pública do Estado – BPE e a própria Casa de Cultura Mário Quintana – CCMQ.

O Multipalco é um exemplo vivo desse esforço, um espaço que une memória e modernidade, proporcionando experiências únicas a quem o frequenta. Ele não é apenas um edifício; é um símbolo de resistência e celebração, um lugar que honra o passado ao mesmo tempo em que acolhe o futuro.

Que este livro inspire a todos que acreditam no poder transformador da cultura. Ele é um convite para olharmos além das dificuldades e reconhecermos que a arte é, antes de tudo, um ato de esperança. Seguiremos firmes na missão de cuidar e valorizar nossos teatros, nossas histórias e, acima de tudo, as pessoas que dão vida à cultura do Rio Grande do Sul.

Beatriz Araujo
Secretária de Estado da Cultura

Coube-me a honra de exercer a presidência do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul – CAU/RS – no ano em que se inaugura o Multipalco Eva Sopher, projeto dos arquitetos e Urbanistas gaúchos Dalton Bernardes e Julio Ramos Collares e Marco Peres.

A edificação em si possui mais de 18.000m² de área construída. São cinco andares concebidos para uso das chamadas artes de palco, com toda a infraestrutura e acomodações necessárias tanto para artistas e técnicos como também para a população que irá assistir aos espetáculos. Multipalco Eva Sopher e Theatro São Pedro, juntos, representam mais de 25.000m² dedicados integralmente à Cultura. Isso faz de Porto Alegre a sede de um dos maiores complexos culturais de toda a América Latina.

Este livro, editado exclusivamente com recursos financeiros do CAU/RS, é o registro histórico do trabalho dos colegas Dalton, Julio e Marco, nomes escritos em definitivo na arquitetura produzida em nosso Estado.

Era 1996 quando o Governo do Estado contratou o Instituto dos Arquitetos do Brasil para fazer um concurso público de projetos que ganhou o nome de *Concurso para o anexo do Complexo Cultural do Theatro São Pedro – Multipalco*. O concurso escolheu o projeto dos colegas Dalton Bernardes, Julio Ramos Collares e Marco Peres como o mais adequado às necessidades previstas no certame. Dalton, Julio e Marco trabalharam de forma incansável e ininterrupta ao longo de todo o tempo transcorrido desde a assinatura dos contratos até a inauguração da obra, e a dedicação destes arquitetos gaúchos consolida a tradição de ser o Rio Grande do Sul um espaço especial da produção arquitetônica brasileira.

É necessário ressaltar aqui a peculiaridade desta obra grandiosa ter sido concebida a partir de um concurso público de projetos, que internacionalmente é reconhecida como a melhor forma de contratação, pois seleciona a proposta técnica mais adequada para a obra que se pretende construir.

Concursos como o do Multipalco Eva Sopher viabilizam bons projetos e bons projetos viabilizam boas obras. Ainda que esta modalidade de contratação seja geralmente colocada em segundo plano pela Administração Pública, desde 1978 a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO recomenda a adoção de concursos públicos de projeto para a contratação de projetos arquitetônicos (formalizada como Recomendação da 20ª reunião do órgão). Os concursos públicos foram utilizados para selecionar alguns projetos verdadeiramente icônicos, como os de Brasília, Museu do Amanhã (RJ), Ópera de Sidney (AU), entre outros.

Os concursos de projetos também são a melhor solução para edificações de todas as metragens. O CAU/RS utilizou com absoluto êxito o concurso de projeto para o “Espaço do Arquiteto”, para transformar uma loja no seu prédio-sede em espaço de recepção e atendimento do Conselho. Também foi realizado um concurso de projeto chamado “ATHIS Unidade Sanitária”, complementando o projeto especial Nenhuma Casa sem Banheiro, cujo objetivo é promover melhorias sanitárias domiciliares com assistência técnica de profissionais da arquitetura e urbanismo.

Cabe aqui uma referência especial aos governadores que viabilizaram a existência do Multipalco

Eva Sopher. Suas ações em prol da obra merecem todo o reconhecimento público.

O Multpalco Eva Sopher representa o talento da arquitetura gaúcha e o acerto da opção pela contratação de projetos arquitetônicos por meio de concurso público.

O Multpalco Eva Sopher coroa a refundação do Theatro São Pedro, iniciada com a preservação deste importante prédio histórico.

O complexo cultural formado pelo Theatro São Pedro e pelo Multpalco teve uma longa trajetória na sua concretização, com muitos personagens e cuja protagonista, Eva Sopher, nos ensinou a não ter medo de sonhar.

Andréa Larruscahim Hamilton Ilha

Presidenta do CAU/RS

Da utopia sonhada à obra concretizada

Quando assumi, por indicação do governador José Ivo Sartori, a presidência da Fundação Theatro São Pedro, a autonomia da instituição estava reduzida a zero. Não havia dinheiro para nada. E a tarefa principal era muito maior: além de toda a programação artística da casa, o grande desafio era retomar a obra de construção do Multipalco, complexo de sete andares, parcialmente subterrâneo, que deveria abrigar um sem-número de atividades artísticas e culturais.

Confirmado na função pelo governador Eduardo Leite, e com a parceria absolutamente fundamental da secretária de Cultura do Estado, Beatriz Araujo, com uma equipe diminuta que ia se estruturando gradualmente, a empreitada começou.

A arquiteta Rosely Gessinger era ex-aluna e amiga dos vencedores do concurso público instituído, ainda pelo governador Antônio Britto, para aquela obra. Passara a integrar nossa equipe. Com sua ajuda, aproximamo-nos de Julio Collares e Dalton Bernardes, os autores do projeto vencedor daquele concurso. A empatia foi imediata. Eles foram convidados a retomar o acompanhamento da obra. Foi quando Beatriz Araujo nos avisou que o governador Leite preparava uma grande iniciativa de investimentos no estado, denominada “Avançar”: precisávamos, com urgência, apresentar projetos.

Julio e Dalton foram convocados. Por seu lado, chamaram seus colaboradores e revisamos todo o projeto, já relativamente antigo, da obra, adequando-o inclusive às novas normas legais (houvera o incêndio da boate Kiss e do Museu Nacional). O que parecia impossível aconteceu: entregamos, no prazo, um projeto de encaminhamento e retomada de obras estimado em 7,5 milhões de reais.

Aprovada a proposta, enfrentamos o desafio das licitações. A primeira ficou deserta, a segunda foi vencida pela empresa EMIBM Engenharia Ltda., de Brasília, mas cujos responsáveis tinham vínculos com o Rio Grande do Sul. Julio e Dalton se tornaram não apenas os consultores formais da obra, enquanto autores do projeto, mas participantes diuturnos: toda a semana lá estavam eles, com seus capacetes, a acompanhar os trabalhos. O prazo era curto, e ficou ainda mais curto quando, mais uma vez, Beatriz Araujo nos deu a boa nova: o governador Leite iria liberar os 17 milhões que faltavam para concluir o Multipalco, com a entrega do Teatro Italiano, que ficara de fora daquela primeira etapa de obras, por sua complexidade.

Mais uma vez convocados às pressas, Julio Collares e Dalton Bernardes não titubearam. Era evidente a alegria deles e seu entusiasmo. Mobilizaram dezenas de profissionais, alguns inclusive de fora do estado, e lá estávamos todos, de novo, correndo contra o tempo. Ganhamos, o dinheiro foi liberado e, como sempre, enfrentamos nova dificuldade com a licitação. Desta vez, porém, tivemos sorte. A mesma EMIBM foi a única empresa a concorrer. Homologada sua contratação, tínhamos enormes vantagens: canteiro de obras pronto, empreiteiros conhecidos, bom relacionamento com a equipe, mas Dalton e Julio continuavam fundamentais. Assinamos contrato de assessoramento de obra e em seguida eles se viam chamados a atualizá-la: queríamos aumentar o fosso da orquestra, idealizado inicialmente para um agrupamento de câmara. Isso implicava mudança do projeto acústico do teatro.

Respeito profundamente o conhecimento técnico de Julio Collares e Dalton Bernardes, que aprendi a admirar ao longo desse tempo de convívio. Mas, sobretudo, destaco sua disposição de diálogo: sempre que surgiram dúvidas ou sugestões, eles imediatamente se dispuseram a conversar e eventualmente revisar posições. Isso nos permitiu um convívio amistoso e profissional, que foi muito importante quando a equipe aumentou, com a chegada da Angela Costa, arquiteta cedida da SPGG (Secretaria de Planejamento); do Alexandre Weinsdorfer, cedido da CAGE (Contadoria Geral do Estado) e do Carlo Dolzan. Eles passaram a atuar como fiscais de obra: fizeram, o tempo todo, a intermediação entre os autores do projeto, os executores do trabalho e os operários que, igualmente, transformaram-se em parceiros dessa utopia extraordinária de Eva Sopher.

Dalton e Julio são exemplares na tranquilidade com que enfrentam as adversidades, na disponibilidade para ouvir e dialogar, no interesse de, mais do que realizarem uma obra arquitetônica, concretizarem o sonho de muita gente. Sonho este que, graças a eles, dentre tanta gente mais, mas muito especialmente graças a eles, agora é uma realidade. A conclusão das obras do Multipalco, com o Teatro Oficina Olga Reverbél, o Teatro Simões Lopes Neto, nossas salas de música, dança e circo, espaços de cursos e salas de treinamento, evidencia uma vontade coletiva e cidadã de construir algo a ser deixado para nossos filhos e netos.

Assim como, em 1858, quando o prédio original do Theatro São Pedro foi inaugurado na então pacata cidade de Porto Alegre, o projeto poderia ser considerado como um sonho quase insonhável, também o ideal de Eva Sopher de entregar à cidade o Multipalco poderia ser avaliado como uma utopia irrealizável. Mas ela se tornou realidade: o sonho ganhou os traços do projeto de Julio e Dalton; o projeto ganhou o concreto e a madeira da ação dos nossos trabalhadores. E tudo o que se sonhou se tornou realidade graças à decisão de Beatriz Araujo e de Eduardo Leite.

O que mais dá e dará vida a esse projeto, contudo, e isso foi magnificamente compreendido por Julio Collares e Dalton Bernardes, é a presença de crianças, jovens e adultos, gente de todas as idades, de todas as cores, de todas as classes sociais a ocuparem esse espaço, pensado essencialmente para as pessoas. Aqui é um lugar de encontro entre artistas e público. Aqui é o lugar da sensibilidade.

Dalton e Julio comandaram uma equipe verdadeiramente feliz e orgulhosa por seu trabalho. Mais que isso, por sua missão. Foi a missão de transformar o Multipalco em realidade que esses dois arquitetos sonharam que uniu a todos nós: ela foi cumprida e a gente só pode agradecer por ter feito parte dessa experiência.

Antonio Hohlfeldt

Presidente da Fundação Theatro São Pedro

De um sonho à “arquitetura silenciosa”

A cultura é feita de sonhos. Sonhos que se materializam e constroem novas realidades. É por meio deste processo criativo que a característica mais humana se manifesta: a cultura. Imagino como deve ter sido difícil materializar o sonho de ter um Theatro São Pedro na década de 1850. Um grande teatro no coração da cidade, que se apresenta como um marco de humanidade frente aos demais poderes instituídos. A construção de um teatro demonstra o interesse em divulgar a produção criativa, em compartilhar os bens culturais, em manter vivo o desejo de sonhar.

Os anos se passaram, a cidade cresceu, o entorno mudou, mas o Theatro São Pedro permaneceu como uma testemunha histórica. O tempo é inclemente. A necessidade de uma restauração foi mandatária. Foi preciso sonhar com um Theatro São Pedro em condições de honrar a sua história. E isto foi feito. A perseverança da dona Eva Sopher garantiu que o Theatro fosse restaurado e atualizado.

Porém, apenas resgatar o sonho de 1850 já não atendia mais às necessidades de 1990. Em 1998 surge um novo sonho: Anexo do Complexo Cultural do Theatro São Pedro – Multipalco. Os autores do projeto, arquitetos Julio Ramos Collares, Dalton Bernardes e Marco Peres, que venceram o concurso nacional, tiveram o grande desafio de integrar o novo prédio ao antigo Theatro. Desta interação surgiu a proposta, denominada pelos próprios autores, de uma “arquitetura silenciosa”.

Esta denominação é perfeita! O Multipalco é silencioso. Não traz ruído ao Theatro São Pedro, mas agrega novas e importantes possibilidades

de expressão cultural. O Multipalco não concorre com qualquer das fachadas do Theatro. Ao contrário, a sua construção abriu espaço para uma nova possibilidade de visualização do prédio histórico, a partir da praça, que é surpreendentemente o topo da edificação. Um jogo arquitetônico que gera surpresa para quem visita o espaço e desconhece o conjunto como um todo. O novo prédio possibilita, também, uma nova perspectiva do entorno a partir do silêncio, propondo a possibilidade de novas sonoridades.

A possibilidade de ter um novo teatro italiano, agora denominado de Teatro Simões Lopes Neto, ao lado do Theatro São Pedro, é bastante inusitada. Dois teatros, integrados, lado a lado, um surpreendendo o outro, é pouco comum.

Se a entrada e o foyer do Theatro São Pedro impressionam pela sua beleza arquitetônica, manifestada em pequenos e sutis detalhes, o foyer do Multipalco surpreende pela sua magnitude. É um espaço que desafia o olhar, que provoca um passeio visual por suas linhas curvas e diferentes planos. É um desafio para o público visitante. Além da estética, este espaço faz a integração com os diferentes equipamentos culturais propostos pelos arquitetos que o projetaram: o Teatro Oficina Olga Reverbel, a sala da música, as salas de ensaio, camarotes, e tantas outras que estão descritas minuciosamente ao longo deste maravilhoso livro de documentação arquitetônica e histórica.

O livro permite ter o impressionante panorama desta construção. Desde o sonho da dona Eva; às diferentes propostas de projetos apresentados no concurso nacional; aos desafios enfrentados pelos

arquitetos vencedores; às dificuldades inerentes à construção de uma obra desta magnitude; à árdua tarefa de obtenção dos recursos financeiros necessários; ao apoio fundamental dos setores governamentais e da sociedade, chegamos à inauguração do Complexo Cultural em sua totalidade.

Miguel de Cervantes já afirmou, em sua obra seminal – *Don Quixote de La Mancha* – que “quando sonhamos sozinhos, é apenas um sonho. Quando sonhamos juntos, é o começo da realidade”. O Complexo Cultural do Theatro São Pedro

– Multipalco é isto: um sonho de dona Eva, que foi compartilhado com outras pessoas, que a admiravam e que também tinham uma relação afetiva com o Theatro. Este sonho se materializou por meio desta relação de amizade entre pessoas, entre instituições e, principalmente, de todos com a cultura. É neste processo que se insere a participação da Associação Amigos do Theatro São Pedro.

José Roberto Goldim

Presidente da AATSP

MULTIPALCO

EVA SOPHER

Theatro São Pedro, Porto Alegre

ARQUITETURA

Sumário

Prefácio <i>Maturino Salvador Santos da Luz</i>	38
Introdução	44
Apresentação	45
As bases conceituais do escritório na época do concurso	45
O Concurso Público de Arquitetura	52
O Estudo Preliminar do Multipalco Eva Sopher	62
O lugar	63
O programa	65
O conceito geral	67
Organização funcional	70
Memória gráfica do estudo preliminar	75
Projeto	82
O Projeto Executivo e o desenvolvimento da obra	92
Os vários atores	93
O projeto e a obra no tempo	93
Principais modificações do projeto em seu desenvolvimento	94
Breve cronologia	100
Autores dos serviços técnicos	104
Projetos	106
Execução da obra	107
Sistemas, instalações, técnicas e materiais	108
Considerações finais	114
Comentários críticos	128
Praça em transe <i>Sergio M. Marques</i>	129
O tempo e a Arquitetura <i>Angelo Bucci</i>	137
Bibliografia de referência	154





















Prefácio



Foi com imensa satisfação que recebi dos colegas e amigos Julio Ramos Collares e Dalton Pacheco Bernardes o convite para elaborar o prólogo deste importante trabalho. Peço ao leitor que me permita escrever na primeira pessoa do singular. Quem já leu algum dos textos que fiz, sabe que prefiro o impessoal. É de praxe ser breve neste tipo de prefácio e que o autor se detenha ao tema a tratar, mas solicito a concessão do leitor para que me alongue um pouco, contrariando a concisão esperada. Duas razões levam a que me estenda e saia um pouco do propósito: a importância do Complexo Cultural do Theatro São Pedro – Multipalco Eva Sopher para a cidade e a relevância do escritório de arquitetura que o realizou, na minha avaliação, um dos mais importantes da última década do século XX e do primeiro quartel do século XXI na região meridional do Brasil.

Com os autores do Multipalco, trabalhei por quase três décadas na Faculdade de Arquitetura do Instituto Ritter dos Reis, que posteriormente tornou-se Centro Universitário. Quando lá cheguei, indicado pelo arquiteto e professor Luiz Antônio Bolcato Custódio, fui selecionado pela coordenação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, composta pelos professores Cairo Albuquerque da Silva, Sergio Mocar Marques e Julio Ramos Collares, para ministrar a disciplina Arquitetura Brasileira. Transformamos aquela faculdade numa das melhores que o estado conheceu. Todos os arquitetos que pertenceram ao

escritório em tela e que aqui serão citados foram professores de projeto arquitetônico naquela instituição de ensino superior. O Julio também teve participação destacada como professor do Trabalho Final de Graduação, disciplina que concluía a formação dos estudantes no décimo e último semestre do curso e que proporcionava aos estudantes viagens para a Argentina, Chile e Uruguai, ou para o centro do país, para que conhecessem obras de grande relevância – por vezes acompanhadas de seus autores – e alguns dos escritórios mais importantes dos locais visitados. O Dalton também era professor de projetos arquitetônicos e de Ética e Legislação Profissional.

No período entre 1989 e 2017, acompanhei a trajetória do escritório dos colegas. Um escritório reconhecido pela qualidade dos projetos e obras realizados e por vencer significativos concursos públicos de arquitetura. Anteriormente, Julio Collares, formado na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no primeiro semestre de 1976, trabalhou sozinho ou em associação com Castelar Bergmann Peña (1929-1987) e outros colaboradores. Na fase inicial da carreira do Julio, destacou-se o projeto do edifício das Ferramentas Gerais Comércio e Importação (1975), à Rua Voluntários da Pátria, esquina com a rua Ernesto da Fontoura e Avenida Polônia, no bairro Navegantes. A influência do chamado “brutalismo corbuseriano” e da vertente paulistana da arquitetura moderna brasileira

foi evidente. Dalton Bernardes, formado no segundo semestre de 1978 pela mesma instituição, até então trabalhava na área de planejamento na Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

O escritório de Julio Ramos Collares e Dalton Bernardes Arquitetura Ltda. foi fundado em 24 de julho de 1989. A parceria de ambos foi exitosa desde o princípio, norteadas pela amizade, pela ética e pelo espírito colaborativo com os colegas e estudantes que gravitaram em torno deles. Nesse aspecto, a trajetória acadêmica de ambos merece ser destacada, pois proporcionou que pessoas que colaboraram em diversos projetos se conhecessem. Tive a oportunidade de fazer parte de uma dessas experiências no grupo que elaborou um projeto para o concurso público visando a reabilitação do antigo Mercado Público de Itaquí, promovido pela Prefeitura Municipal daquela cidade, proposta que recebeu menção honrosa. Fizem parte da equipe, além do Julio e do Dalton, os arquitetos Marco Aurélio Ciongoli Peres, Paulo Cesa Filho, Patrícia Hoff e Letícia Oliveira Vidor, e das então acadêmicas Miriam Dall'Igna, Mara Eskinazi, Carolina Scheibe, Laura Mardini Davi, Ana Luiza Mähler e Camila Schmidt.

De 17 a 30 de julho de 1991, foi realizada a Primeira Bienal de Arquitetura do Rio Grande do Sul, promovida pelo Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento do Rio Grande do Sul, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul. O Prêmio Destaque da Bienal foi dado ao Edifício do Conselho da Ferramentas Gerais S. A., projetado por Dalton Bernardes, Julio Ramos Collares e Maria de Fátima Beltrão. O prédio, situado na Rua Lusitana, número 597, foi projetado em 1988 e concluído em 1990. Foi o reconhecimento necessário para impulsionar a parceria. Era o primeiro passo em uma longa e exitosa caminhada. O chamado “Regionalismo

crítico” balizou o percurso de Julio e Dalton na confusa década de 1990. Reflexivos e atentos, souberam conduzir o barco entre o regional e o universal. Encontraram no espanhol José Rafael Moneo Vallés e no italiano Renzo Piano, seus referenciais principais, pelas palavras e obras.

A trajetória do escritório desses arquitetos é marcada pelo compromisso de realizar projetos que interpretam o sítio e se articulam morfologicamente com o ambiente no qual se inserem, seja urbano ou rural, e pela consideração às tradições construtivas dos locais onde as edificações são implantadas. Chama a atenção nos projetos desses arquitetos o refinamento dos detalhes e a execução rigorosa de cada obra, condição importante para que alcance a qualidade desejada.

A produção de obras da dupla e suas parcerias concentra-se na capital e avança para o norte, onde encontra-se a área ocupada pela imigração italiana do último quartel do século XIX. Do escritório situado na outrora bela e tranquila Rua Santa Terezinha, número 288, sala 2, no bairro Farroupilha, saíram a maioria dos projetos que afirmaram a parceria. Merecem destaque a Caixa Econômica Federal (1997), na Rua Fioravante Milanez, número 147, no centro da cidade de Canoas, na Região Metropolitana de Porto Alegre; a antiga residência Collares (1993), na Rua de Souza Jr. número 74, no Jardim Olímpico em Porto Alegre; projeto para o Restaurante Panorâmico da Usina do Gasômetro (1994), vencedor do concurso público promovido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, com a participação da arq. Maria Fátima Beltrão, que foi divulgado pela revista *Projeto*, nº 182, de janeiro-fevereiro de 1995 (não executado); a Casa Tesser-Waldruff (2009), em Faria Lemos, distrito do município de Bento Gonçalves na chamada Serra Gaúcha; o Complexo Operacional dos Correios

(1996), na Avenida Sertório, número 4222, no bairro Navegantes em Porto Alegre, do qual participou o arq. Paulo Roberto Mello (da Empresa de Correios e Telégrafos), obra publicada na revista *Projeto Design*, nº 273, de novembro de 2002; o edifício-sede da Escola Infantil do Colégio Anchieta (2013), à Avenida Nilo Peçanha, no bairro Três Figueiras, em Porto Alegre; a ampliação do Terminal de Passageiros do Aeroporto Internacional Salgado Filho (2013), projeto não executado, na zona norte de Porto Alegre; e o Colégio Marista do bairro Ipanema, (2014), na Avenida Coronel Marcos em Porto Alegre.

É importante lembrar a participação de Julio e Dalton em bienais de arquitetura como as promovidas em Porto Alegre pelo Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento do Rio Grande do Sul, e nas prestigiadas Bienais Internacionais de Buenos Aires e São Paulo.

Fruto do trabalho desenvolvido especialmente na década de 1990 e na primeira metade da primeira década do novo milênio, fase de afirmação, o escritório recebeu o reconhecimento profissional ao ter seus dois sócios agraciados com o título de arquiteto do ano de 2004 pelo Sindicato dos Arquitetos do Estado do Rio Grande do Sul (SAERGS). As principais realizações dos arquitetos que compuseram o atelier também frequentaram as páginas das duas principais revistas de arquitetura do país, a *Projeto*, que se tornou posteriormente *Projeto Design e Arquitetura & Urbanismo (AU)*.

Dentre os projetos divulgados nas revistas estão os resultados dos concursos realizados no ocaso do século XX. O trio, Julio, Dalton e Marcos, venceu os dois principais concursos públicos promovidos pelo Governo do Estado. Ganharam o concurso público de arquitetura Teatro da OSPA (para a sede da Fundação Orquestra Sinfônica de Porto Alegre), em 1997, onde novamente contaram com a colabora-

ção de Carlos Hubner, publicado na revista *Projeto Design*, nº 215, de dezembro de 1997, e na revista *AU*, nº 77, de abril/maio de 1998. Infelizmente o Teatro da OSPA, que deveria ser implantado na região do Cais Mauá, não foi realizado. Eles venceram também o concurso público para o Complexo Cultural do Theatro São Pedro – Multipalco Eva Sopher, onde contaram com a colaboração de Carlos Alberto Hubner e Maria Fatima Beltrão (também colegas no UniRitter), publicado na revista *Projeto Design*, nº 223, de agosto de 1998. O projeto do Multipalco, de imediato, recebeu a Medalha de Ouro da 9ª Quadrienal de Cenografia e Arquitetura de Teatros – Teatros para o Terceiro Milênio (1999), em Praga, República Tcheca.

O Theatro São Pedro situa-se no lado norte da Praça Marechal Deodoro, popularmente chamada de Praça da Matriz, local onde encontram-se, no lado oposto, desde o século XVIII, o Palácio do Governo e a sede da Igreja Católica, construídos originalmente na época fundacional de Porto Alegre. Na atualidade, o Palácio Piratini substitui o antigo Palácio de Barro, enquanto a Catedral Metropolitana ocupa o espaço outrora ocupado pela antiga Igreja Matriz de Nossa Senhora Madre de Deus e sua vizinha Capela do Divino Espírito Santo. Fruto de uma reforma de uma edificação ali existente, feita logo após a Guerra dos Farrapos (1835-1845), no mesmo lado do quarteirão passaria a funcionar também a Assembleia Provincial, no Império, e a Assembleia Legislativa, na República. Após o armistício, foram construídos no lado norte o Theatro São Pedro e a nova Casa de Câmara (onde hoje encontra-se o Palácio da Justiça), edificações cujos projetos são atribuídos ao alemão Georg Karl Phillip Theodor von Normann (1818-1862).

Na face leste da praça, na esquina com a Rua do Poço (hoje Jerônimo Coelho), foi construída

uma edificação, inaugurada em 1871, para abrigar a Secretaria de Obras e mais tarde o Comando de Armas (a partir de 1890), ficando popularmente conhecida como Forte Apache. Quando o antigo Palácio do Governo foi demolido para a construção do atual Palácio Piratini, em 1896, o prédio tornou-se sede do Executivo estadual (de 1896 a 1922).

No lado oeste, foram construídas a sede da Soirée Porto Alegrense (popularmente chamada de Bailante, construída provavelmente na década de 1860), espaço cultural de linguagem classicista na qual eram realizados especialmente concertos, bailes e saraus poéticos, e, ao lado desta, em cota mais elevada, a sede da Companhia Hidráulica Porto Alegrense (1866), com tanque para abastecimento da cidade. No ano de 1924 a Bailante foi demolida. Em foto da década de 1920, aparece nesse lado da praça um jardim, que no ano de 1927 deu lugar ao Auditório Araújo Vianna, que ali permaneceu até 1958, quando cedeu espaço para a construção da nova sede da Assembleia Legislativa, conhecida como Palácio Farroupilha.

Neste breve histórico do sítio, vê-se que, além de ser uma praça cívico-religiosa, é também um local no qual as atividades culturais se afirmaram. Nesse sentido, o Multipalco, anexo ao antigo teatro, reforça e revigora o espírito do lugar.

Para realizar o concurso público nacional visando a concepção do Multipalco, foi escolhida a área existente entre o Theatro São Pedro e o Arquivo Público do Estado, voltada para a Rua Riachuelo. Três níveis inferiores foram escavados para abrigar as garagens do complexo cultural. No nível da Rua Riachuelo encontram-se os equipamentos culturais propostos. O projeto vencedor do concurso nacional de projetos cria um amplo foyer, acessado pela Rua Riachuelo, cuja feição final lembra, pela inclinação e curva da parede voltada para a sala do teatro italiano,

o interior do Pavilhão da Finlândia na Feira de Nova York (1940), de Alvar Aalto (1898-1976). No núcleo central da planta, ligados diretamente ao foyer, encontram-se a sala de teatro citada, que foi ampliada, e a sala do teatro oficina. No entorno desse núcleo central, organizam-se os espaços administrativos e os voltados à dança e à música. Merecem destaque as salas destinadas a essas duas atividades. Da sala destinada à dança, descortina-se uma bela vista do vizinho Arquivo Público. Inegavelmente, o interior da edificação é potente e surpreendente. Contrasta com a sua sobriedade externa, chamada de “arquitetura silenciosa” pelos seus autores.

O projeto explora a topografia do terreno adjacente à face oeste do Theatro São Pedro, sem ocultá-la. Era exigência do edital. Entre o teatro oitocentista e a nova edificação, estabeleceu-se uma ligação entre a Praça Marechal Deodoro, popularmente conhecida como Praça da Matriz, e a Rua Riachuelo. Escadarias logo abaixo do nível da praça e acima do nível da rua definem um nível intermediário entre os dois logradouros públicos, ao lado do teatro, onde foi proposto um largo sob o qual ficam os equipamentos culturais definidos pelo programa. Nele estão os acessos ao Multipalco, próximos das escadarias, um anfiteatro ao ar livre e um restaurante, organizados ao seu redor. É importante salientar que a cota em que se encontram essas edificações e a transparência das mesmas respeitosamente oferecem o protagonismo à face oeste do antigo teatro, que anteriormente era pouco visível pela falta de acesso. A presença do auditório no largo intermediário resgatou a presença desse tipo de equipamento cultural, que outrora existiu na face oeste da Praça Marechal Deodoro e que deu lugar ao prédio do Palácio Farroupilha.

A face do Multipalco voltada para a Rua Riachuelo cumpre com a função de complementar a face norte

da via, assumindo a posição de coadjuvante silenciosa na trama que envolve de um lado os fundos do tradicional teatro e do outro a fachada do Arquivo Público. Seu propósito foi exatamente este: cumprir o papel conciliador na formação da paisagem urbana.

As obras foram iniciadas em 2003. Seis anos depois, a parte superior, que é a área externa, onde encontram-se a praça (a qual chamo aqui de largo), o auditório ao ar livre e o restaurante, foi inaugurada. Por último foram realizadas as obras internas. No dia 1º de outubro de 2014 (Dia Internacional da Música), foi inaugurada a sala de música. Em 2023, foi inaugurado o Teatro Oficina Olga Reverbel. Outra homenagem merecida, afinal, no campo das artes cênicas e educação, dona Olga Reverbel (1917-2008), minha conterrânea, foi uma pioneira no nosso meio. Atualmente estão sendo realizadas obras especialmente na sala do teatro italiano, cuja conclusão está prevista para 2025. Se considerarmos as dificuldades econômicas que o Estado vem enfrentando há décadas, não é estranha a demora em concluir as obras. O vizinho Palácio da Justiça levou década e meia para ser inaugurado. Cabe lembrar a dimensão do Multipalco para se compreender as dificuldades encontradas para viabilizá-lo.

Em função do exposto, cabe ressaltar a resiliência que a senhora Eva Sopher (1923-2018) teve para salvar o Teatro São Pedro – ainda que eu discorde das intervenções realizadas –, colocá-lo em pleno funcionamento e impulsionar a construção do Multipalco. Lamentavelmente não encontrou mais forças para continuar. Faleceu aos 95 anos de idade, 43 deles dedicados à instituição. Foi substituída pela pessoa

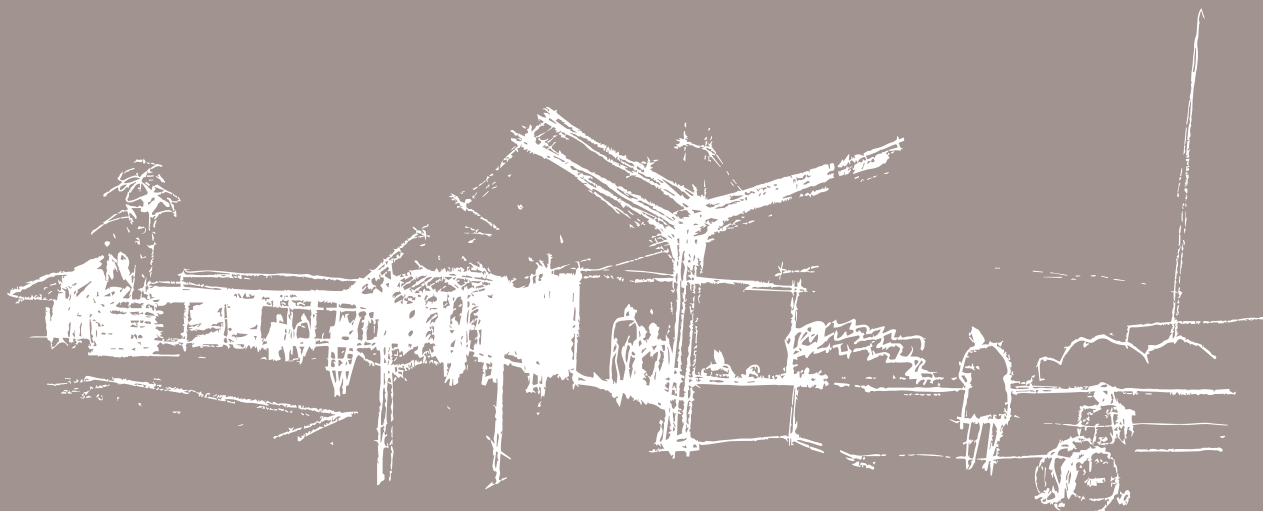
mais indicada para dar continuidade, o jornalista, escritor e crítico de teatro Antonio Hohlfeldt, pessoa identificada com a cultura e seu amigo pessoal. Em um almoço que tivemos, eu e dona Eva, no Teatro São Pedro, ela demonstrou profunda preocupação com o desencadeamento das obras. Na oportunidade disse-lhe que seria um incentivo a mais para motivá-la a viver, e completei, afirmando que se ela não visse sua obra concluída, pelo menos o seu fantasma se faria presente. Eva Sopher está presente diariamente nesse espaço que orgulha todos os gaúchos por se tratar do maior complexo cultural do estado do Rio Grande do Sul.

Para concluir, gostaria de lembrar que a Carta de Veneza (1964), documento histórico e ainda basilar na preservação do patrimônio cultural no nível internacional, recomenda, no seu final, que as obras de restauração devem ser documentadas e publicadas. O Multipalco, como obra pública contemporânea que é, merecia um livro à sua altura. Assim deveríamos proceder em todas as ocasiões. Parabênzo, pois, a iniciativa do Julio e do Dalton de nos oferecer este trabalho, pormenorizadamente detalhado, mostrando inclusive os percalços inevitáveis em obras dessa magnitude e complexidade, fundamental para que daqui para frente possamos falar com conhecimento de causa sobre aquilo que lá foi realizado.

Maturino Salvador Santos da Luz

Professor de Teoria e História da Arquitetura
Curso de Arquitetura e Urbanismo
Escola Politécnica da PUCRS

Introdução



Apresentação

Este livro documenta a arquitetura do Multipalco Eva Sopher, uma obra que integra o Complexo Cultural do Theatro São Pedro, situado em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e conta algumas histórias de como se deu o processo de concepção desde o estudo preliminar até a inauguração final da obra.

Essa arquitetura é mostrada nas suas diferentes etapas, por meio da documentação do projeto, como croquis, desenhos técnicos, fotografias, textos extraídos dos arquivos do escritório e textos produzidos recentemente visando a publicação.

Os projetos complementares não são mostrados no livro. No entanto, com base nos memoriais de cada um, esses projetos são mencionados na descrição da materialização do edifício, assim como são citados os seus responsáveis técnicos e outros envolvidos.

Julio Ramos Collares, Dalton Bernardes e Marco Peres são os arquitetos autores do projeto. Julio e Dalton respondem pela produção e organização deste livro.

Foram convidados os reconhecidos arquitetos e professores Angelo Bucci, Maturino Luz e Sergio

Marques para participarem comentando e apresentando o projeto e a obra do Multipalco. Além destes, também colaboram neste feito, com seus depoimentos, o professor Antonio Hohlfeldt, personagem da cultura e das artes, atual presidente da Fundação Theatro São Pedro, e o professor José Roberto Goldim, presidente da Associação Amigos do Theatro São Pedro, incentivadores da publicação e da obra.

O projeto para o Multipalco Eva Sopher resultou de um concurso público de projetos de arquitetura, modalidade de licitação que permite a antevisão e apreciação das qualidades da obra proposta em todas as suas dimensões. Com o título “Concurso Público de Arquitetura – Complexo Cultural do Theatro São Pedro”, o evento ocorreu entre 1996 e 1998, portanto, no fim do século passado.

Em 2003, já com as obras em andamento, o novo edifício passou a ser chamado de Multipalco e, mais tarde, em 2018, logo após o falecimento de sua mentora, recebeu o nome de Multipalco Eva Sopher em sua homenagem.

As bases conceituais do escritório na época do concurso

A conquista do primeiro lugar nesse Concurso Público foi um resultado muito almejado, dentro de uma estratégia de trabalho planejada, a partir de um conjunto de variáveis do entorno profissional e acadêmico dos autores, que convergiram para uma forma de fazer arquitetura característica do escritório. A experiência profissional em programas diversos e

complexos, a ambição pela arquitetura de excelência, o convívio em ambiente acadêmico potente e a participação constante em concursos de arquitetura foram ingredientes dessa empreitada bem-sucedida.

Depois de um período de carência de concursos públicos, no período da ditadura militar em nosso país, o Instituto de Arquitetos do Brasil retomou essa

Pražské Quadriennale 1999

9. mezinárodní výstava scénografie a divadelní architektury



Katalog / Catalogue

Prague Quadrennial 1999

9th International exhibition of stage design and theatre architecture

Ministr kultury České republiky
na návrh Mezinárodní poroty Pražského Quadriennale
uděluje

Praha dne 12. 4. 1999

Expozici Brazílie

– za vynikající funkčnost a lidského rozměru
celý projekt divadla

Theatro São Pedro - Complex

arc. Dalton B. Mendes
arc. Julio Collares
arc. Marco Pires



Zlatá medaile

za nejlepší realizovaný projekt
v sekci divadelní architektury

Petr Kofíř PQ

Mezinárodní porota

Generální ředitel

Prague Quadrennial 1999 –
Certificado da Medalha de
Ouro

prática com mais frequência no final dos anos 1980, algo muito comemorado no meio profissional.

Essa oferta se encaixou com o momento de afirmação do escritório. Além da captação de novos trabalhos, a possibilidade de exercitar programas diversos e complexos nos atraía muito.

Até o concurso do Multipalco, nosso escritório, Julio Ramos Collares, Dalton Bernardes – Arquitetura S/S, já havia participado de dez concursos públicos.

Examinamos a seguir em que contexto trabalhávamos naquele momento e qual era o pano de fundo sobre o qual nos apoiávamos.

Para a produção da arquitetura, a década de 1990 está marcada por algumas singularidades. Naquele momento, a arquitetura chamada de pós-moderna perdia força, e os exageros de algumas de suas vertentes já não faziam sentido. Conforme Moneo,¹ em ensaio publicado na revista *El Croquis*, é a década da fragmentação. Na arquitetura, como nas artes e no pensamento em geral, a diversidade é o tema para debate, e isso aponta para a valorização daquilo em que a unidade não é uma qualidade, mas sim o multifacetado e fragmentado. A arquitetura, que necessita de tempos mais longos para seus experimentos e validações do que outras artes, naquele intervalo de uma década, estava à busca de novos caminhos. Não era mais possível seguir uma única vertente. A fragmentação de que se fala não necessariamente produziu formas que são assim identificadas, mas surgiu no campo das ideias, apareceu nos conceitos e nas interpretações antes de aparecer nos partidos arquitetônicos. Exceções à regra, por vezes, surgiram explicitamente assim, como o Museu Guggenheim de Bilbao, de Frank Gehry, inaugurado em outubro de

1997, algo inédito em termos de forma fragmentada. Como aponta Moneo no ótimo texto já citado, datado de 1998, a obra arquitetônica como simples reflexo direto do *zeitgeist* pode ser também uma armadilha. O espírito da época, com frequência, só pode ser identificado após alguma distância no tempo.

A arquitetura, na última década do século XX, não estava buscando caminhos para o seu próprio momento; na verdade, embora se tratasse de apenas uma efeméride astronômica, estava com o sentido na virada do milênio, mirava no século seguinte.

Diante das muitas possibilidades advindas de um pensamento fragmentado, naquele tempo se falava (e ainda hoje se fala) em arquitetura fluida, arquitetura líquida, arquitetura paramétrica, na supervalorização da pele ou do envoltório em detrimento do conteúdo e, até, colocando o peso maior no tempo e na ação, de uma arquitetura sem forma. Conceitos de funcionalidade e permanência são relativizados ou mesmo postos em xeque.

Reconhecendo tamanha quantidade de rumos e questionamentos na busca de um caminho coerente, nos parecia razoável examinar e dar valor àqueles atributos próprios da disciplina e do processo criativo típicos da arquitetura, com as suas ferramentas, onde necessariamente a forma estará presente em algum momento; a forma como resultado dos raciocínios mais abstratos e a forma como materialidade em que estão previstos os meios para que ela se configure. A lição aprendida de não ser excludente quanto às vertentes recentes do pensamento arquitetônico, tanto no caso do Multipalco quanto como postura geral, nos fez manter o olhar atento às informações e pistas do contexto como matéria-prima interpretável nos

1. Moneo, Rafael. Fragmentación y compacidad en la arquitectura reciente. Paradigmas de fin de siglo. *El Croquis* 98, originalmente publicado na revista *Harvard Design Magazine* no verão de 1998, p. 71-75.

conceitos de projeto, herança parcial do regionalismo crítico pós-modernista.

A arquitetura do fim do século passado, em meio a esse tumulto de ideias, teve contribuições importantes, resultado do trabalho de vários arquitetos. Podemos destacar dois notáveis, em nosso juízo, que, com suas obras, são referências daquele momento e adentraram o século XXI em pleno vigor: Rafael Moneo, a quem já nos referimos, e Renzo Piano.

O exame atento de seus projetos, à época, nos permitiu identificar o processo criativo e de trabalho específico do ofício ou serviço, como diz Piano.²

São dois expoentes que trabalham a materialidade como conceito inicial de especulação de uma forma justificada. A disciplina, com suas ferramentas e processos, leva a uma arquitetura em que a pertinência e a permanência são qualidades inequívocas, assim como a compacidade da forma é virtude a ser perseguida.

Esse universo fértil, mas também de alguma forma incerto e movediço, estava subjacente na produção

do nosso escritório e dialogava, por outro lado, com a formação acadêmica dos dois titulares do escritório, na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, durante os anos 1970, com forte vínculo com a arquitetura moderna e o discurso de resistência ao governo totalitário de então. No cenário político nacional, os anos 1990 foram marcados por eleição, impeachment, eleição e reeleição, e, no cenário econômico, pela proposta do Plano Real para combater uma inflação desenfreada. Eram muitos assuntos que se entrecruzavam.

Muitos arquitetos e estagiários colaboraram nas discussões internas no ateliê de trabalho, no endereço da rua Santa Teresinha, no amplo pavimento do edifício Rosa Yara, onde tivemos sede durante quase quatro décadas, frequentada por muitos colegas. Outros tantos estiveram conosco nas atividades acadêmicas em que a circulação das ideias, naquele período, foi riquíssima.³

Os três autores eram professores na FAU UniRitter e lecionavam disciplinas de projeto arquitetônico, nas

2. “La arquitectura es un oficio de servicio, pues eso es lo que es: un servicio. La arquitectura es un oficio complejo porque el momento expresivo formal es un momento de síntesis fecundado por todo aquello que se encuentra detrás de la arquitectura: la historia, la sociedad, el mundo real de la gente, sus emociones, esperanzas y esperas; la geografía y la antropología, el clima, la cultura de cada país donde se va a trabajar; y, de nuevo, la ciencia y el arte. La arquitectura es un oficio artístico, aunque al mismo tiempo también es un oficio científico; éste es justamente su hecho distintivo.” PIANO, Renzo. *Renzo Piano: la responsabilidad del arquitecto. Conversación con Renzo Cassigol*. Conversaciones con..., 1º edición, Barcelona, Gustavo Gili, 2005.

3. Por ordem alfabética listamos todos os colaboradores e parceiros que passaram pelo escritório até o presente momento: Adans Hüber, Adriane Marques, Alaor Vallim Jr., Alci Bubols, Ana Mähler, Ana Cerrí, Andreia Valar, Augusto Portugal, Bibiana Becker, Brunna Kronbauer, Bruno Carneiro, Castelar B. Peña, Carlos Alberto Hubner, Carolina Vaz, Cassanda Salton Coradin, Catielle Fortes, Cláudia Titon, Cristiano Soares, Diego Brandalise, Diego Peliccioli, Diniz Álvaro Machado, Diogo Suñe Pfeifer Sant’Anna, Emílio Rothfuchs, Enilton Braga, Fabiana Nunes, Fernando Duro da Silva, Filipe Rossato Krebs, Flávia Kliemann, Flávio Veloso, Francisco Laitano, Gerássimos Vardaramatos, Glauco Campello, Guilherme Brenner Mattos, Guilherme Cassanta, Gustavo Masotti, Heloísa Coelho, Julia Rosa Bernardes, Juliana Cruz, Julio Caetano da Silva, Karen de Ávila, Kelwinn Fraga, Larissa Granzotto, Laura Mardini Davi, Letícia Oliveira, Luiz Antônio Rocha, Luiza Collares Moré, Mara Eskinazi, Marco Aurélio Ciongoli Peres, Maria Carolina Comin, Maria Fatima Beltrão, Maria Izabel Marocco Milanez, Maria Luiza Adams Sanvitto, Mariana Hugo, Mariana Wilkens Flores Soares, Matheus Stringhini, Maturino Salvador da Luz, Maurício Borges Fortes da Rocha, Michele Sommer, Míriam Dall’igna, Mônica Luce Bohrer, Nara Macuglia, Natacha Nelz, Patrícia Hoff, Paula Suñe Pfeifer Sant’Anna, Paulo Cesa, Paulo Leônidas Barros, Paulo Mello, Rafael Bressan, Rafael Marconatto, Rafael Marques, Raul Hölfiger, Ricardo Mannino, Ricardo Vargas Vasconcellos, Rodrigo Scheeren, Rufino Becker, Shaiane Camargo, Sílvia Oliveira, Taís Fagundes, Taís Schein, Thays Pappis, Vinícius Corrêa e Vinícius Oliveira.

quais esses temas eram abordados. O binômio arquiteto-professor, com um pé na prática profissional e outro na academia, era exercido de forma intensa e gratificante.

Era nesse meio acadêmico, dependendo do momento, do porte e da ênfase das encomendas profissionais, que surgiam oportunidades e interesses comuns na formação das equipes de trabalho. Marco Peres é uma dessas parcerias nascidas da amizade e da prática conjunta de ensino em ateliê, que por afinidade perdurou e teve coautoria em outros tantos trabalhos do escritório. Carlos Hubner e Maria Fatima Beltrão, arquitetos e professores, foram colaboradores neste projeto e parceiros do escritório em muitas outras ocasiões. As arquitetas Patrícia Hoff e Luiza Collares Moré também colaboraram em distintos momentos.

Para caracterizar objetivamente a década de 1990, podemos alinhar projetos e eventos marcantes e muito significativos que nos envolveram nos meios acadêmico e de produção profissional, como:

- o projeto de renovação urbana de Berlim, o IBA, que iniciou em 1979 e foi concluído em 1987, que esteve presente em muitas publicações e foi sistematicamente citado e discutido como referencial na FAU UniRitter;
- muitos dos grandes projetos da era Mitterrand,⁴ na capital francesa, foram publicados ou concluídos nesse período, como o Grande Louvre e a pirâmide de I.M. Pei, de 1988, que tanta polêmica gerou; a Cidade da Música, de Portzamparc, a Cidade das

Ciências e da Indústria, de Adrien Fainsilber, ambas no Parque de La Villette, ao norte de Paris; a Ópera da Bastilha, do uruguaio Carlos Ott, o Ministério da Economia e Finanças, de Chemetov e Huidobro, e a Biblioteca Nacional da França de Dominique Perrault, entre tantos outros;

- a produção francesa do peruano Henrique Ciriani;
- a intervenção de Renzo Piano na *Potsdam Platz*, em Berlim;
- o MUBE e a Pinacoteca de São Paulo, ambos de Paulo Mendes da Rocha, inaugurados em meados da década;
- o programa Favela-Bairro, da Prefeitura do Rio de Janeiro, iniciado em 1994, comandado por Luiz Paulo Conde e que tinha como objetivo integrar as favelas à cidade formal;
- a Sala São Paulo de Nelson Dupré, aberta ao público em 1999;
- a produção paulista do escritório MMBB;⁵
- o MALBA de Buenos Aires, de 1997, concurso internacional de projetos com grande número de participantes de inúmeros países;
- os projetos de Rafael Moneo, especialmente os da Espanha, como os Auditórios Kursaal em San Sebastián, a Prefeitura de Múrcia, o Auditório de Música de Barcelona e outros.

Na esteira desses projetos, os IABs de todo o país trabalharam na organização de concursos públicos de projetos, modalidade sempre defendida pelo Instituto. Nesses anos 1990, como já registramos, participamos

4. François Mitterrand, do partido Socialista, foi presidente da França de 1981 a 1995, sucedendo Valéry Giscard D'Estaing. Mitterrand desenvolveu uma política de grandes obras públicas de características inovadoras. Onze obras de grande repercussão foram implementadas durante os catorze anos de seu mandato.

5. O MMBB é um escritório de arquitetura fundado em São Paulo em 1991. É formado por Fernando de Mello Franco, Marta Moreira e Milton Braga. Teve como sócio Angelo Bucci de 1996 a 2002.

de muitos deles e ainda de concursos restritos, a convite. Destacamos os seguintes: – Concurso para o Centro de Atendimento Médico da Prefeitura Municipal de Gravataí/RS, 1991; – Concurso Público de Anteprojetos de Arquitetura para o Restaurante Panorâmico da Usina do Gasômetro, Porto Alegre/RS, IAB/RS, 1994; – Concurso Público de Anteprojetos de Paisagismo e Arquitetura para o Parque Municipal de Canoas/Niterói, Canoas/RS, 1995; – Concurso Público de Anteprojetos de Arquitetura para o Teatro da OSPA, Porto Alegre/RS, Secretaria de Cultura do Estado e IAB/RS, 1997; – Concurso Público de Anteprojetos com Habilitação Prévia para a Caixa Econômica Federal – Agência Erechim, Erechim/RS, Caixa Econômica Federal, 1997; Concurso Público de Anteprojetos de Arquitetura do Complexo Cultural para o Theatro São Pedro, Porto Alegre/RS, Secretaria de Cultura do Estado e IAB/RS, 1997-98; e – Concurso Público de Anteprojetos de Arquitetura para o Parque Tecnológico da CIENTEC, Cachoeirinha/RS, IAB/RS, 1999.

Destes, alguns vencemos e, com a maioria, incorporamos conhecimento, agilidade, organização e muitas amizades. Frustrações também tivemos, mas foram poucas.

Cabe lembrar também que, além dos projetos referenciais anteriormente listados, conhecidos e estudados através das publicações, aqui em nosso meio, grande número de profissionais, entre os quais nos incluímos, iam a Buenos Aires participar das edições da Bienal Internacional de Arquitectura que faziam sucesso com a presença de profissionais renomados de todas as latitudes. Palestras e exposições memoráveis, das longas e densas leituras de Franco Purini

às concorridíssimas apresentações de Richard Meyer, algo mais pop, eram coordenadas por Jorge Glusberg e a equipe do CAyC. Para tanto, a Buenos Aires cosmopolita, com sua efervescência cultural e feição europeia, era cenário mais que adequado. Com eventos de arquitetura em alta, São Paulo também teve destaque com suas bienais, onde participamos em 1993, ao mesmo tempo em que o IAB/RS promovia bienais locais, nas quais mostramos a produção do escritório em 1993 e 1997.

As viagens de estudo, dentro do Brasil e na vizinhança do Cone Sul, e as viagens de turismo arquitetônico ficaram frequentes a partir do início dos anos 1990.

Sobre as publicações, as tradicionais revistas *Projeto* e *AU*, nacionais, seguiam fortes, divulgando especialmente a produção brasileira, explorando a mostra de alguns nichos de produção regional, até então pouco divulgados. Paralelamente, as revistas e livros internacionais chegavam até nós, muito pela ação dedicada da Livraria do Arquiteto. Senão, buscávamos na CP67, no endereço da Calle Florida, em Buenos Aires. Também nessa época, teve início a revista *Summa*,⁶ cujos números alentados e de excelente qualidade gráfica eram esperados ansiosamente. Textos de crítica de arquitetura de Ruth Verde Zein, Hugo Segawa, Carlos Eduardo Dias Comas, entre tantos outros, e o referencial “Arquitetura Contemporânea no Brasil”, de Yves Bruand, que embora tivesse tido sua primeira edição na década anterior, teve muitas edições seguintes, estavam agora na cabeceira de muitos, favorecendo e respaldando a discussão arquitetônica na academia e fora dela. Tudo isso ainda em papel.

Foi nesse período, entre 1997 e 1998, que o escritório se informatizou.

6. No mês de novembro de 2023, Fernando Diez, dedicado arquiteto da *Summa*, amigo, querido de muitos no nosso meio gaúcho, nos anuncia o último número da revista. A *Summa* cumpriu um papel muito importante na disseminação da cultura arquitetônica.

Arrematando a década, e para concluir esta introdução contando histórias, participamos com o projeto do Multipalco da Quadrienal de Praga 1999 – *9th International Exhibition of Stage Design and Theatre Architecture*, onde recebemos a medalha de ouro juntamente com a representação brasileira. Fomos, os três autores, numa viagem que ainda teve como destino Londres e Viena, pontos importantes para nossos interesses arquitetônicos à época. Enviamos a maquete de madeira balsa, feita pelos dedos hábeis da Flávia Kliemann, pela DHL, bem antes de nossa viagem. Cuidado inútil, pois a maquete ficou presa na alfândega à espera de pagamento de impostos para produto comercial – algo caríssimo na época! Isso rendeu dois dias de discussão e argumentação, da nossa parte, com um inglês mais ou menos e alguma mímica, e da parte do fiscal alfandegário, também com mímica e um tcheco raiz. Por fim, vencemos. Liberada no dia seguinte, nunca esquecemos da cena chapliniana do José Carlos Serroni, nosso bom parceiro paulista da cenotécnica que coordenava a participação brasileira na Quadrienal, apressado, empurrando um carrinho de mão (não se sabe onde o conseguiu) com a maquete, pelas ruas de Praga, em direção ao pavilhão de exposições, onde

chegou na undécima hora, são e salvo. Ele e a maquete. Tudo pela arquitetura!

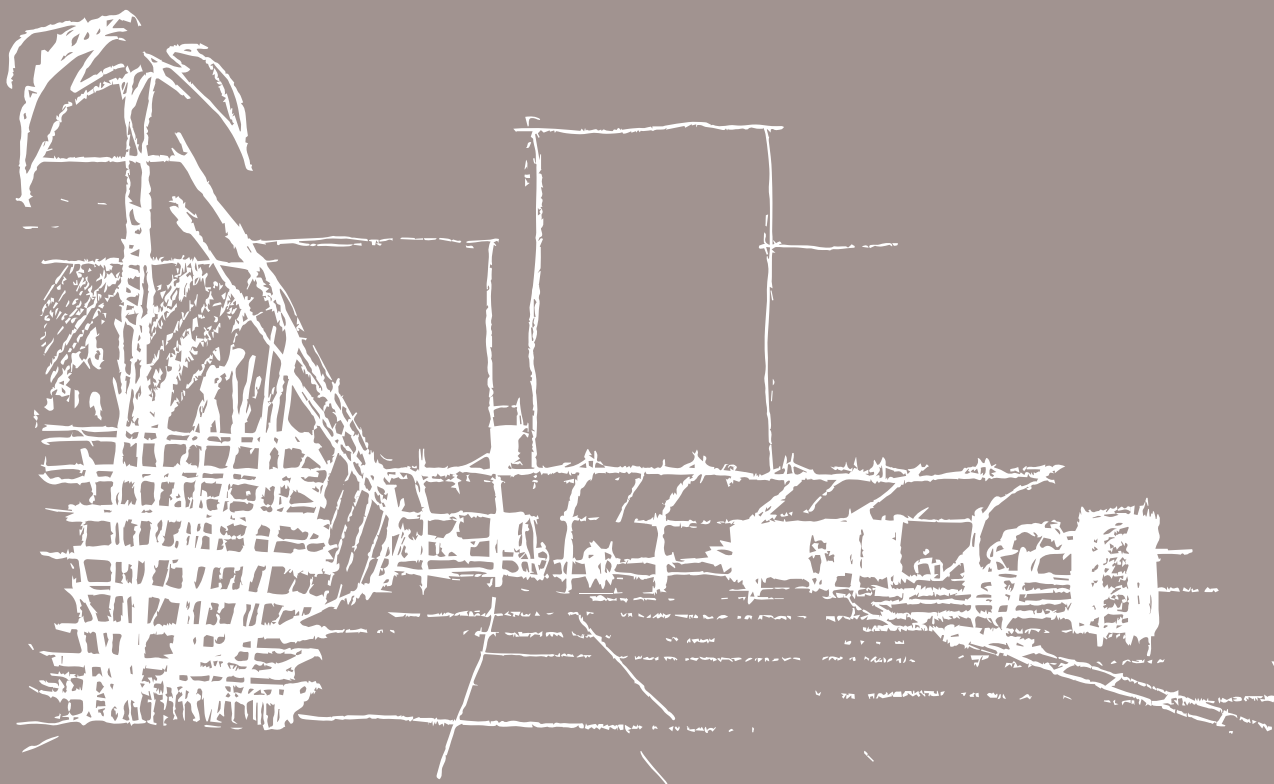
Com o panorama acima descrito tentamos situar e auxiliar o leitor a entender o pensamento e o espírito em nosso escritório à época da concepção do projeto do Multipalco.

O desenvolvimento do projeto executivo se deu imediatamente à finalização do concurso e, após o início da obra, em 2003, sofreu alguns ajustes e atualizações, acompanhando seu lento andar com intermitências até chegar à fase final e sua conclusão. Como já foi dito, o Complexo Cultural do Teatro São Pedro, assim chamado à época do concurso, tomou o nome de Multipalco Eva Sopher, homenageando sua intrépida mentora.

O momento presente de conclusão da obra, a recuperação e o relato de um tempo profícuo e prazeroso de dedicação ao trabalho em nossas vidas profissionais que gostaríamos de compartilhar são argumentos suficientes, a nosso ver, para justificar a organização deste livro de arquitetura. Um livro de arquitetura em que, como tal, não devem faltar a explicitação das convicções, conceitos, desenhos de concepção e de esclarecimento do projeto, desenhos técnicos e textos críticos.

Tudo bem misturado com simplicidade e afeto.

O Concurso Público de Arquitetura



Com o título “Concurso Público de Arquitetura – Complexo Cultural do Theatro São Pedro”, no final de 1996, são apresentadas as Bases do Concurso, com edital, regulamento, programa de necessidades, anexos e minuta de contrato.

Apresentação

Em novembro de 1996: “O Governo do Estado do Rio Grande do Sul, através da Secretaria de Estado da Cultura, com a interveniência da Secretaria de Obras Públicas, Saneamento e Habitação, promove com a consultoria técnica do Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento do Rio Grande do Sul – IAB/RS, a organização do [...] Concurso Público de Arquitetura, visando a seleção e premiação dos melhores Estudos Preliminares para um complexo cultural anexo ao Theatro São Pedro a ser implantado sobre o terreno de aproximadamente 2.188 m², localizado entre o prédio do Theatro São Pedro e o prédio da Assembleia Legislativa do Estado, em Porto Alegre, e a execução por parte do autor do trabalho vencedor do Concurso de Arquitetura, necessários à execução das obras do Complexo.” (Edital, p. 1)

A Comissão Organizadora do Concurso era composta por representantes da Secretaria de Estado da Cultura, da Secretaria de Estado das Obras Públicas, Saneamento e Habitação, da Fundação Theatro São Pedro, da Associação Amigos do Theatro São Pedro, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, da Secretaria do Planejamento Municipal e do Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento do Rio Grande do Sul.

O governador do Estado do Rio Grande do Sul à época era Antônio Britto, tendo como secretário de Estado da Cultura Carlos Jorge Appel. O presidente

do Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento do Rio Grande do Sul – IAB/RS era o arq. Carlos Maximiliano Fayet. Dona Eva Sopher representava a Fundação Theatro São Pedro.

Iniciava-se o processo de materialização desse Complexo que vai se estender por mais de 28 anos, aproximadamente, até a conclusão total da obra.

Justificativa

“O Theatro São Pedro, referência maior da cultura do Rio Grande do Sul, é tradicionalmente conhecido como um dos mais belos e eficientes teatros brasileiros. Foi inaugurado, originalmente, em 1858 e reinaugurado em junho de 1984, após nove anos de exaustivos e bem-sucedidos trabalhos de restauração.

Durante estes últimos doze anos de funcionamento, tem estado sempre presente a ideia de fomentar, com uma infraestrutura adequada, o desenvolvimento de produções próprias e atividades que enriqueçam a programação já existente, possibilitando seu crescimento qualitativo e quantitativo, uma vez que o Theatro São Pedro ocupa, atualmente, posição de polo de difusão cultural, não só para o Estado, mas para todo o Brasil.

O objetivo da criação do Complexo Cultural do Theatro São Pedro é, além de atender à constante demanda de espaços equipados e eficientes, valorizar e humanizar uma área nobre do centro de Porto Alegre, unindo paisagisticamente a Praça da Matriz à Rua Riachuelo, além de resgatar a história do centro da cidade.

FORTE PAGO ECT. BR/RS. PR1/RS. 1212/93
DALTON ROBERTO PACHECO BERNARDES
RUA SANTA TERESINHA N.288 CONJ.02
78046-149, PORTO ALEGRE, RS

THEATRO SÃO PEDRO

Concurso Público de Arquitetura

COMPLEXO CULTURAL DO THEATRO SÃO PEDRO

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES
Inscrições até 26/12/96
Secretaria do IAB/RS
Rua Prof. Annes Dias, 166 • sala 102
CEP 90020-090 Porto Alegre RS
Fone/Fax: (051) 225 7623 e (051) 225 3607

PREMIAÇÃO
1º lugar: R\$ 12.000,00
2º lugar: R\$ 10.000,00
3º lugar: R\$ 5.500,00
4º lugar: R\$ 3.000,00
5º lugar: R\$ 2.000,00

PROMOÇÃO

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA CULTURA

ORGANIZAÇÃO

INSTITUTO DOS ARQUITETOS DO BRASIL
DEPARTAMENTO DO RIO GRANDE DO SUL


Theatro
São Pedro
PORTO ALEGRE - BRASIL

Folder do Concurso

O anexo do São Pedro prevê uma área de aproximadamente 8.500 m², para atender a vários segmentos artísticos como teatro, dança e música. Está previsto um teatro com 250 lugares, uma concha acústica ao ar livre, sala para ensaios, oficina, depósito, livraria, biblioteca, videoteca, arquivo histórico e restaurante, inclusive com estacionamento subterrâneo, que deverá atender perfeitamente o Teatro e seu futuro Complexo Cultural.

Este novo local garantirá aos artistas gaúchos espaços para elaboração, produção e apresentação de espetáculos, transformando-se, ao mesmo tempo, em mais um cartão-postal de Porto Alegre.” (Edital, p. 2)

Pressupostos básicos

Para a cidade, os pressupostos focavam em: “Complementar o processo de revitalização do Centro Histórico da Capital, através da ampliação da área de atividades culturais do Teatro São Pedro, gerando uma sequência para aquele conjunto urbano, preservando suas características pontuais pela manutenção de símbolos e monumentos, hierarquizando-os.” e “Valorizar as relações visuais do Complexo com os prédios do entorno, Teatro São Pedro e Assembleia Legislativa, buscando uma integração urbana.” (Edital, p. 4)

Objetivo

“É objetivo do Concurso a escolha do trabalho cujo autor ou equipe executará o Anteprojeto e o Projeto Executivo Completo de Arquitetura, para o ‘Complexo Cultural do Teatro São Pedro’, a ser implantado sobre o terreno de aproximadamente 2.188 m², localizado entre o prédio do Teatro São Pedro e o prédio da Assembleia Legislativa, na Praça Marechal Deodoro (antiga Praça da Matriz), e Rua Riachuelo, em Porto Alegre/RS [...] a partir do melhor Estudo

Preliminar selecionado pela Comissão Julgadora entre todos os trabalhos concorrentes.” (Edital, p. 3)

Dados complementares

O concurso foi realizado em uma etapa. A abrangência do Concurso foi de âmbito regional, sendo, no entanto, facultada a participação de profissionais habilitados de todo o país.

As inscrições se encerraram no dia 26 de dezembro de 1996. A data de entrega dos trabalhos era inicialmente para o dia 14 de fevereiro de 1997, posteriormente prorrogada para o dia 28 de fevereiro de 1997.

O arquiteto coordenador e seu adjunto e substituto a qualquer tempo eram o arquitetos Itabira Carasco e Ronaldo Alvim.

Premiação para o 1º lugar de R\$ 12.000,00.

Contrato: Anteprojeto e Projeto Executivo Completo no valor de R\$ 249.000,00.

Do julgamento

“Os trabalhos serão julgados de acordo com o que estabelece este Edital, o Regulamento, o Programa de Necessidades e os Anexos, contidos nas Bases do Concurso, considerando, além do atendimento aos pressupostos básicos à preservação ambiental, à preservação patrimonial, à qualidade arquitetônica da proposta, aos elementos edílios, à clareza e objetividade da concepção arquitetônica, à consistência técnica da organização espacial como um todo e às instalações em geral e especiais, bem como sua viabilidade econômica, observada a estimativa de custos previstas para a implantação do Complexo, constante do Regulamento do Concurso.” (Edital, p. 6)

“Ao longo de todas as fases do processo de julgamento dos trabalhos, a Comissão Julgadora contará com o apoio integral do Arquiteto Coordenador, que

não terá direito a voto, com assessoria especial permanente da senhora Eva Sopher e com o auxílio dos Consultores Técnicos requisitados, caso necessário na fase específica de análise das propostas.” (Edital, p. 7)

Em 8 de junho de 1998, em solenidade ocorrida na Casa de Cultura Mário Quintana, foi lida a Ata de Promulgação dos Resultados, feita a identificação dos trabalhos concorrentes e declarados os vencedores.

Ata de julgamento

“Os trabalhos [do júri ...] iniciaram no dia 01 de junho de 1998 [...] na Galeria Xico Stockinger da Casa de Cultura Mário Quintana [...]

[...] O Arquiteto Coordenador comunicou que dos 36 trabalhos entregues, 4 estavam inabilitados; [...]

Foi escolhida como relatora a Arquiteta Juliana Erpen, [...]

[...] As atividades da Comissão desenvolveram-se também nos dias 2, 3, 4 e 5 de junho [...]” (Ata de Julgamento, p. 1)

“A Comissão Julgadora optou por adotar, principalmente, os critérios estabelecidos nas ‘Bases do Concurso’:

Preservação ambiental: Inserção do edifício no sítio, considerando a qualificação dos aspectos ambientais ligados à vegetação, ruídos, insolação, aeração, em especial a relação com o pátio do Arquivo Público;

Preservação Patrimonial: qualidade da implantação com respeito ao contexto urbano edificado, especialmente os Prédios Históricos do entorno imediato;

Clareza da concepção de arquitetura: Atendimento ao programa de necessidades, boa articulação dos espaços decorrentes da aplicação do programa, volumetria da proposta espacial e sua relação com os Prédios Históricos do entorno, especialmente o Theatro São Pedro;

Consistência técnica da solução adotada, abrangendo os aspectos construtivos, estruturais, instalações complementares e principalmente as instalações especiais pertinentes ao programa;

Viabilidade econômica: adequação da proposta à estimativa constante nas bases do concurso.” (Ata de Julgamento, p. 1 e 2)

Avaliação

“[...] a Comissão acabou por selecionar 5 (cinco) trabalhos que, por seus méritos, destacavam-se distintamente dos demais:

[...]

A proposta AJ-110 destaca-se pela boa inserção no terreno, implantação harmônica com o entorno, excepcional clareza da concepção de arquitetura e seu resultado volumétrico, excelente articulação dos espaços internos; ressalta-se a qualidade espacial do foyer. [...]”. (Ata de Julgamento, p. 2)

Decisão da comissão julgadora

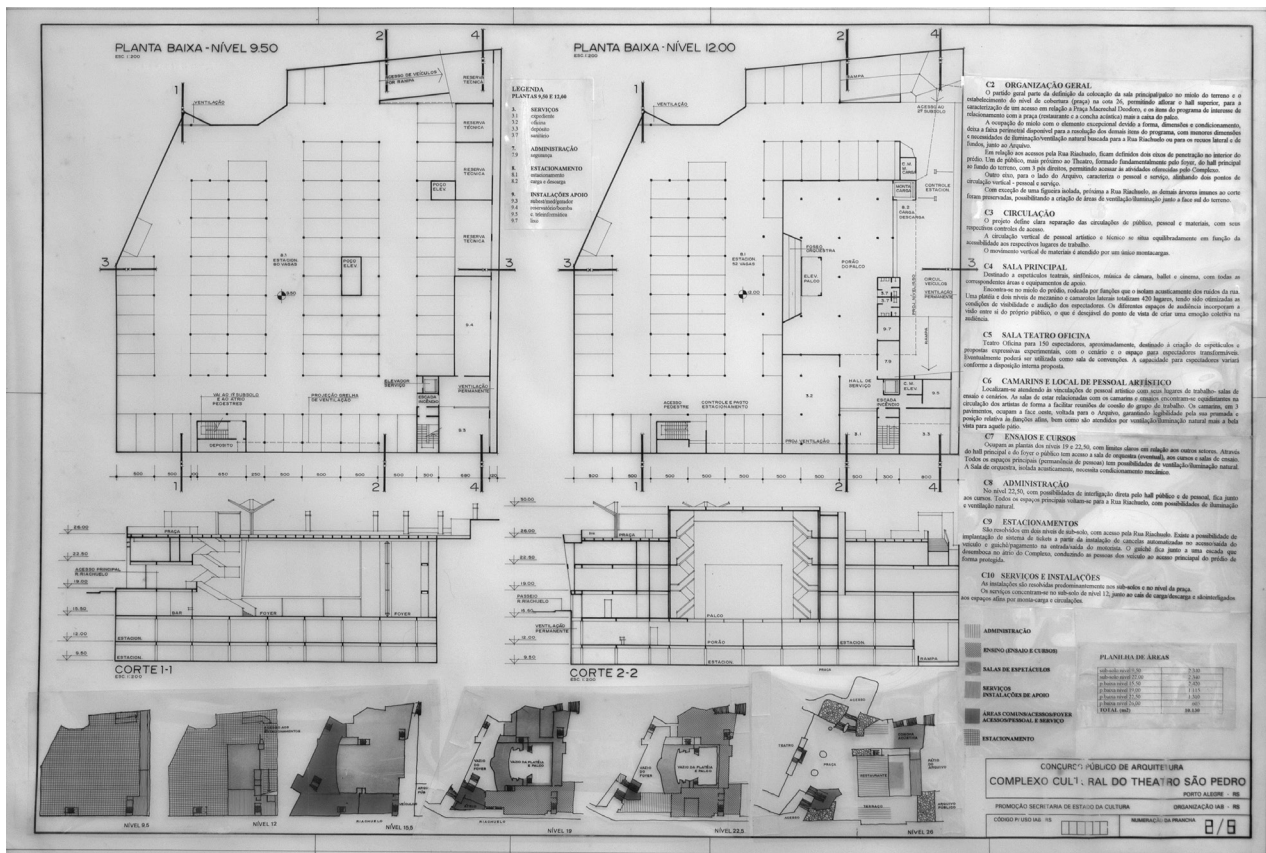
“Por unanimidade, a Comissão Julgadora definiu a seguinte classificação:

[...]

e proclamando como **VENCEDOR EM 1º LUGAR, O TRABALHO AJ-110.**

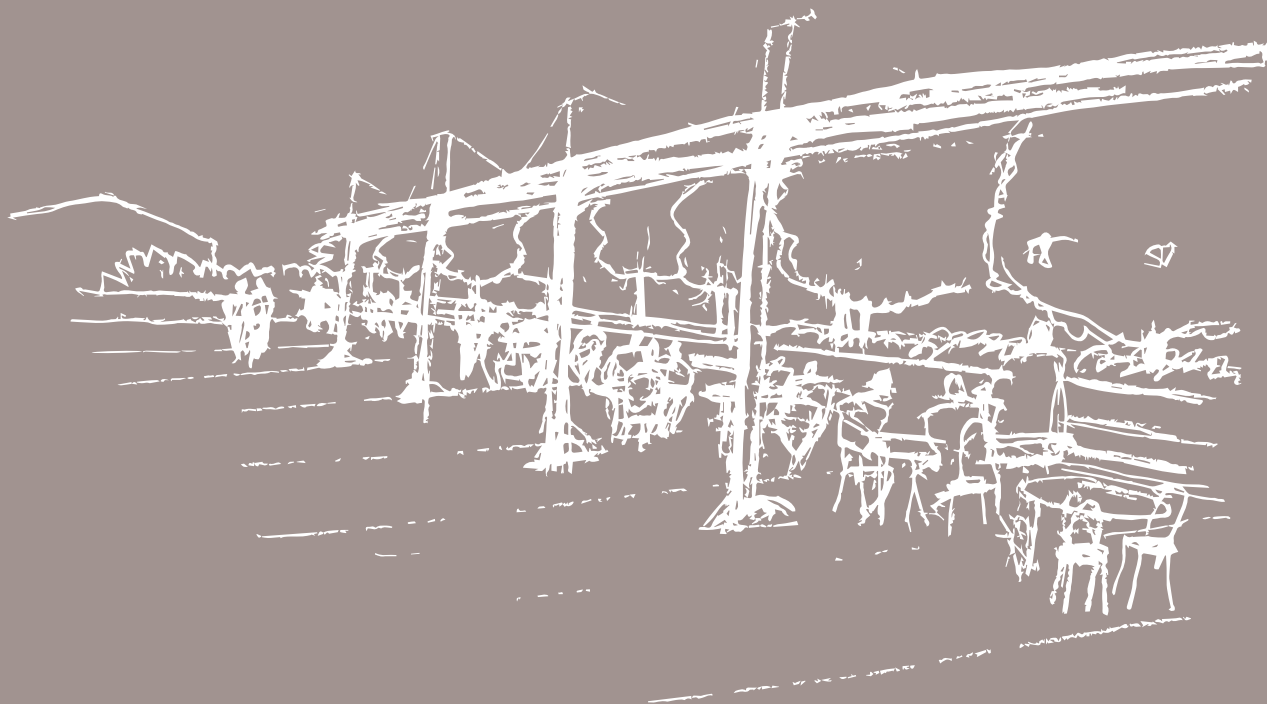
[...] 8 de junho de 1998, às 15:00 horas, a Comissão Julgadora fez lavrar a presente ata [...]

Arquiteto Carlos Max Moreira Maia
Arquiteto Roberto Py Gomes da Silveira
Arquiteto David Léo Bondar
Arquiteto Octacílio Rosa Ribeiro
Arquiteta Juliana Erpen
Arquiteta Sandra M. Tietbohl Boeira
Engenheiro Milton Lopes da Costa
Arquiteto Luiz A. Tirelli Lopes”



Pranchas originais apresentadas no concurso. Plancha 2/5 – Nanquim e impressões sobre papel vegetal

O Estudo Preliminar do Multipalco Eva Sopher



Situação

A Praça Marechal Deodoro, ou Praça da Matriz, está localizada no coração do Centro Histórico de Porto Alegre, no ponto alto de um promontório orientado de oeste para leste, cuja crista é marcada pela Av. Duque de Caxias. Essa silhueta elevada da topografia define duas encostas. Uma voltada para o sul, que desce até Rua Demétrio Ribeiro e depois, mais plana, atinge a antiga margem do Guaíba – a Rua Washington Luiz. A encosta norte desce em direção à Rua dos Andradas – a nossa chamada Rua da Praia – e à Praça da Alfândega, e daí até o cais do porto. A Praça da Alfândega é o foco urbano desse trecho e contém relevantes atividades e prédios históricos nos seus arredores.

Configuram-se, assim, duas praças, uma alta e outra baixa.

A articulação pedonal desses dois espaços ocorre pela Rua General Câmara, a partir da Rua dos Andradas diretamente até a Praça Marechal Deodoro, com uma declividade bastante acentuada. Também ocorre pela Rua Caldas Jr., com uma rampa mais suave. Nesse caso a conexão não é direta, pois a Rua Caldas Jr. finda na Rua Riachuelo, em frente ao terreno destinado ao Multipalco. Para chegar

à Praça da Matriz, tem-se que contornar o Theatro São Pedro. Outra hipótese é a de se cortar caminho por dentro do terreno oferecido para a implantação do Complexo Cultural. Essas situações mais amplas de entorno foram questões analisadas nos primeiros lançamentos do projeto.

Morfologia da área e do terreno

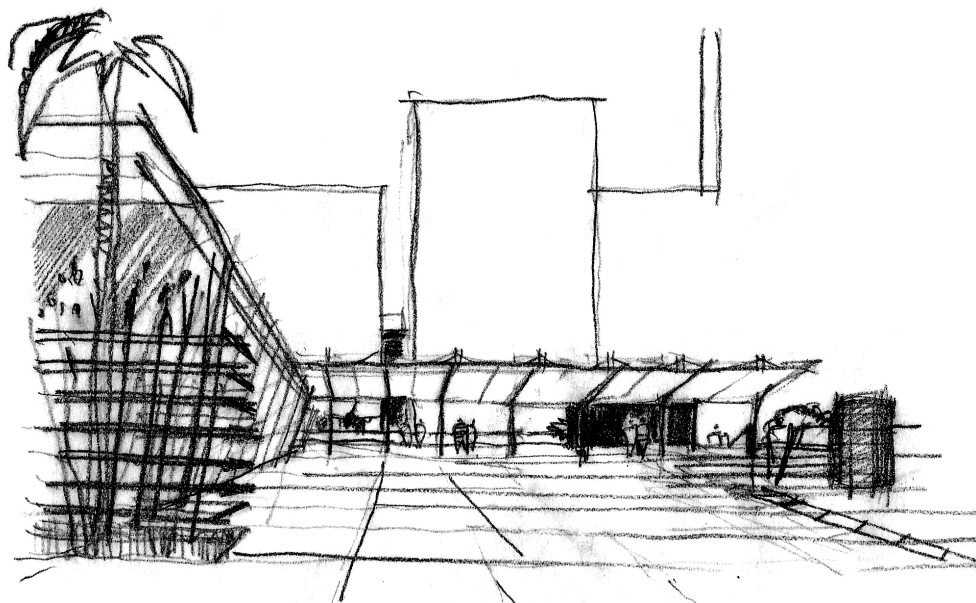
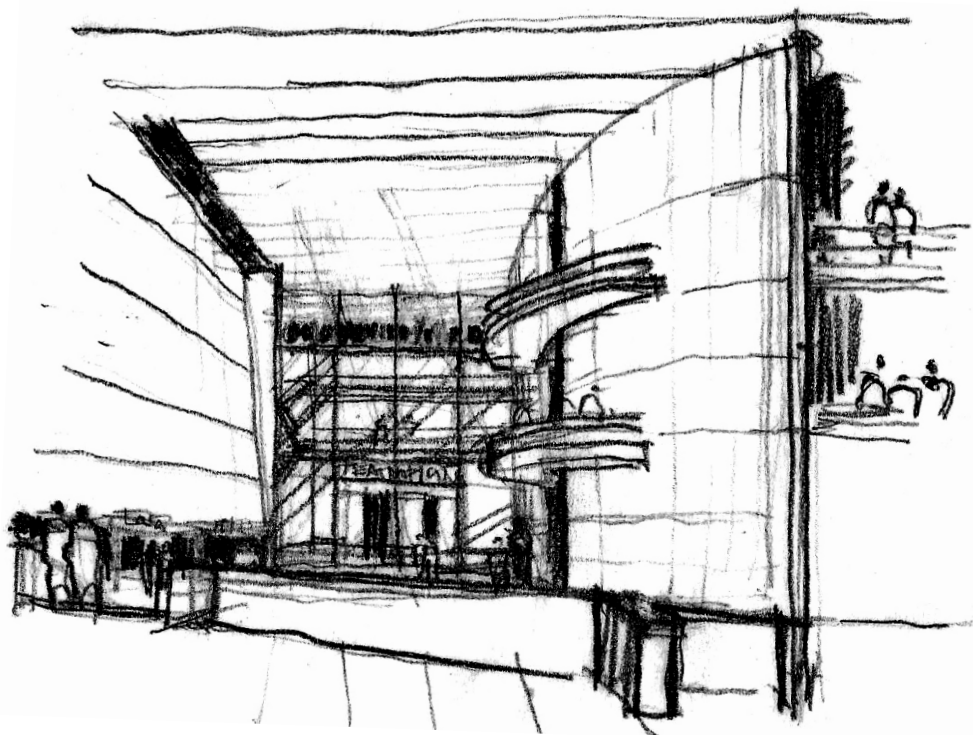
Essa dualidade entre parte alta e parte baixa comparece também no próprio terreno do projeto. Enquanto o Theatro São Pedro tem sua fachada de acesso principal voltada para a Praça da Matriz, nas cotas mais elevadas, a porção de terreno destinada ao projeto do Complexo Cultural tem sua face de acesso maior voltada para a Rua Riachuelo. Há um desnível de aproximadamente 15,50 metros entre a menor cota do terreno junto ao passeio da Rua Riachuelo e o ponto mais elevado junto ao passeio em frente ao antigo teatro. Sendo a Rua Riachuelo uma rampa em relação à maior cota da rua, o desnível é de aproximadamente 10,00 metros.

O terreno é um polígono de muitos lados e aproxima-se de uma forma aquadrada com área de 2.598,28 m². Tem sua divisa oeste e grande parte da divisa sul voltadas para o pátio do Arquivo Público

Fotos do terreno – dezembro 1996



Croquis perspectivos
Lápis sobre papel manteiga



do Estado, outro bem público estadual relevante. O edifício possui arquitetura notável, e esse pátio reúne qualidades paisagísticas de destaque a partir da sua

vegetação e das arcadas que configuram a base da volumetria da Assembleia Legislativa. O partido vai buscar articular-se com esse pátio.

O programa

O Programa de Necessidades do Edital do Concurso Público discriminava os principais espaços sem, num primeiro momento, apresentar um pré-dimensionamento para as funções. Mais adiante, no conjunto de respostas, o arquiteto consultor apresentou um Quadro Geral de Dimensionamento Estimativo, que orientou o desenvolvimento do Estudo Preliminar.

Durante o desenvolvimento do projeto executivo, houve vários ajustes solicitados por dona Eva Sopher, presidente da Fundação, e o pessoal do teatro.

De maneira geral, esses foram os dados de referência:

FOYER com hall principal; chapelaria; bilheteria; acessos e circulações para salas de espetáculos, restaurante, praça e estacionamentos; sala VIP com sanitário; sanitários.

HALL DE SERVIÇO com portaria e recepções; segurança; acessos e circulações para os serviços, ensaios, salas de espetáculos e estacionamentos; sanitários.

SERVIÇOS com expediente; oficinas; depósitos; atelier; rouparia; acessos e circulações para salas de espetáculos, ensaios; sanitários.

O programa pedia dois tipos de salas de espetáculos, além de outras salas que eventualmente poderiam ser usadas para apresentação pública, com as devidas infraestruturas de suporte, a saber:

SALA PRINCIPAL com plateia para 250 (240 a 260) lugares; camarins com sanitários; camarins VIP

com estar e sanitário; mezanino com 120 a 130 lugares; cabine de luz e som; urdimento e palco; sanitários.

SALA TEATRO OFICINA com plateia variável; camarins coletivos; depósitos; sanitários.

SALAS DE ENSAIOS E CURSOS com duas salas para cursos; sala para orquestra; sala para maestro; sala para reuniões; sala para instrumentos; sala para corpo de ballet; três salas de ensaio; sala de estar; sala para companhia visitante; rouparia; depósito; vestiários com sanitários; acessos e circulações.

RESTAURANTE com salão interno para 80/100 lugares; salão externo para 30/50 lugares; copa; cozinha; depósito; vestiários com sanitários; sanitários.

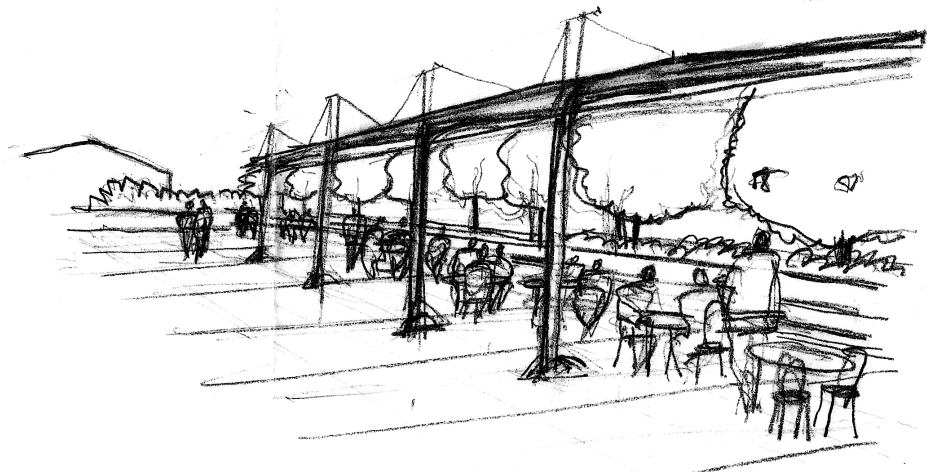
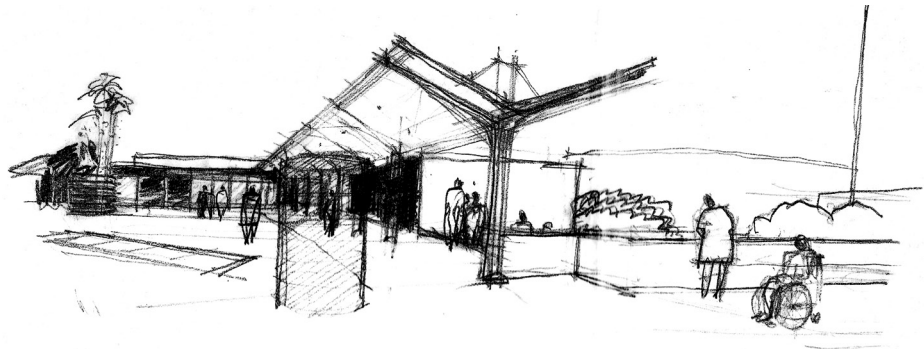
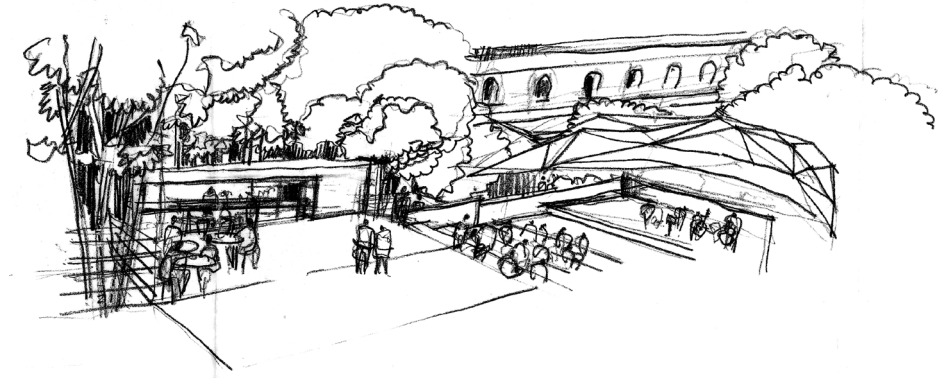
ESPAÇOS EXTERNOS com jardins com concha acústica; acessos e circulações gerais e aos camarins.

ADMINISTRAÇÃO com recepção; secretaria; direção; programação; setor financeiro; setor de imprensa; copa; sanitários; segurança; acessos e circulações.

ESTACIONAMENTOS com 150 vagas com acessos e circulações; carga e descarga.

INSTALAÇÕES DE APOIO com central de ar-condicionado; central de gás; subestação transformadora, medidores e gerador; reservatórios e casa de bombas; central de informática; prevenção, proteção contra incêndio e segurança do prédio; depósito de lixo; acessos e circulações.

Croquis perspectivos
Lápis sobre papel manteiga



O conceito geral

Caracterização

A seguir caracterizamos o projeto, por seu lado conceitual, como foi descrito à época do concurso e com as convicções que foram se sedimentando durante o seu desenvolvimento.

Encaixado em um contexto urbano excepcional, o projeto para o Complexo Cultural do Theatro São Pedro propôs a inserção de um edifício num sítio que se conformou ao longo da própria história da cidade e cujos principais valores são oriundos dessa situação e da relação direta com pontos marcantes de Porto Alegre, como a Praça da Matriz, o Theatro São Pedro, a Assembleia Legislativa, o Arquivo Público e a Rua Riachuelo.

Por isso, impunha-se a necessidade de articulação de requerimentos de ordem física (topografia, geometria do terreno, confrontações e limites com as vias e os espaços públicos), histórica, programática, simbólica, urbanística e paisagística.

Com essa percepção, algumas potencialidades foram destacadas:

- diferentes percursos urbanos de identificação de bens culturais valiosos;
- percursos que possibilitam a compreensão de uma conformação espacial rica e complexa;
- criação de novos espaços ligados à produção cultural, apoiada num cenário urbano excepcional;
- valorização do Theatro São Pedro com sua abertura para um lado até então pouco visível;
- articulação entre a Praça da Matriz, o Theatro São Pedro, a Rua Riachuelo e o miolo de quadra do pátio do Arquivo Público.

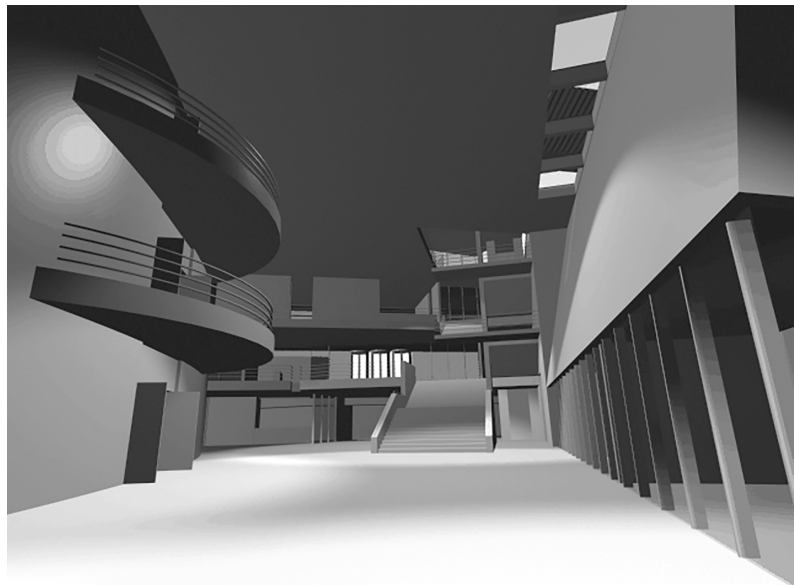
Além disso, era evidente a relevância do lugar, confrontando com espaços e arquiteturas de grande importância e significado para Porto Alegre como o próprio Theatro São Pedro, inaugurado em 1858, projeto de Filipe Normann, a antiga Rua Riachuelo, a Praça da Matriz, a Catedral Metropolitana, de João Battista Giovenale, o Palácio Piratini, de Maurice Gras, o Palácio Farroupilha – Assembleia Legislativa, de Gregório Zolko e Wolfgang Scoedon, o Solar dos Câmara, o Forte Apache, o Edifício Faial, de Emil Bered, o Palácio da Justiça, de Luiz Fernando Corona e Carlos Fayet, e a Biblioteca Pública, de Affonso Hebert e Teófilo Borges de Barros, todos belos testemunhos de seus tempos.

Todos esses pontos traduziram-se numa edificação visceralmente vinculada ao entorno urbano, fundamentando-se no trinômio praça-edifício-caminho.

Como praça, corresponde a uma plataforma que cobre a maior parte da edificação, nas cotas 26,50 e 27,60, intermediária entre a Praça Marechal Deodoro e a Rua Riachuelo e com acesso em nível pela Rua General Câmara. Esse espaço articula a face oeste do Theatro São Pedro com o acesso superior do Complexo, o restaurante e a concha acústica – elementos do programa que solicitam uma vinculação direta com o espaço aberto e estão representados pelos volumes que brotam da praça.

Como edifício público com fins culturais, relaciona-se com o cotidiano da Rua Riachuelo, respeita a tipologia de construções junto ao alinhamento, ao mesmo tempo em que busca uma compatibilização com as alturas do muro do teatro antigo e o prédio do Arquivo Público.

Maquete eletrônica



Como caminho, recebe rasgos com escadarias que conectam espaços próprios e do entorno, viabilizando percursos identificados como uma espécie de gentileza urbana. Apresenta-se, portanto, com a possibilidade de múltiplos acessos estrategicamente situados de forma a captar o público para o seu interior.

Como praça, os volumes do restaurante e do acesso superior não competem com o Theatro São Pedro, mas com ele conformam o largo que busca a valorização da sua fachada oeste.

Como edifício, pela Rua Riachuelo, ajusta-se ao entorno e posiciona-se no limite da calçada, sem deixar de trabalhar a composição da fachada em função do caráter, que se mostra aberto para o acesso público aos bens culturais. As entradas principais e diretas ao edifício dão-se pela Rua Riachuelo e estão favorecidas, em relação à separação funcional, pelo desnível da via, que permite os vários acessos em diferentes níveis.

O conjunto, dessa forma, encravado no desnível do terreno, rejeita qualquer ideia de monumentalidade e apresenta-se como uma espécie de arquitetura “silenciosa”.

Essa costura das bordas do lote com as suas confrontações reforça a contextualização como diretriz importante de conceito e revela a estratégia projetual de uma ideia forte que se concretiza através de operações sucessivas de desvelamento das partes. Ao identificar suas peculiaridades e potencialidades, descobre-se a forma de cada parte subordinada ao regramento principal.

Reservou-se a potência das formas arquitetônicas para os espaços internos, com uma espécie de fachada interior voltada para o foyer de triplo pé-direito, que revela a volumetria das salas principais. Assim, do foyer, são legíveis o teatro italiano como elemento principal, o teatro oficina e, sobre ele, a sala de orquestra e os grupos funcionais de apoio, como a

administração e o grupo de salas de ensaio. Também são daí identificáveis acessos de público e as prumadas verticais de circulação.

Relação com o entorno

Acesso, circulação vertical e recepção são a identificação do Complexo ao nível da Praça Marechal Deodoro. O volume regular pétreo voltado ao exterior e a forma mais fraturada e transparente voltada ao interior do sítio encarregam-se dessa marcação.

As escadarias são elementos de articulação que atendem aos conceitos anteriormente expressos, que compositivamente assumem importância na resolução dos caminhos e na articulação volumétrica e adquirem significado simbólico como elemento recorrente do projeto. Tanto externa como internamente, são elementos destacados.

A praça conforma espaços próprios com potencial para atividades culturais e de lazer, bem como oferece espaços de conexão e transição de forma a gerar movimento e uma espacialidade rica com enquadramentos visuais variados e inusitados. Seus lugares configuram-se principalmente pelos espaços abertos, a concha acústica e o restaurante.

O restaurante, situado no nível principal da praça, representa um programa de animação junto às atividades de espaços abertos. O espaço de estar e contemplação contíguo a ele, espécie de sacada para a Rua Riachuelo, articula e amplia o espaço do restaurante-bar.

A concha acústica é um espaço para espetáculos ao ar livre e oferece inúmeras possibilidades de uso para atividades e espetáculos variados que podem animar a praça e vice-versa.

O foyer tem vínculo direto com a Rua Riachuelo. É a entrada principal do conjunto. Sua concepção atende a conexão entre os vários espaços oferecidos pelo Complexo: teatro principal, teatro oficina, sala

para orquestra, espaços de apoio, a praça superior e a via pública. Inicialmente, achamos importante não esconder o grande muro de arrimo que separava o terreno original do Theatro São Pedro dos lotes adquiridos posteriormente. O foyer é um espaço interno muito importante no conjunto, cuja geometria absorve as tensões das várias direções advindas do polígono que limita o terreno, assim como dá visibilidade

ao movimento do público usuário que se desloca em busca de diferentes atividades que podem ocorrer simultaneamente. Culturalmente é uma praça interna estruturadora das atividades oferecidas e com potencial específico para outras atividades como exposições, espetáculos informais, feiras etc. De maneira simbólica, configura um vazio, onde a ideia de edifício e de cavidade interagem dialeticamente.

Organização funcional

A proposta assegura clareza na configuração dos acessos, circulações de público, privacidade e eficiência operacional nas áreas de produção dos espetáculos e cursos.

Acessos

O acesso público – o projeto prevê o acesso pela praça, através de um hall superior, que recebe os usuários vindos da Praça da Matriz e da Rua General Câmara; – pela Rua Riachuelo é definido um hall principal; – um conjunto de escada/elevador junto ao foyer assume a função de conectar os dois níveis de acesso.

O acesso de serviço e pessoal em geral – é definido um hall com portaria e segurança que faz o controle de entrada e saída de pessoal – esse núcleo se liga a um conjunto de escada/elevador, o que possibilita a conexão com os demais pavimentos, atendidos por um hall de distribuição.

O acesso de carga/descarga e estacionamento – é definido um único acesso de veículos, junto ao Arquivo Público, que leva a três níveis de estacionamento em subsolo e atende ao cais de carga e descarga – um

elevador de carga conecta o cais com os demais pavimentos afins.

As três escadarias externas – mais a faixa norte do Theatro São Pedro pela rua General Câmara, atendem ao acesso à praça que, por sua vez, permite o acesso ao restaurante e à concha acústica.

Organização geral

O partido geral parte da definição da colocação da sala principal no miolo do terreno e o estabelecimento do nível de cobertura (praça) na cota 26,50, permitindo aflorar o hall superior, para a caracterização de um acesso em relação à Praça da Matriz, e os itens do programa de interesse de relacionamento com a praça (restaurante e a concha acústica), mais a caixa do palco.

A ocupação do miolo com o elemento excepcional devido a forma, dimensões e condicionamento deixa a faixa perimetral disponível para a resolução dos demais itens do programa com menor dimensão e necessidades de iluminação/ventilação natural buscada para a Rua Riachuelo ou para lateral e fundos, junto ao Arquivo Público.

Em relação aos acessos pela Rua Riachuelo, ficam definidos dois eixos de penetração no interior do prédio. Um de público, mais próximo ao Theatro São Pedro, formado fundamentalmente pelo foyer, do hall principal ao fundo do terreno, com pé-direito triplo, permitindo acessar as atividades oferecidas pelo Complexo. Outro eixo, para o lado do Arquivo, caracteriza o pessoal e serviço, alinhando dois pontos de circulação vertical correspondentes.

Praça superior, restaurante e concha acústica

A praça proposta articula os níveis das áreas públicas que limitam com o terreno. Foi pensada como um caminho e como lugar de encontro e conagraçamento. As delimitações e equipamentos que animam esse espaço são a fachada oeste do Theatro São Pedro, o restaurante que também ocupa áreas externas e a concha acústica. Opção importante para espetáculos ao ar livre, a concha evoca a antiga concha do Auditório Araújo Vianna, que antigamente estavam localizadas no terreno onde hoje é a Assembleia Legislativa. Na concha acústica, onde a propagação sonora se dá pela reverberação do som emitido em direção à plateia, normalmente sem amplificação auxiliar, a forma do palco e de seus revestimentos foram especialmente desenhados para esse fim.

Circulações

O projeto define clara separação das circulações de público, pessoal e materiais, com seus respectivos controles de acesso.

A circulação vertical de pessoal artístico e técnico se situa equilibradamente em função da acessibilidade aos respectivos lugares de trabalho.

O movimento vertical de materiais é atendido por um elevador de cargas que pode ser acessado pela entrada do estacionamento e liga todos os pavimentos superiores na circulação de retaguarda das salas de espetáculos.

Teatro italiano

As paredes têm ouvidos

As relações da música com a arquitetura, que podemos definir como música petrificada, são um mito e são ainda envoltas em mistério. (L'architecture D'aujourd'hui, abril 1990)

Essa sala é destinada a espetáculos teatrais, sinfônicos, ópera, música de câmara, ballet e cinema, com todas as correspondentes áreas e equipamentos de apoio. É a sala principal do conjunto, com capacidade de público semelhante à do Theatro São Pedro.

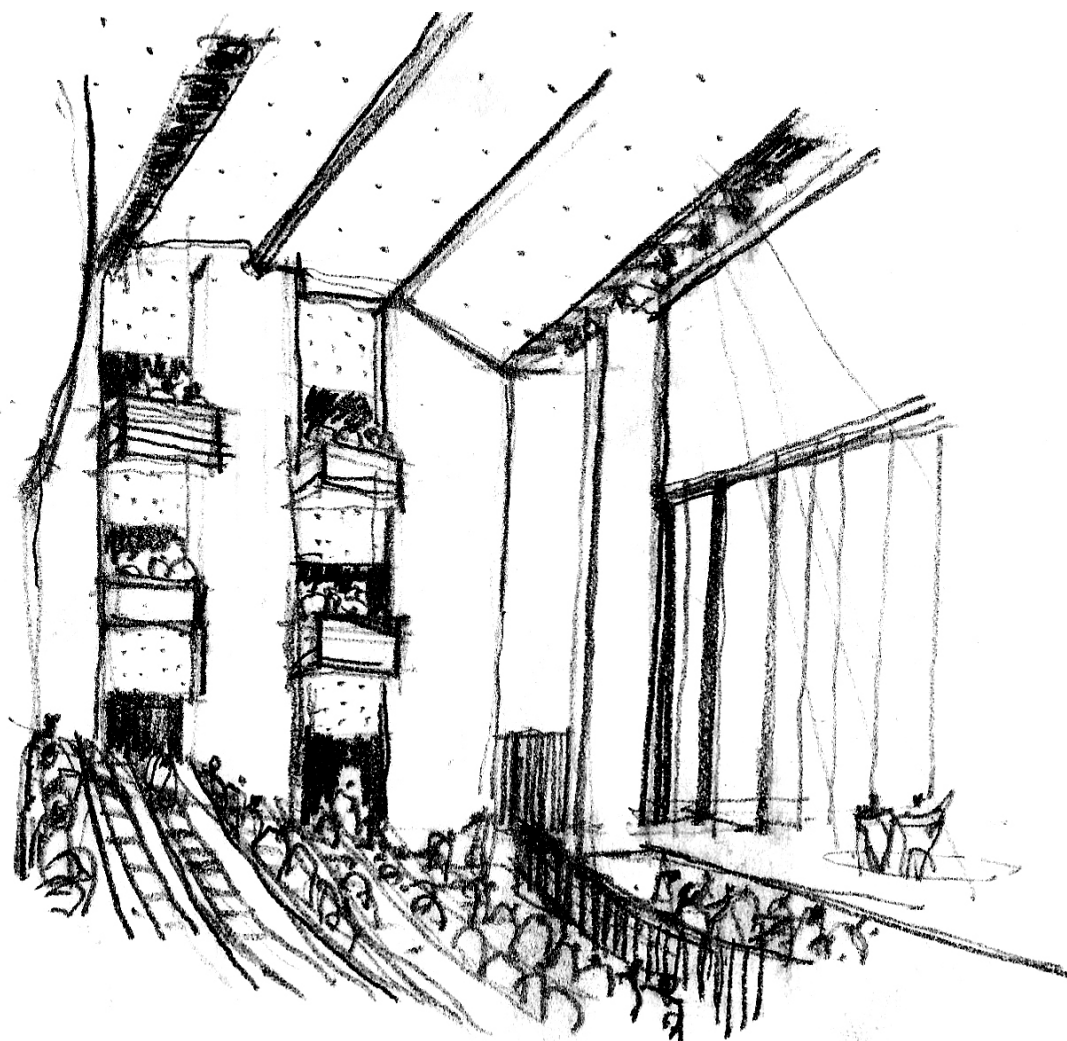
Está no miolo do prédio, rodeada por funções que a isolam acusticamente dos ruídos da rua. Uma plateia, dois níveis de mezanino e balcões laterais totalizam 618 lugares, tendo sido otimizadas as condições de visibilidade e audição dos espectadores. Os diferentes espaços de assistência incorporam a visão entre si do próprio público, o que é desejável do ponto de vista de criar uma emoção coletiva na fruição do espetáculo.

As lições da "shoe box"

O apuro dos conhecimentos de acústica ensaiou um retorno às antigas "shoe box" que se havia abandonado. As salas retangulares estão substituindo as em forma de leque, as largas e baixas pelas estreitas e altas. (L'architecture D'aujourd'hui, abril 1990)

De todos os espaços do projeto, essa foi a sala que mais teve alterações ao longo de todo o processo, desde a concepção inicial até a finalização da obra.

Croqui perspectivo
Lápis sobre papel manteiga



Dois momentos importantes foram o aumento da capacidade de público e o atendimento à demanda para apresentações operísticas.

A sala obedece a proporções básicas de um pequeno teatro clássico. Tem um palco generoso de 255 m² com amplas coxias e proscênio que corresponde ao fosso da orquestra e que é uma plataforma elevatória móvel acionada por motor elétrico. Os espectadores estão distribuídos em plateia baixa e plateia alta com poltronas, primeiro mezanino com poltronas, segundo mezanino com arquibancadas e balcões laterais também com poltronas ou cadeiras móveis.

Teatro oficina

O teatro oficina, para aproximadamente 150-200 espectadores, é destinado à criação de espetáculos e propostas expressivas experimentais, com o cenário e o espaço para espectadores transformáveis e com a possível diluição do limite entre palco e plateia, uma noção ideológica com referência no seminal Teatro Oficina de Lina Bo Bardi, tanto tempo dirigido pelo inesquecível José Celso Martinez Corrêa. A capacidade para espectadores varia conforme a disposição interna proposta com suas múltiplas opções de configuração. Recentemente, por escolha pública, tomou o nome de Teatro Oficina Olga Reverbel.

Camarins e local de pessoal artístico

Localizam-se atendendo às vinculações de pessoal artístico com seus lugares de trabalho, salas de ensaio e cenários. As salas de estar relacionadas com os camarins e ensaios encontram-se equidistantes na circulação dos artistas, de forma a facilitar reuniões de coesão do grupo. Os camarins coletivos e individuais, em três pavimentos, ocupam a face oeste, voltada para o Arquivo Público, garantindo legibilidade pela

sua prumada ordenada e posição relativa às funções afins, bem como são atendidos por ventilação e iluminação natural, além da bela vista para aquele pátio com bastante vegetação.

Ensaio e cursos

As salas de ensaios e cursos ocupam as plantas dos níveis 19,00 e 22,50, com limites claros em relação aos outros setores. Através do hall principal e do foyer, o público tem acesso à sala de orquestra e demais salas. Todos os espaços com permanência prolongada têm iluminação e ventilação natural, sendo várias delas voltadas para a Rua Riachuelo, o que permite a visão para o exterior e também da rua para o interior do prédio. O transeunte perceber as salas iluminadas, com aulas de teatro e dança, acontecendo à noite, por exemplo, pode ser uma experiência urbana enriquecedora.

Administração

No nível 22,50, com possibilidades de interligação direta pelo hall público e de pessoal, localiza-se a administração, próxima às salas de cursos. Esses espaços também se voltam para a Rua Riachuelo, com vista para a rua e iluminação e ventilação naturais, contribuindo para o conforto daqueles que ali permanecem diariamente.

Estacionamentos

Os estacionamentos estão resolvidos em três níveis de subsolo, 12,00, 9,50 e 6,60, com acesso pela Rua Riachuelo no nível 14,80. Todos os níveis de estacionamento têm acesso direto às duas prumadas principais de circulação vertical, facilitando o deslocamento dos que acessam o prédio e daqueles que vão direto ao nível da Praça da Matriz.

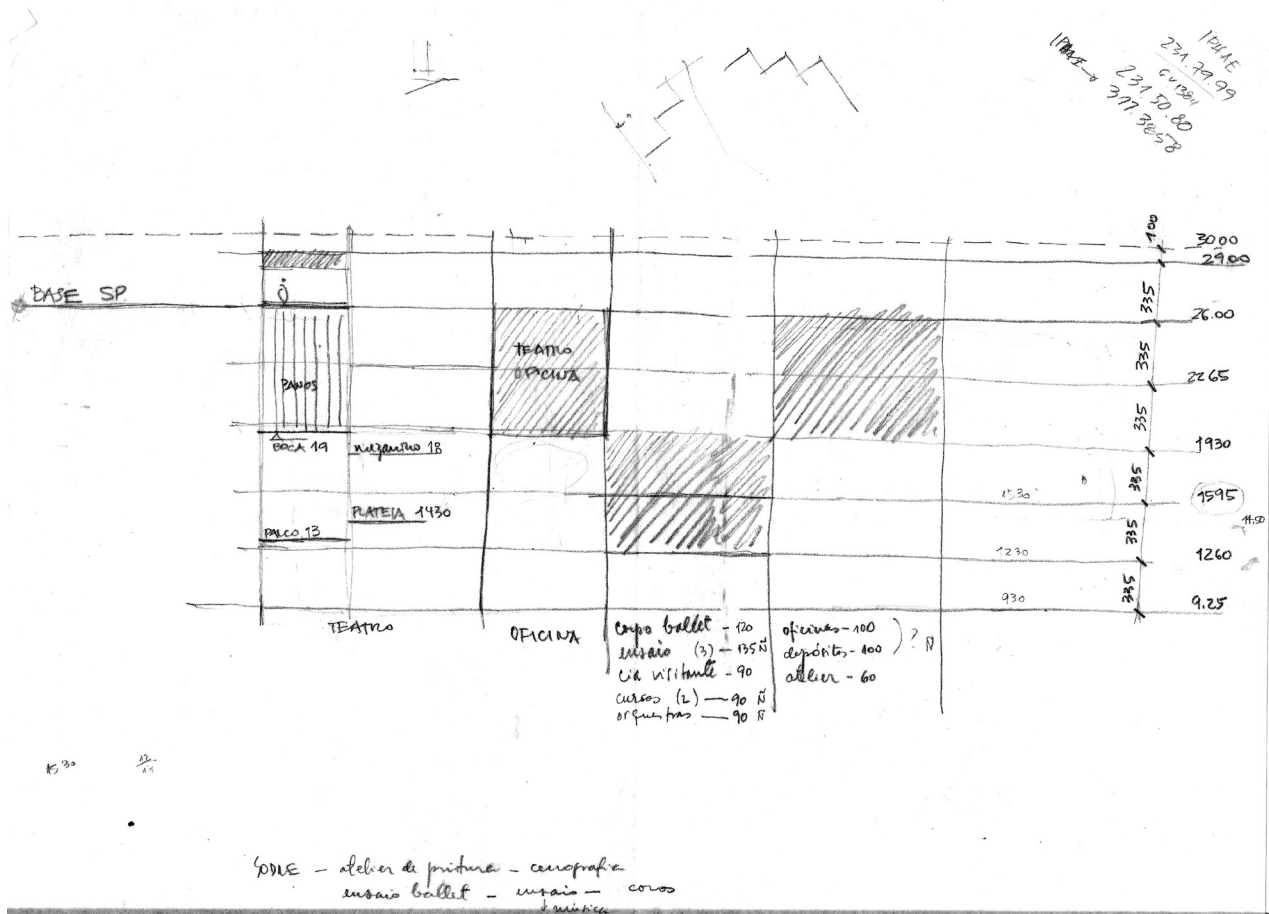
Serviços e Instalações

As instalações são resolvidas predominantemente nos subsolos e no nível da praça. Os serviços concentram-se no subsolo do nível 12,00, junto ao cais de carga e descarga, e são interligados aos espaços

de retaguarda das salas por um elevador de carga e circulações verticais.

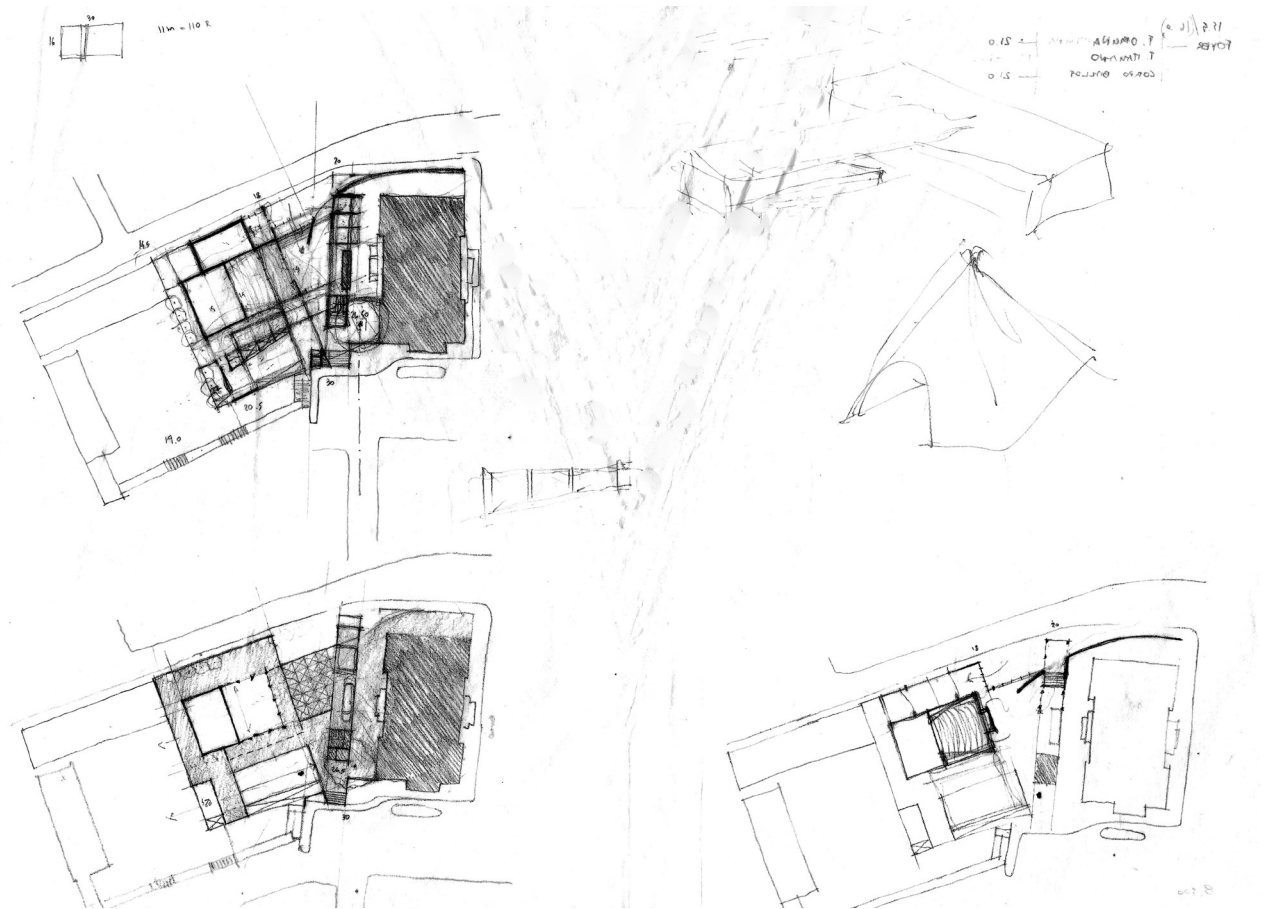
Área

A área total do conjunto é de 13.843,27 m².

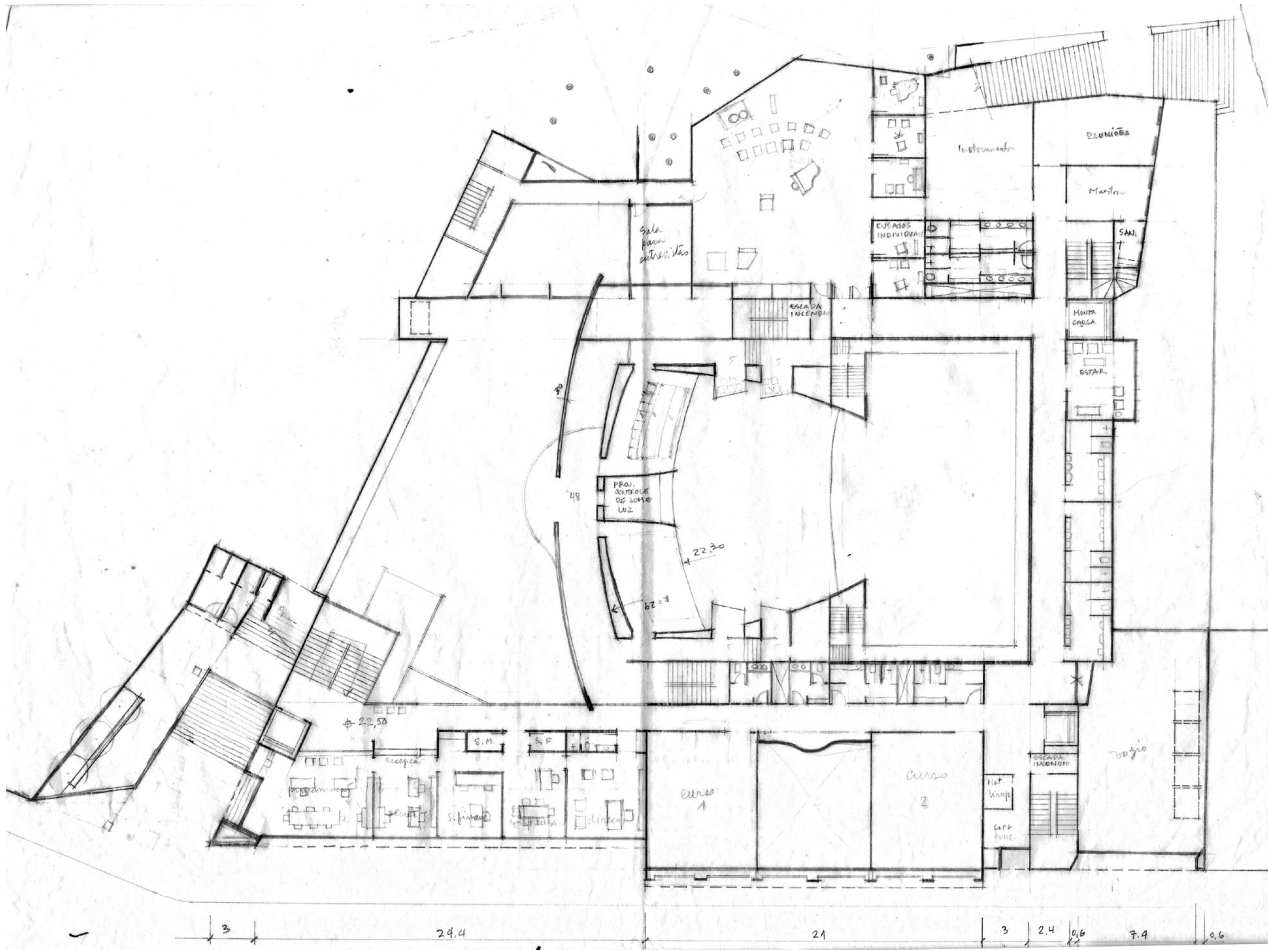


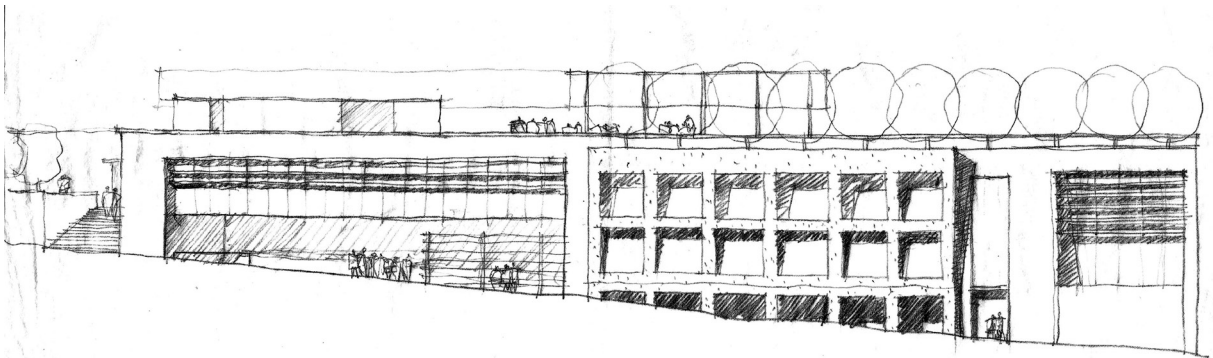
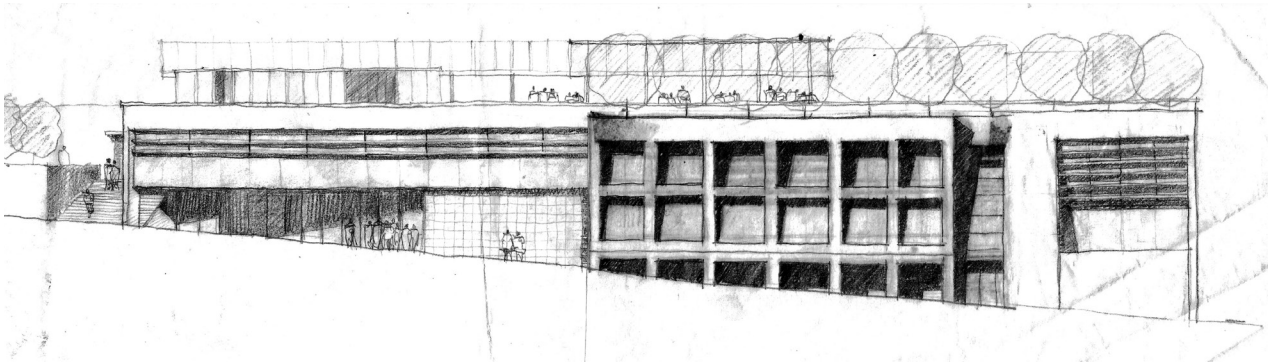
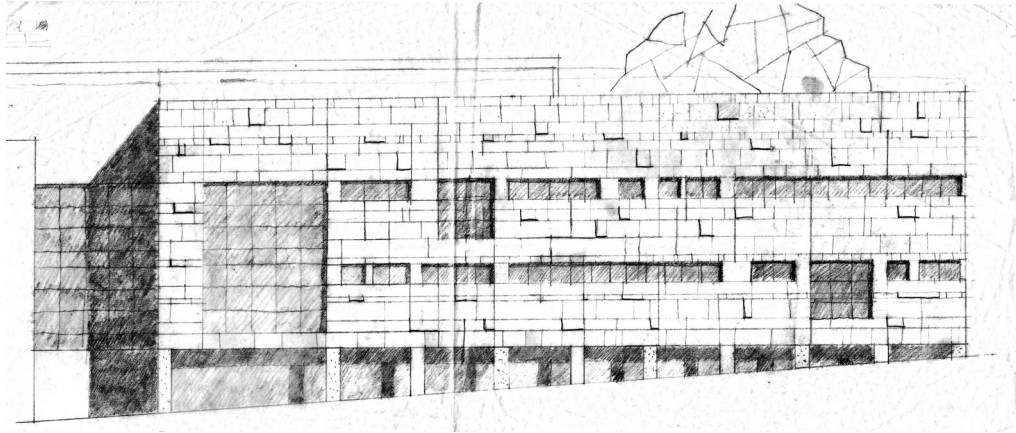
Croquis de lançamento do partido

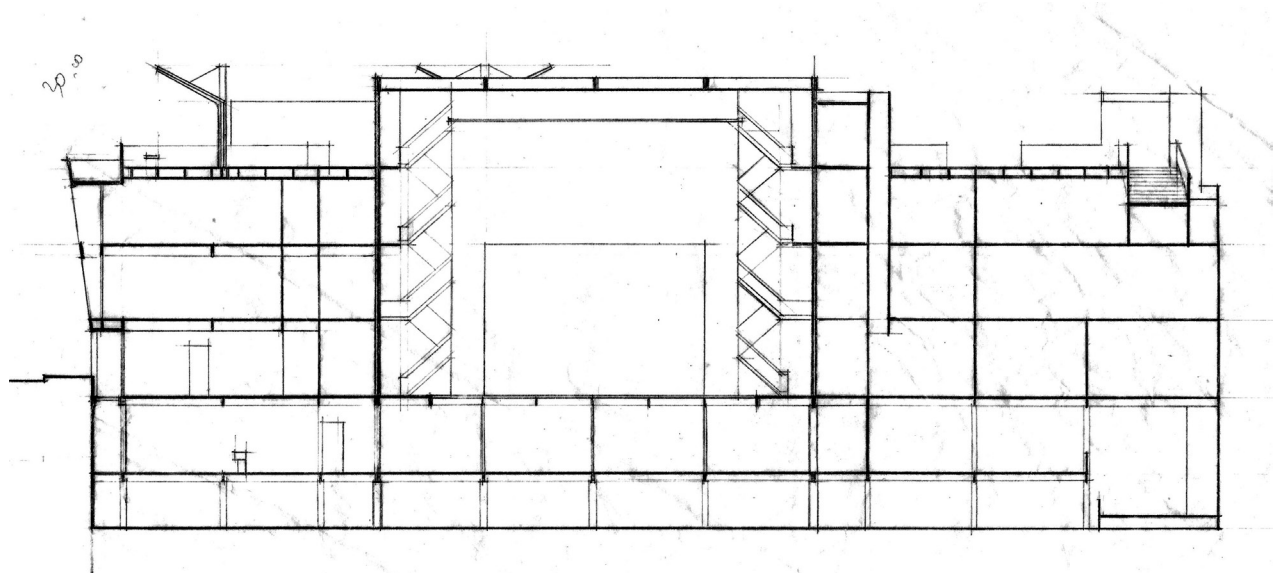
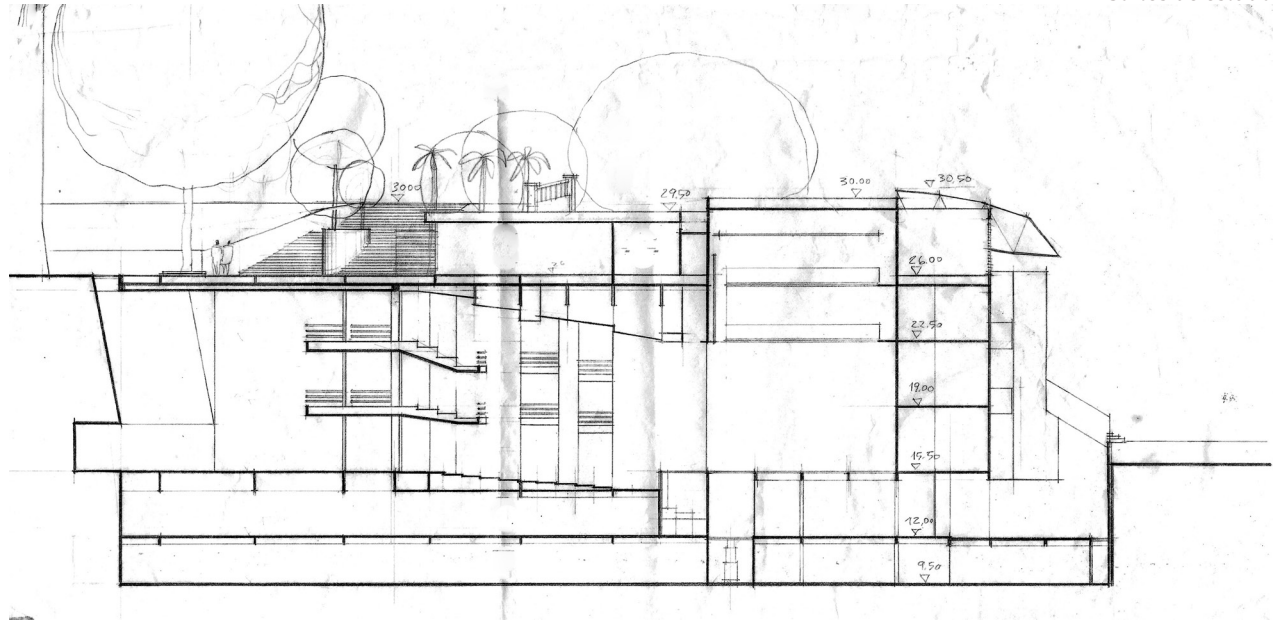
Memória gráfica do Estudo Preliminar



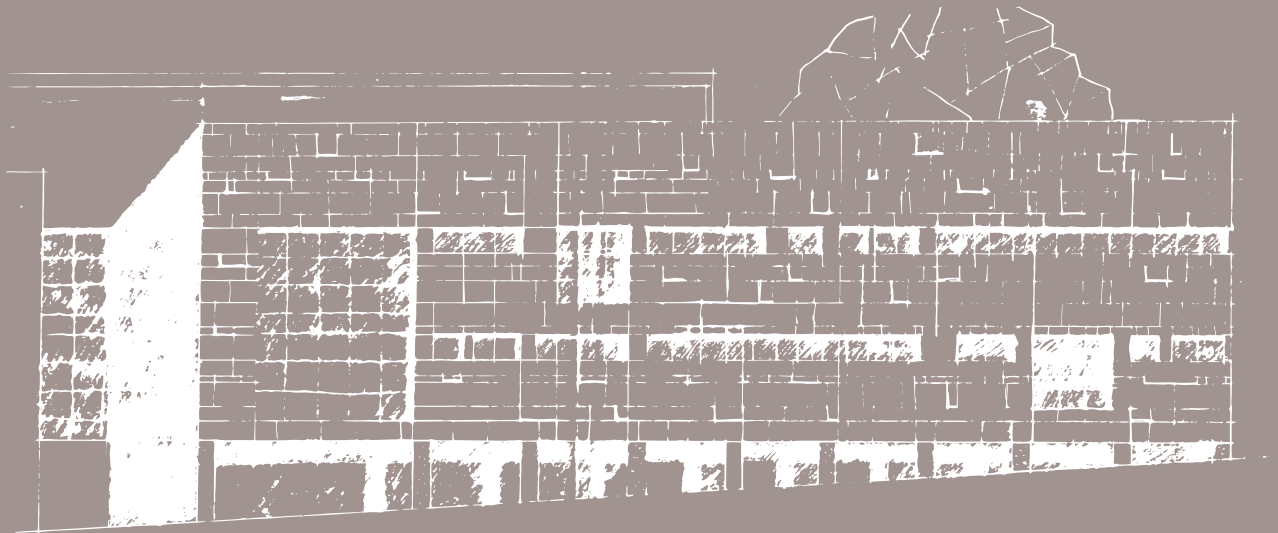
Croquis de lançamento do partido

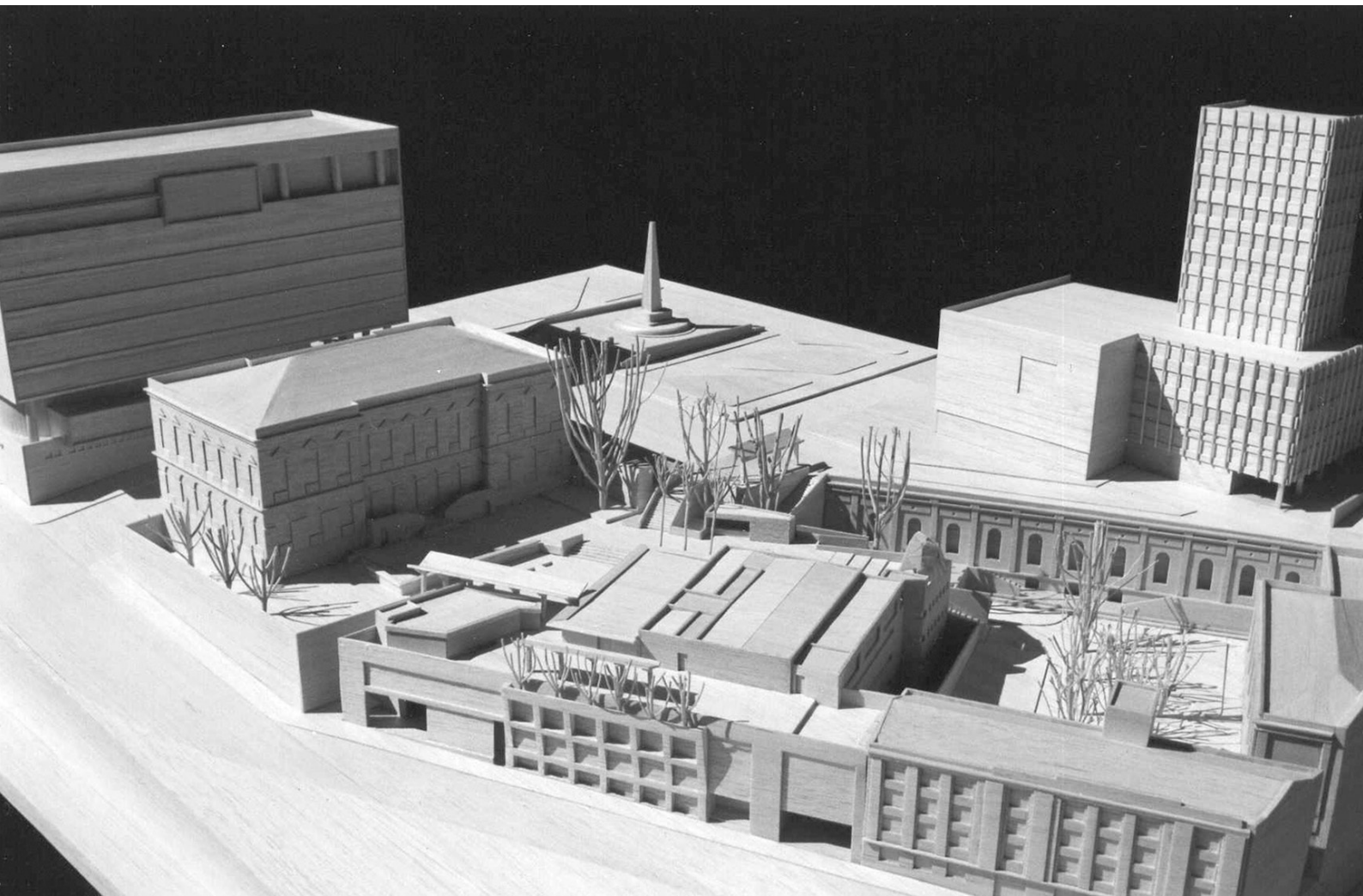




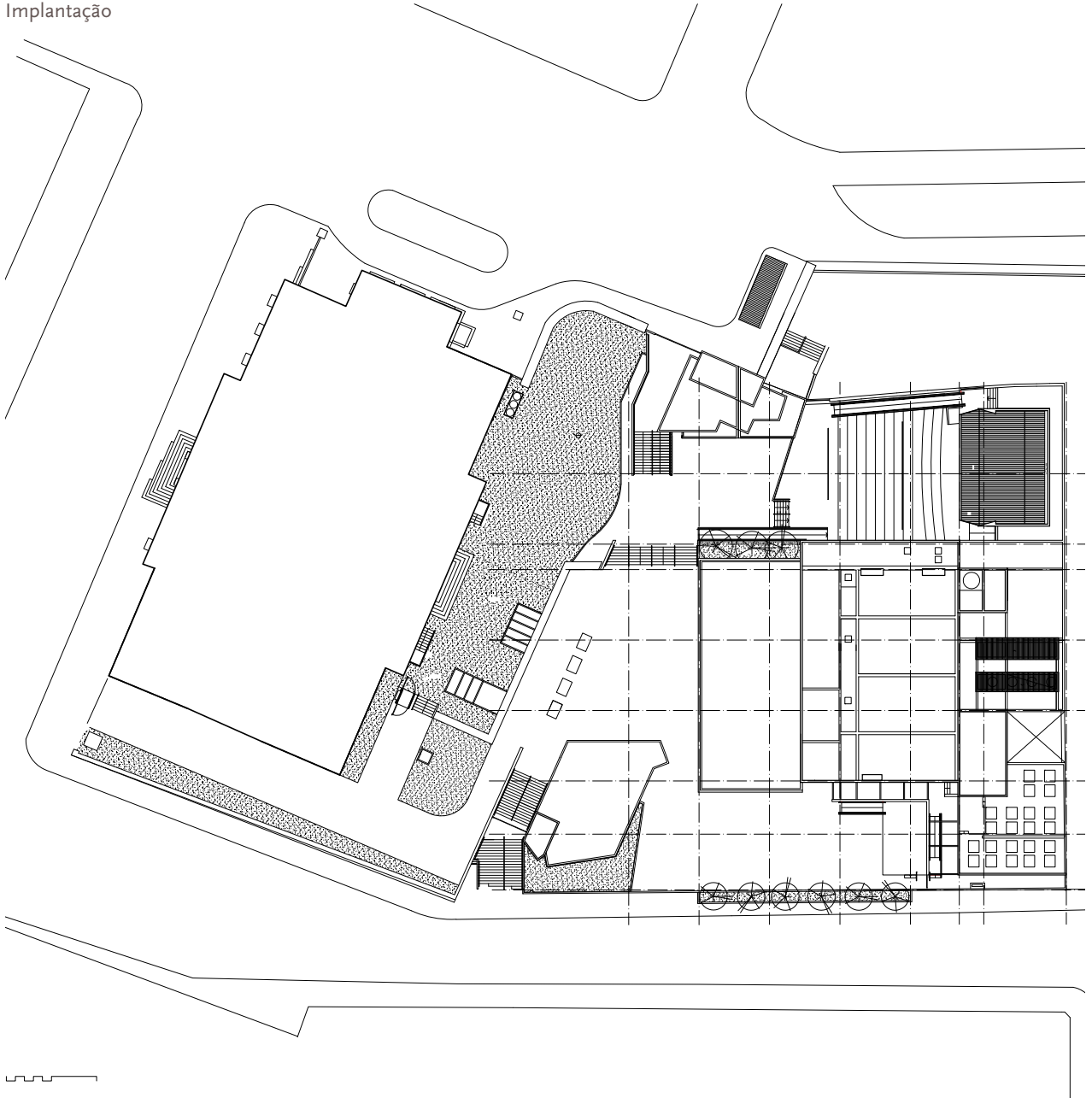


Projeto



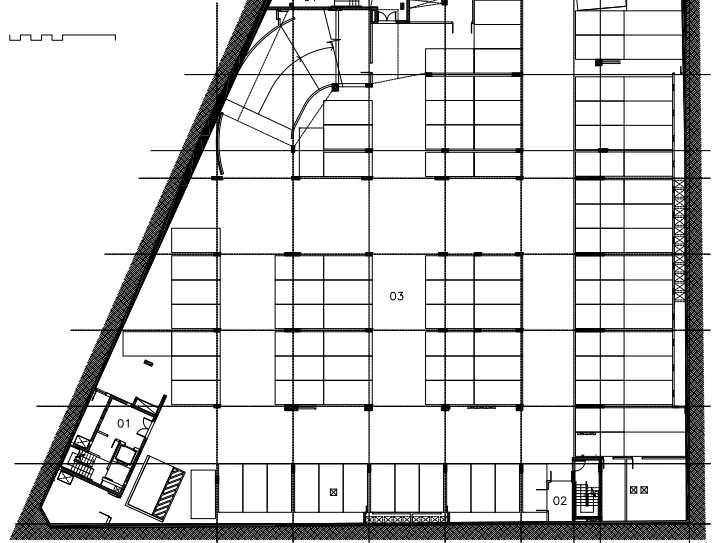


Implantação



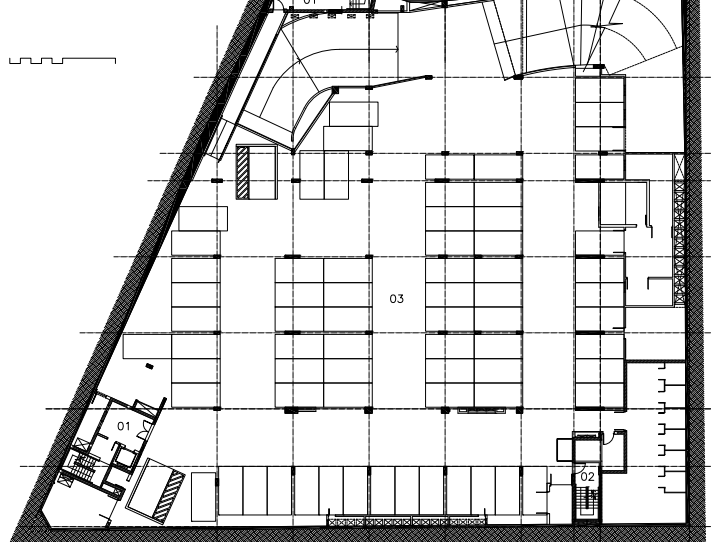
Planta nível 6,60.

LEGENDA - NÍVEL 6.60
01- HALL DE PÚBLICO
02- HALL DE PESSOAL
03- ESTACIONAMENTO



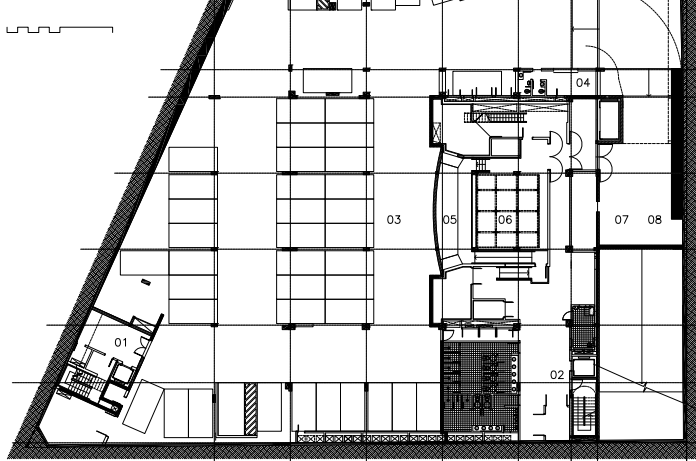
Planta nível 9,30

LEGENDA - NÍVEL 9.30
01- HALL DE PÚBLICO
02- HALL DE PESSOAL
03- ESTACIONAMENTO



LEGENDA – NÍVEL 12,00

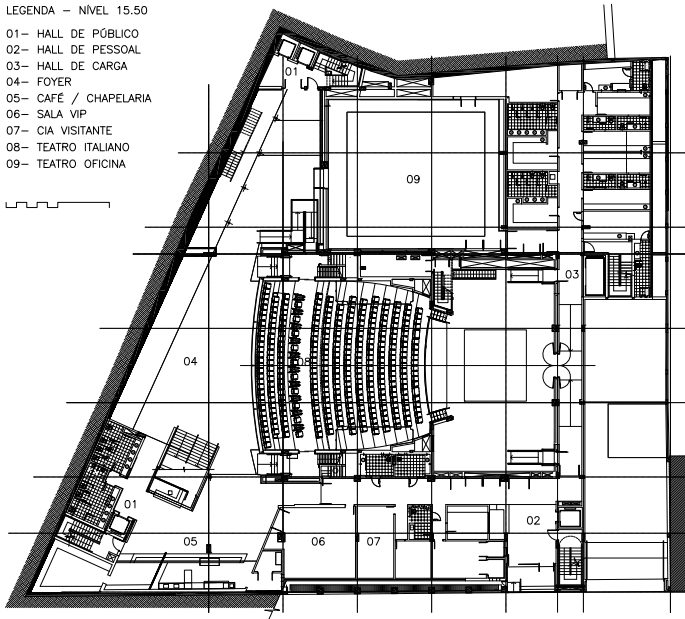
- 01– HALL DE PÚBLICO
- 02– HALL DE PESSOAL
- 03– ESTACIONAMENTO
- 04– CONTROLE ESTACIONAMENTO
- 05– FOSSO DA ORQUESTRA
- 06– QUARTELADA / ORQUESTRA
- 07– CARGA E DESCARGA
- 08– ACESSO VEICULOS



Planta nível 12,00

LEGENDA – NÍVEL 15,50

- 01– HALL DE PÚBLICO
- 02– HALL DE PESSOAL
- 03– HALL DE CARGA
- 04– FOYER
- 05– CAFE / CHAPELARIA
- 06– SALA VIP
- 07– CIA VISITANTE
- 08– TEATRO ITALIANO
- 09– TEATRO OFICINA

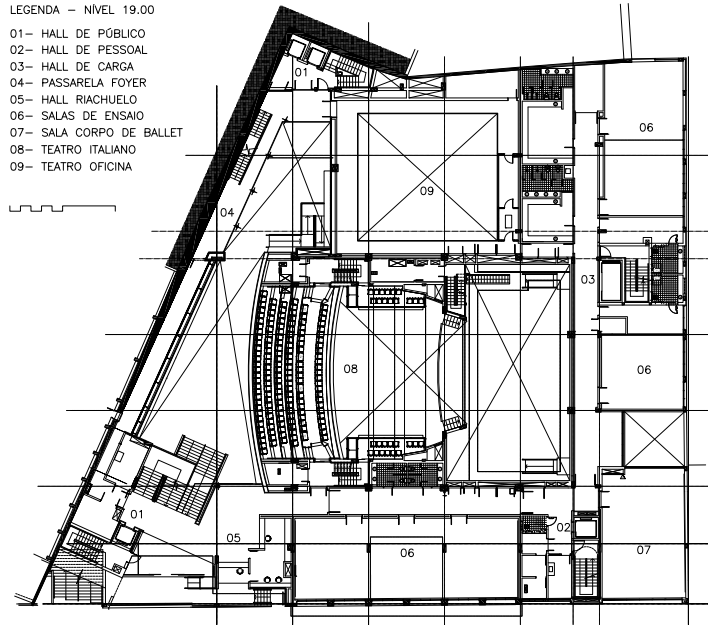


Planta nível 15,50

Planta nível 19,00

LEGENDA - NÍVEL 19.00

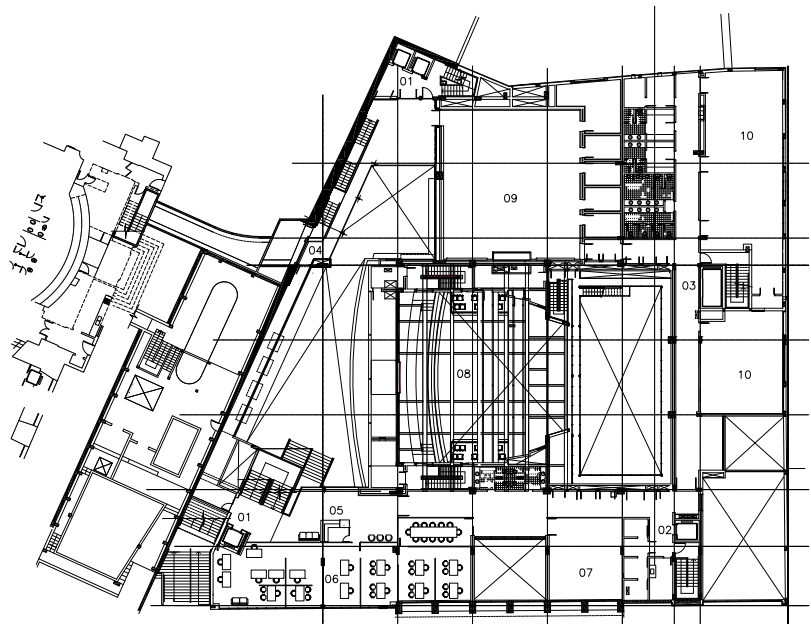
- 01- HALL DE PÚBLICO
- 02- HALL DE PESSOAL
- 03- HALL DE CARGA
- 04- PASSARELA FOYER
- 05- HALL RIACHUELO
- 06- SALAS DE ENSAIO
- 07- SALA CORPO DE BALLET
- 08- TEATRO ITALIANO
- 09- TEATRO OFICINA



Planta nível 22,50

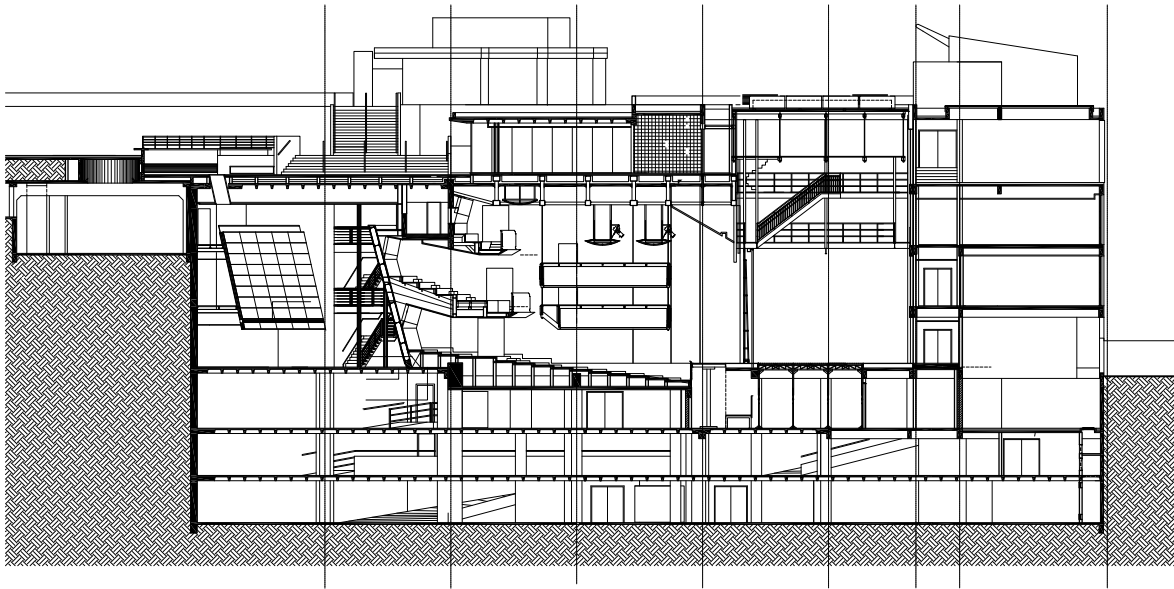
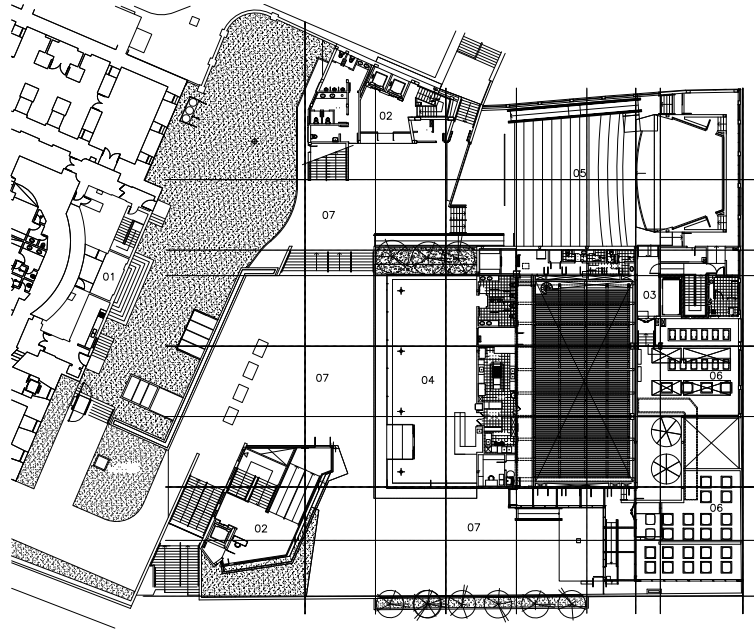
LEGENDA - NÍVEL 22.50

- 01- HALL DE PÚBLICO
- 02- HALL DE PESSOAL
- 03- HALL DE CARGA
- 04- PASSARELA FOYER
- 05- HALL ADMINISTRAÇÃO
- 06- ADMINISTRAÇÃO
- 07- AATSP
- 08- TEATRO ITALIANO
- 09- SALA ORQUESTRA
- 10- SALA MÚLTIPLA

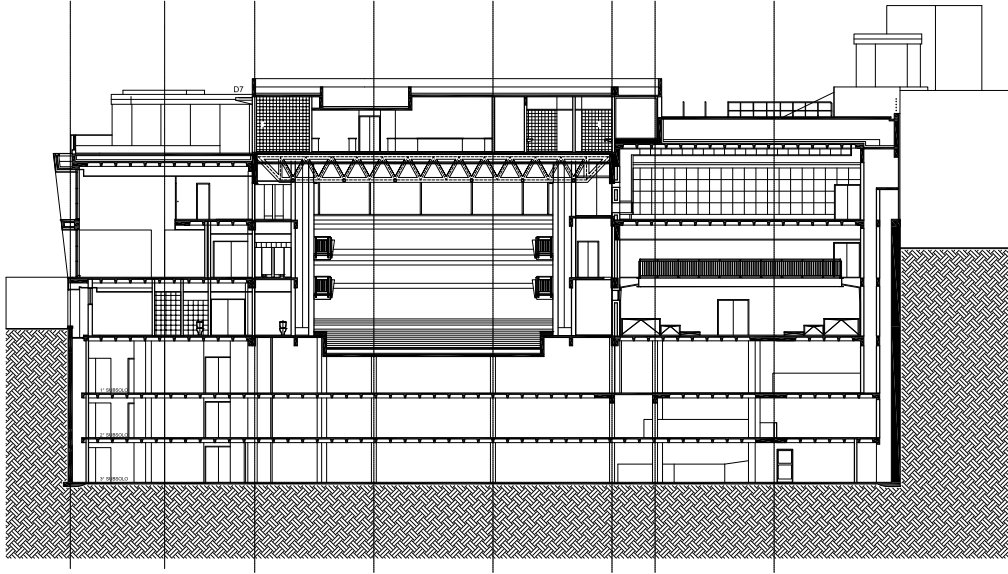


LEGENDA - NÍVEL 26.60

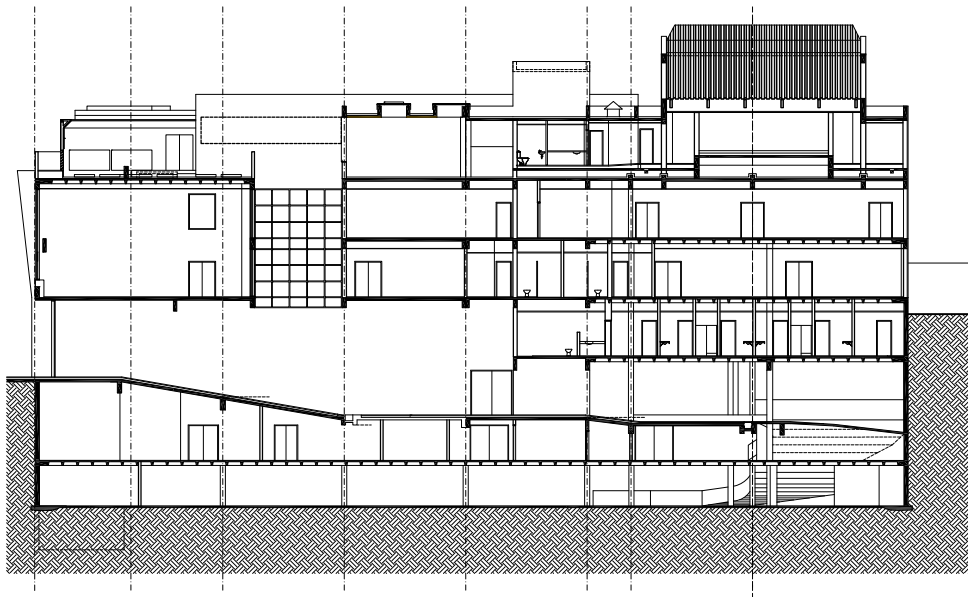
- 01- THEATRO SÃO PEDRO
- 02- HALL DE PÚBLICO
- 03- HALL DE CARGA
- 04- RESTAURANTE
- 05- CONCHA ACÚSTICA
- 06- CENTRAL TÉRMICA
- 07- PRAÇA



Corte

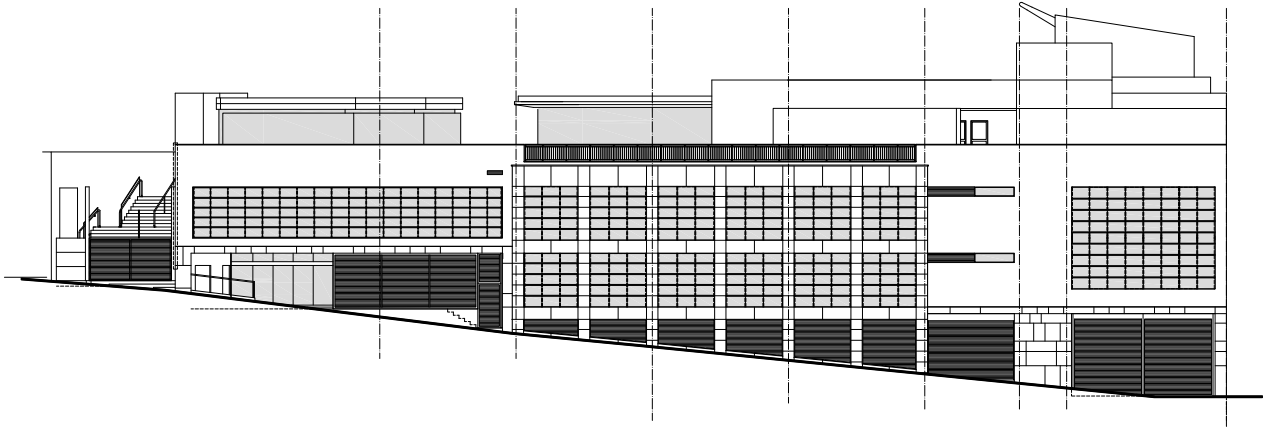


Corte

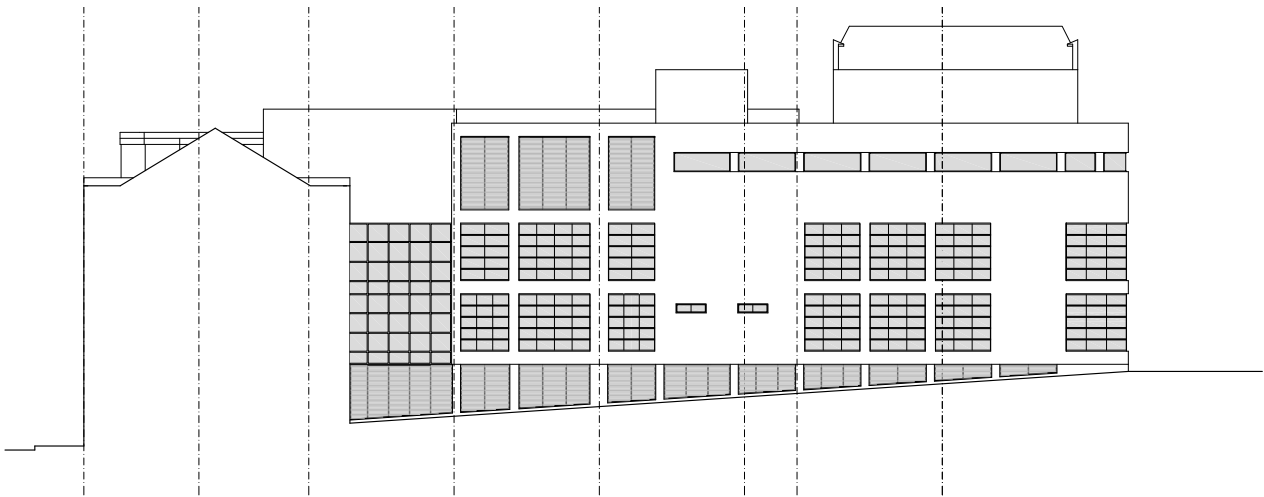


Corte

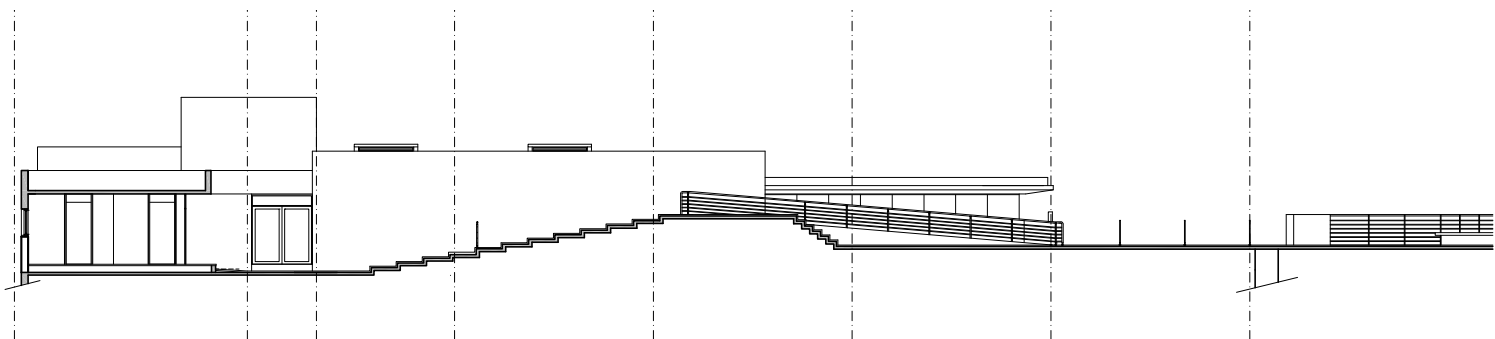




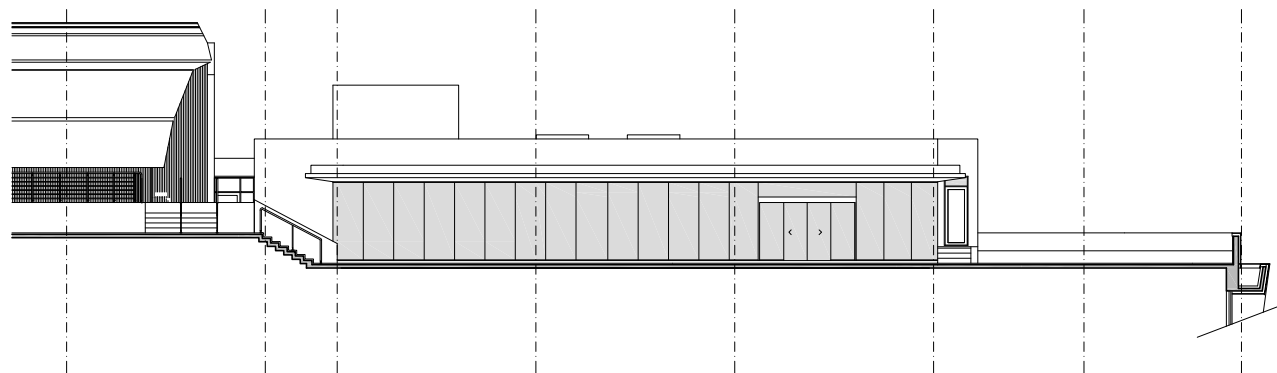
Fachada Norte



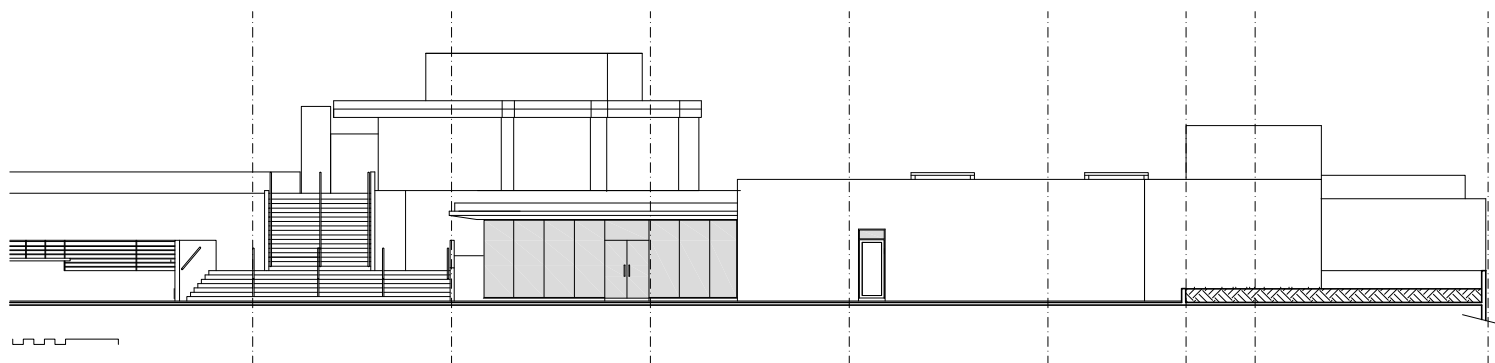
Fachada Oeste



Fachada restaurante

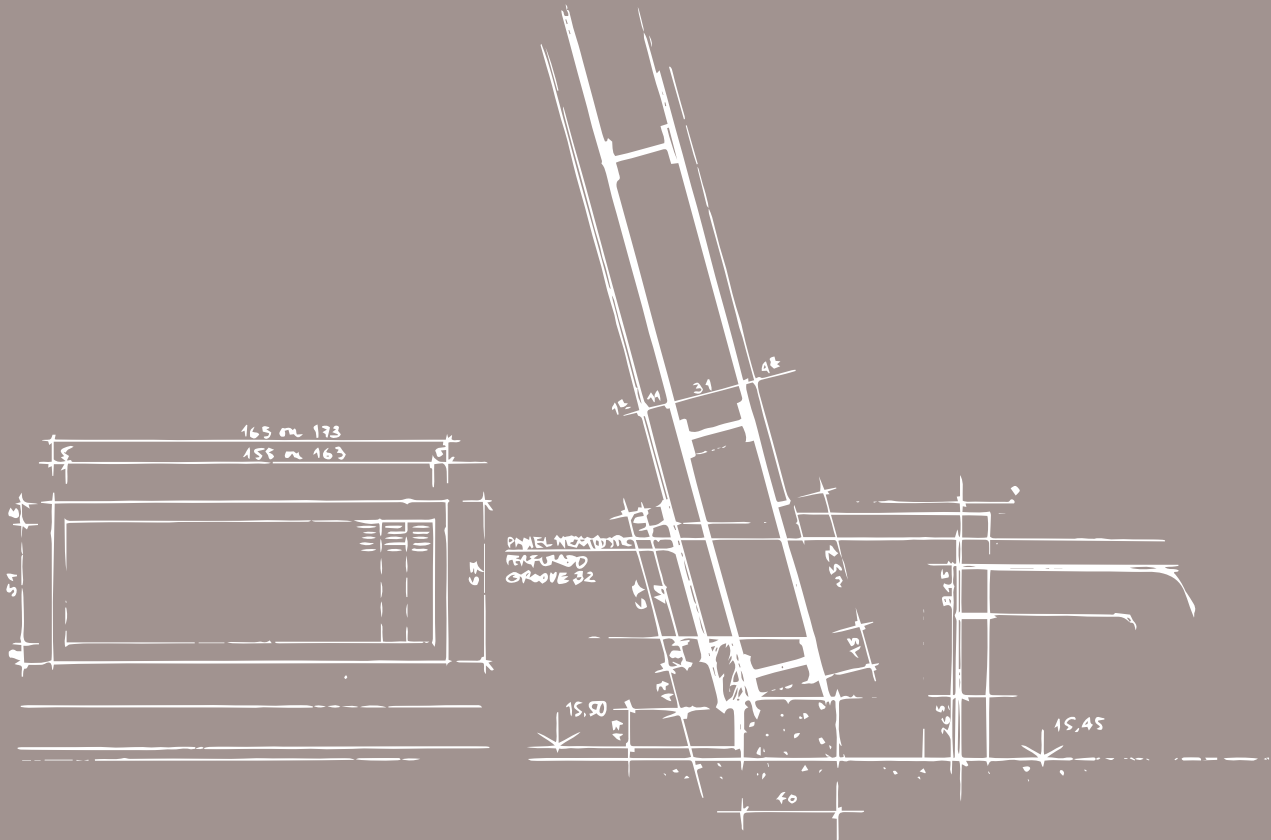


Fachada restaurante



Fachada restaurante

O Projeto Executivo e o desenvolvimento da obra



Os vários atores

Na época do concurso de projetos era governador do Estado Antônio Britto, tendo como secretário de Estado da Cultura Carlos Jorge Appel e depois Nelson Fernando Boeira.

O arquiteto Carlos Maximiliano Fayet era presidente do IAB/RS. Fayet foi defensor obstinado do concurso perante o governo do Estado.

Dona Eva Sopher era a presidente da Fundação Theatro São Pedro e foi a pessoa que inicialmente concebeu o complexo cultural. Dona Eva presidiu a Fundação Theatro São Pedro de 1986 a 2017.

Durante o desenvolvimento do trabalho e das obras, que tiveram algumas interrupções, no período de 1999 a 2019, foram governadores do Estado do Rio Grande do Sul Olívio Dutra, Germano Rigotto, Yeda Crusius, Tarso Genro e José Ivo Sartori.

Tânia Carvalho dos Santos, Elson Bading Azambuja, Eleonora Maria Guimarães de Oliveira Rizzo, João Jacob Vontobel, João Antônio Pires Porto, José

Roberto Diniz de Moraes e Ismael Cunha Solé, em diferentes momentos, foram presidentes da Associação Amigos do Theatro São Pedro, associação de suma importância para manter a obra em andamento durante vários anos.

No período final de retomada dos trabalhos do Multipalco Eva Sopher tivemos como governador do Estado Eduardo Leite, que impulsionou definitivamente a obra, Ranolfo Vieira Jr. e, ao final, no período das últimas atualizações do projeto e da conclusão das obras, novamente Eduardo Leite.

A secretária de Estado da Cultura foi Beatriz Araujo e Antonio Hohlfeldt, o Presidente da Fundação Theatro São Pedro, dois entusiastas do projeto e figuras fundamentais para a finalização dos trabalhos.

Nesse mesmo recente período, Gilberto Schwarzmansmann e depois José Roberto Goldim foram os ativos presidentes da Associação Amigos do Theatro São Pedro.

O projeto e a obra no tempo

A execução da obra do Multipalco Eva Sopher transcorreu ao longo de 22 anos.

A primeira versão do projeto executivo ocorreu em 1998, logo após a promulgação do resultado do concurso, dando continuidade ao Edital do Concurso Público e indo ao encontro do Manual de Concursos do Instituto de Arquitetos do Brasil – IAB.

No entanto, do Estudo Preliminar até a finalização das obras, em 2025, o projeto teve vários ajustes

para atender a diferentes demandas que surgiram no processo, como já foi mencionado.

Uma obra com prazo de execução tão dilatado e com alterações ao longo do tempo tem probabilidade de gerar problemas de descontinuidade de equipes, tanto nos projetos como na execução da obra. Felizmente, nesse caso, isso foi superado de maneira satisfatória.

Em relação aos projetos, desde o início dos trabalhos, coube à equipe dos arquitetos vencedores

do concurso a indicação e a contratação dos projetos complementares. No caso específico, isso trouxe vantagens para o desenvolvimento do projeto na medida em que foi possível contratar profissionais

experimentados e com prática em trabalhos de grande escala e complexidade. Nas disciplinas especiais e específicas pudemos buscar entre os melhores nomes do meio regional e nacional.

Principais modificações do projeto em seu desenvolvimento

Ao longo do desenvolvimento dos trabalhos surgiram necessidades novas, de ajuste de programa, atualização de normativas e legislação e atualização de tecnologias, modificações estas que foram vistas como oportunidades e que qualificaram o projeto.

Mais um pavimento de subsolo

O Complexo está assentado sobre um bloco de rocha maciça. O Estudo Preliminar, preocupado com os limites de orçamento, estabeleceu dois níveis de escavação, com um pequeno desmonte de rocha maciça. No entanto, no início do projeto executivo, juntamente com a equipe da FTSP e representantes das Secretarias do Governo do Estado, viu-se a necessidade de mais um pavimento de estacionamentos.

Laudo vegetal

O Estudo Preliminar respeitou rigorosamente a preservação das espécies listadas no Laudo Vegetal apresentado no Edital do Concurso. No entanto, para o desenvolvimento do projeto executivo, foi feito novo laudo, para avaliar as condições fitossanitárias dos exemplares vegetais e o impacto da obra. O novo laudo, do engenheiro agrônomo Lair Baum Ferreira, indicou a remoção de parte

dos exemplares e a possibilidade de transplante de uma figueira, permanecendo a paineira centenária. Assim, com a aprovação dos órgãos do meio ambiente, esse remanejamento liberou área importante do terreno. Surgiu daí o núcleo de circulação vertical no vértice sudeste do terreno, que permitiu um acesso mais facilitado do estacionamento para o Theatro São Pedro e Praça da Matriz.

Eliminação do recuo para o pátio do Arquivo Público (face sudoeste)

No Estudo Preliminar, todos os aspectos legais foram resolvidos dentro do perímetro do terreno fornecido. Nesse sentido, para garantir qualidades ambientais de iluminação e ventilação natural para os espaços voltados para a face sudoeste, foi deixado um recuo lateral. Com o desenvolvimento do trabalho, pleiteamos junto aos órgãos competentes a eliminação desse recuo, uma vez que os dois imóveis são próprios do Estado e podem compartilhar da vista e aproveitar as oportunidades oferecidas pelo pátio do Arquivo Público. Ganhou-se assim uma faixa que, incorporada ao volume construído, possibilitou um conjunto de salas múltiplas que vieram a potencializar o programa do Multipalco.

Revisão da escadaria que liga a praça do Multipalco ao pátio do Arquivo

Existente ainda no Estudo Preliminar, a conexão com o pátio do Arquivo através de uma escadaria foi um ponto defendido desde o início. No desenvolvimento do projeto executivo, a ideia não prosperou conforme lançada inicialmente por questões de controle e segurança. No entanto, a possibilidade foi preservada através do preparo de uma futura conexão da praça do Multipalco com o patamar da escada externa do Arquivo Público, que conecta o pátio com a calçada do perímetro externo da Praça da Matriz.

Lajes convencionais por lajes nervuradas

Conforme consta no site do Theatro São Pedro, o início das obras ocorreu em 2003, ano da criação do projeto Multipalco.

No período de implantação de obra, a construtora, avaliando os custos e os prazos envolvidos no desmonte de rocha para a implantação dos subsolos, demandou a substituição das lajes convencionais de concreto armado por lajes nervuradas. Com isso ganhou-se 60 cm no desmonte de rocha de toda a área do terreno.

Aumento da capacidade do teatro italiano

Dona Eva tinha três amigas e conselheiras: Eva Wilma, Nathália Timberg e Tônia Carrero. As três damas do teatro nacional reuniam-se com dona

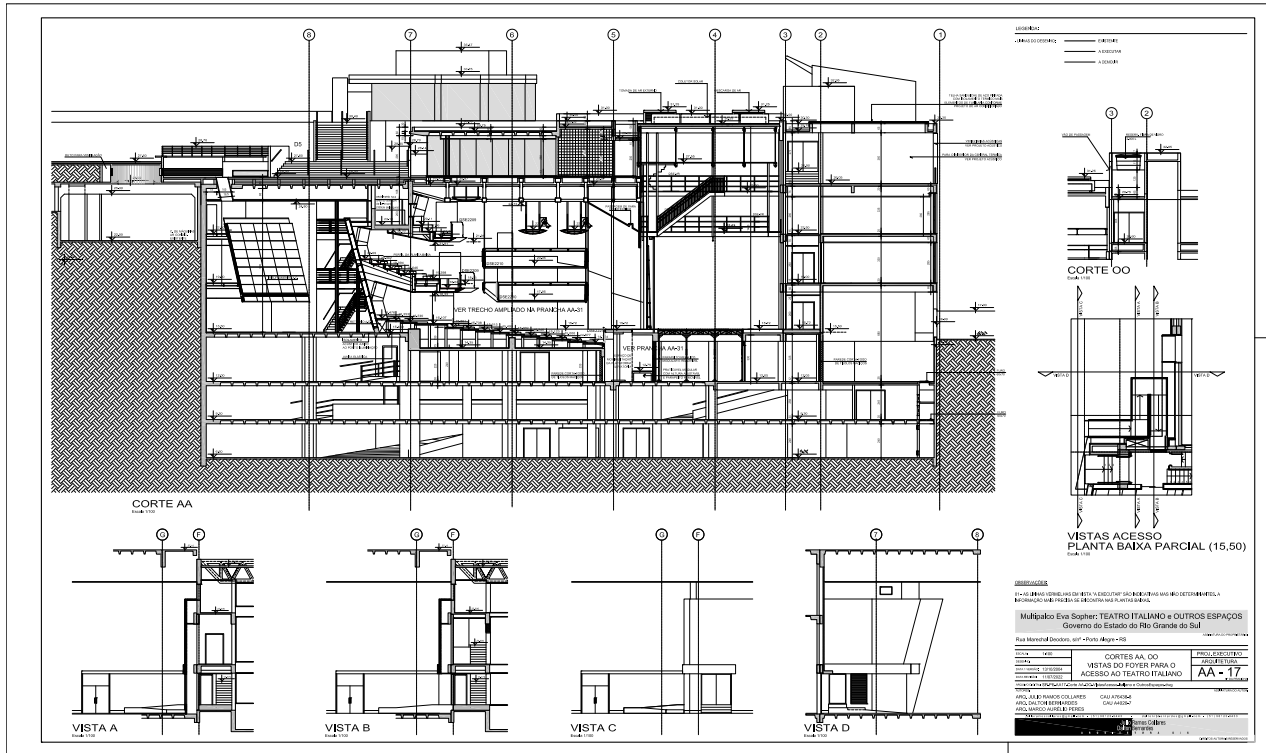
Eva, aqui em Porto Alegre, de tempos em tempos. Em um desses encontros, as quatro senhoras foram visitar a obra que estava já na terceira laje, no nível 15,50, que é o nível do foyer. Após a visita, concluíram que a capacidade do teatro italiano era pequena. No entendimento do grupo, 420 lugares era pouco para atrair grandes companhias de espetáculo vindas de outras praças. Tinha que ser pelo menos mais que 600!

Assim, no dia seguinte, recebemos o desafio – mais ou menos como trocar um pneu com o automóvel andando.

A sala foi totalmente reformulada, teve modificações estruturais importantes e finalmente pôde comportar cerca de 200 lugares a mais. Nossos bravos engenheiros da Simon Engenharia trabalharam duramente conosco nessa solução, que de início parecia impossível, por todos os limites impostos pelo volume já definido, mas que depois de resolvida trouxe novas qualidades ao espaço. Para quem tem experiência em projetar, isso não é uma novidade. Após um *tour-de-force* na busca de uma solução, o projeto, por vezes, tende a resultar melhor. A inclinação da parede curva do teatro principal sobre o foyer é resultado dessa ação e nos parece ter contribuído significativamente para a caracterização do espaço.

Recentemente tivemos um depoimento muito positivo de uma cantora lírica sobre as qualidades acústicas do lugar. O foyer com seus vários planos inclinados e não paralelos tem boa reverberação e resulta em ótima acústica para a propagação sonora.

Corte projeto executivo definitivo



Revisão do projeto para licitação de obra em 2021

Passados dezoito anos do início das obras, e com a oportunidade para mais uma grande empreitada, o projeto foi revisado frente às novas legislações vigentes e alguns avanços tecnológicos.

Em 2021, com novo aporte do Governo do Estado, agora para concluir as obras que faltavam e, principalmente, finalizar o teatro italiano, nova revisão dessa sala principal foi solicitada. Vale destacar que esse espaço tinha sido concebido, inicialmente, para apresentações diversas de peças teatrais, dança e apresentações musicais. Surgiu a demanda de prover o teatro de condições para apresentações de ópera, solicitadas pela Fundação Theatro São Pedro, a partir de sugestões do maestro Evandro Matté. Mais recentemente Porto Alegre tem retomado uma tradição operística

que vem desde os primórdios da nossa Orquestra Sinfônica com o maestro Pablo Komlós (1907-1978). O projeto da sala foi reformulado para atender às novas condições acústicas e à acomodação da orquestra para as apresentações.

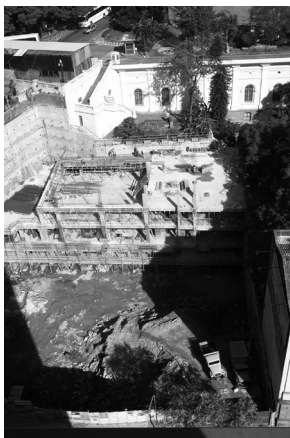
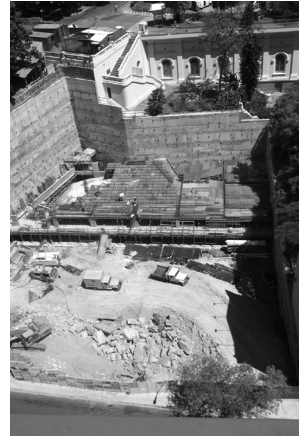
De 2003 a 2015 as obras foram tocadas com aportes de colaboradores privados, por meio das leis de incentivo à cultura, muito pelo esforço pessoal de dona Eva Sopher, como presidente da Fundação Theatro São Pedro e através da Associação Amigos do Theatro São Pedro.

Após serem interrompidas por alguns anos, as obras foram retomadas em 2019. Daí, até a sua conclusão em 2025, houve aporte direto de verba do Estado, através do Programa Avançar lançado em agosto de 2021 pelo governador Eduardo Leite, tendo na Secretaria de Estado da Cultura Beatriz Araujo.

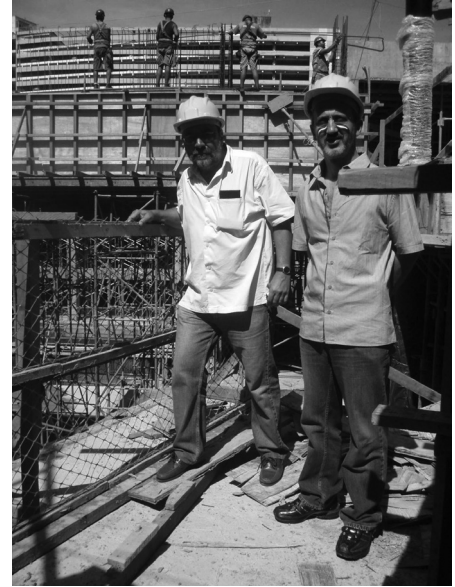
Breve cronologia

- 1996** Lançamento do Concurso Público de Projetos para o Complexo Cultural do Theatro São Pedro.
- 1998** Promulgação dos resultados do concurso e contratação do projeto.
- 2003** Início das obras do Complexo Cultural do Theatro São Pedro.
- 2009** Inauguração da área externa do Multipalco, com praça, restaurante e concha acústica e da área administrativa.
- 2018** O Complexo Cultural do Theatro São Pedro passou a ser chamado de Multipalco Eva Sopher.
- 2023** Inauguração do Teatro Oficina Olga Reverbel, foyer, camarins, salas de dança e demais salas de ensaios.
- 2025** Em março de 2025, inauguração do Teatro Simões Lopes Neto.

Fotos de obra



Fotos de obra



Fotos de obra



Após a divulgação do trabalho vencedor e a conclusão do Concurso Público de Arquitetura, nosso escritório assinou um contrato com a Secretaria de Estado da Cultura, do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, para o desenvolvimento do projeto, com todas as etapas e projetos complementares necessários para a execução da obra do Complexo Cultural.

Coube ao escritório fazer o gerenciamento do trabalho e a contratação de todos os projetistas e consultores. A coordenação técnica da equipe de projeto coube aos três autores.

As modificações de projeto que houve durante o processo da obra foram contratadas da mesma forma. Como critério geral, a formação inicial da equipe foi mantida ao longo dos anos, com alguma complementação pertinente.

A execução da obra foi de responsabilidade de terceiros, sem a presença direta da equipe de projetos. A participação desta se restringiu à assistência à obra, com esclarecimentos sobre o projeto e algum acompanhamento parcial sob demanda e por período de tempo determinado.

No longo processo da obra, um grande número de pessoas participou nas áreas técnica e administrativa, em momentos e locais em que não atuamos, o que nos impede de formular uma ficha completa com todos os nomes que trabalharam para viabilizar o Multipalco Eva Sopher. Assim, na parte técnica citamos as construtoras e seus responsáveis técnicos. Na parte administrativa, citamos os agentes com quem nos relacionamos a partir de 2019 e que foram fundamentais para a consecução desse desfecho tão desejado.

Pela Fundação Theatro São Pedro, além do corpo técnico citado a seguir, foram nossos interlocutores contumazes o presidente Antonio Hohlfeldt, o superintendente administrativo-financeiro Luiz Armando Capra, a assessora de comunicação Alice Kuhn da Silva e a assessora jurídica Márcia Sturm Trucolo.

Pela Associação Amigos do Theatro São Pedro, nossos contatos foram com os presidentes José Roberto Diniz de Moraes, Gilberto Schwartzmann e José Roberto Goldim e com a assessora Jussara Rodrigues.

Projetos

GERENCIAMENTO

Julio Ramos Collares, Dalton Bernardes –
Arquitetura S/S

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Arq. Julio Ramos Collares, Arq. Dalton Bernardes e
Arq. Marco Peres

PROJETO ARQUITETÔNICO

Autores

Arq. Julio Ramos Collares, Arq. Dalton Bernardes e
Arq. Marco Peres

Colaboradores

Arq. Carlos Hubner, Arq. Maria Fatima Beltrão e
Arq. Patrícia Hoff
Arq. Luiza Collares Moré (a partir de 2019)

PROJETO DE PAISAGISMO

Arq. Julio Ramos Collares, Arq. Dalton Bernardes e
Arq. Marco Peres
Eng. Agrônomo Lair Baum Ferreira

PROJETO DE ELÉTRICA, TELEFONIA, SONORIZAÇÃO E TELEINFORMÁTICA

Eng. Ivan Treiguer e Eng. Bayard Tamarit Simões

PROJETO DE ILUMINAÇÃO

Eng. Ivan Treiguer
Arq. Cristina Maluf (a partir de 2019)

PROJETO DE AR-CONDICIONADO, VENTILAÇÃO E EXAUSTÃO

Eng. Mário Alexandre Möller Ferreira

PROJETO DE INSTALAÇÕES HIDROSSANITÁRIAS

Eng. Arcilda Zimmermann
Eng. Marcelo Berny (Optare Engenharia – a partir
de 2019)

PROJETO DE PREVENÇÃO CONTRA INCÊNDIO

Eng. João Daniel Xavier Nunes
Eng. Irani Queiróz (a partir de 2019)

PROJETO DE INSTALAÇÕES DE COZINHA, EXAUSTÃO DA COZINHA, GÁS E CENTRAL DE GERAÇÃO DE ÁGUA QUENTE

Eng. Errol Delmar Reis e Eng. Cláudia Vitória Reis
Arq. Ângela Soeiro (segunda versão cozinha)
Eng. Laerte Malhano (segunda versão exaustão
cozinha)

PROJETO ESTRUTURAL: FUNDAÇÃO, CONCRETO ARMADO, METÁLICA

Eng. Charles Simon e Eng. Henrique Möller (Simon
Engenharia)

CONTENÇÕES ATIRANTADAS

Eng. Jarbas Milititsky

PROJETO DE IMPERMEABILIZAÇÕES

Arq. Cloé Cruz

ACÚSTICA

Arq. Flávio Simões (Simões e Oliveira - Acústica e
Arquitetura Ltda)

CENOTÉCNICA

Arq. José Carlos Serroni

SONORIZAÇÃO

Eng. Egon R. Alscher

Des. som Raul Teixeira (a partir de 2019)

ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS DE MATERIAIS E SERVIÇOS**Coordenação do Documento Final**

Arq. Julio Ramos Collares, Arq. Dalton Bernardes e Arq. Marco Peres

ORÇAMENTO GERAL DA OBRA COM QUANTITATIVOS

Coordenação do documento final

Arq. Julio Ramos Collares, Arq. Dalton Bernardes e

Arq. Marco Peres

(1ª versão)

Eng. Norberto Bedin, Eng. Camila Bedin Elias

(Multiprojetos Engenharia e Arquitetura, a partir de 2019)

ASSESSORIA DE ACESSIBILIDADE

Arq. Manoela Machado (a partir de 2019)

Execução da obra**EXECUÇÃO DA OBRA**

Solé e Associados – Eng. Ismael Solé, Eng. Augusto César Franarin e Arq. Antonela Solé (de 2003 a 2015)

EMIBM Engenharia e Inovação Ltda. – Eng. José Maurício Vieira Barros, Eng. Vanessa Carvalho (de 2021 a 2025)

FISCALIZAÇÃO DA EXECUÇÃO DA OBRA PELA FUNDAÇÃO THEATRO SÃO PEDRO

Arq. Ângela Costa, Eng. Alexandre Weindorfer e

Arq. Carlo Dolzan (de 2021 a 2025)

Desde o início, como diretriz, o projeto adotou um sistema construtivo convencional, comum em nossa região, um tanto híbrido, no qual alguns sistemas e técnicas assumem características especiais, em função de peculiaridades do programa, do terreno e da própria gestão da obra.

No início da obra, o manejo vegetal e a escavação do terreno mereceram atenção especial. Após uma etapa de aprofundamento da questão vegetal junto aos órgãos municipais, o projeto definiu as condições de permanência da paineira tombada, protagonista do espaço aberto da praça, no estudo preliminar. Já os vegetais com possibilidade de transplante foram remanejados.

Na época do concurso, o terreno já havia sido modificado e se encontrava na cota aproximada de 13,58 m, abaixo do passeio público da Rua Riachuelo e já se mostrava como uma cavidade a ser preenchida no processo de reconstituição do tecido urbano. Nesse momento, portanto, a obra precisava escavar algo próximo a 7 m para atingir a cota 6,60 m do primeiro subsolo. Esquemáticamente, essa camada era composta de 1 a 2 m de solo, mais 6 a 7 m de rocha sã ou matacão. A escavação demandou, inicialmente, a remoção do solo superficial, com resíduo de granito alterado e desagregado e com resíduos de rocha. Posteriormente, foi feita a escavação de rocha sã, onde foram utilizados explosivos. Foi uma etapa complexa que demandou bastante tempo e teve a participação de várias instân-

cias do poder público e da comunidade técnico-científica no detalhamento da operação, no monitoramento do entorno construído e na execução.

Conforme as escavações avançavam, foram sendo construídas contenções de concreto armado, a obra crescendo de cima para baixo, em partes apoiadas em tirantes ou ancoragens injetadas no solo. As ancoragens foram realizadas por meio de tirantes de aço fixados no solo, pelo bulbo de ancoragem, e na cortina de concreto armado, pela cabeça de ancoragem, expertise do professor eng. Jarbas Milititsky. Ao final dessa etapa, estava configurada uma cavidade com profundidade entre 8 e 24 m, aproximadamente, abaixo do perfil natural do terreno do entorno.

A escavação criou as condições para a execução da infraestrutura. As fundações foram construídas diretamente sobre a base, em nichos escavados na rocha, sob a forma de sapatas em concreto armado moldado *in loco*.

Na sequência, coube à supraestrutura ocupar esse vazio e estabelecer os pisos para a distribuição do programa do Complexo. A escolha do tipo de estrutura, além dos aspectos intrínsecos ao projeto, como variedade programática, geométrica e dimensional, levou em consideração o tipo de aporte financeiro para a obra. Desde o início do processo, já na realização do projeto executivo, os recursos financeiros para a execução da obra ainda não estavam viabilizados. Não era possível estabelecer um cronograma físico-financeiro. Diante disso, foi adotada uma estrutura

de concreto convencional, moldada *in loco*. As decisões sobre a concepção estrutural tiveram sempre a participação valiosa de nossos parceiros de longa data, eng. Charles Simon e eng. Henrique Moller, da Simon Engenharia.

A partir de uma malha de aproximadamente de 7,50 x 7,50 m, foi lançada uma estrutura de pilar/viga/laje, adequada aos estacionamentos, localizados nos pavimentos inferiores. Na medida da subida dos andares, alguns pilares dessa malha foram sendo suprimidos para aumento dos vãos, o que se fazia necessário para atender aos espaços de maior dimensão. Adiante, para reduzir o volume da escavação, em alguns locais foi utilizada estrutura de laje nervurada. A estrutura da sala principal é independente da estrutura restante a fim de isolá-la de vibrações e ruídos.

A estrutura metálica também foi utilizada para resolver questões dimensionais, para dar mais leveza aos elementos ou para resolver temas de forma, caráter e expressão. Os vãos do plano de forro da plateia da sala principal foram vencidos por vigas treliçadas de aço. O mesmo ocorreu na estrutura dos mezaninos e dos balcões laterais, bem como nas galerias do foyer e na concha acústica. A estrutura metálica básica é composta por treliças e elementos constituídos por chapas cortadas e soldadas ou por perfis laminados.

A impermeabilização foi um tema importante pelo partido adotado – uma grande laje (praça) que cobre um vasto programa dessa cota para baixo. Para esses serviços, com base nas normas sobre o assunto, normas de execução e fiscalização, foi utilizado um extenso cardápio de soluções. Nessa especialidade, tivemos a participação da arq. Cloé Cruz.

Um prédio cultural multifuncional com salas de espetáculo exige uma atenção muito grande em relação aos aspectos de isolamento e de condicionamento acústico. O isolamento dos ruídos se dá, dependendo

das frequências, por meio das massas de alvenarias ou concreto, ou por meio de paredes duplas desvinculadas mecanicamente para evitar a transmissão indireta. A transmissão de vibrações através das estruturas sólidas é controlada com o uso de bases elásticas. Os acessos às salas são protegidos por meio de antecâmaras tratadas acusticamente e sistemas de portas ou cortinas adequadas. Dois setores do projeto exemplificam bem essa preocupação: o isolamento da laje de cobertura de vários espaços relevantes, que corresponde ao piso da praça, no nível superior, e o isolamento acústico do teatro italiano em relação ao conjunto de atividades que, literalmente, o envolve por todos os lados. No primeiro caso, foi executada uma segunda laje com base elástica e, no segundo, por meio de juntas de dilatação na estrutura; o corpo do teatro fica totalmente isolado, no miolo da composição.

Já o condicionamento acústico enfatiza a concha acústica, o teatro oficina e o teatro italiano, principalmente. O teatro oficina foi projetado para obter o melhor desempenho médio para os variados tipos de apresentações. No teatro italiano, num trabalho conjunto, a acústica geométrica é incorporada na definição dos elementos da sala como balcões laterais, mezaninos e revestimentos em geral.

Sobre os parâmetros geométricos utilizados, os dados foram extraídos do projeto acústico de autoria de Simões e Oliveira – Acústica e Arquitetura Ltda., que tem como titular o arq. Flávio Simões, parceiro exigente e minucioso de muitos projetos.

No início do projeto executivo, diferentemente do estabelecido no programa inicial, em acordo com a presidência da Fundação Theatro São Pedro, a sala havia sido projetada para 420 lugares, um teatro tipo italiano para apresentações variadas, com um volume de 2.500 m³. Na versão final, a capacidade foi aumentada para 626 lugares, com um volume de

2.900 m³, proporcionando um pequeno aumento de reverberação, o que é desejável para apresentações de concertos e óperas.

Em salas de óperas é indicado tempo de reverberação mais elevado para proporcionar envolvimento da música, e reflexões curtas para melhor inteligibilidade dos cantores. Essas reflexões curtas são obtidas com a inclusão de painéis refletoras sob as passarelas técnicas do forro da plateia, ao fundo da sala e nos peitoris dos balcões laterais.

No caso de apresentações de orquestra sobre o palco, como forma de otimizar as reflexões e a projeção do som e da voz, não perder o nível sonoro e toda a musicalidade das orquestras, são previstas a colocação de conchas acústicas ao redor delas para direcionar o som para o público.

Sobre o condicionamento interno, a qualidade do ar do Complexo é garantida por sistemas de ar-condicionado, ventilação e exaustão. Desde o início do projeto até a finalização da obra, o responsável por essa disciplina foi o eng. Mário Alexandre Möller Ferreira, reconhecido especialista no assunto.

Quanto à prevenção contra incêndio, o conjunto, projetado para a produção e apresentação de artes cênicas, em uma construção de concreto e alvenaria, prédio com 7 pavimentos, sendo 3 subsolos, é dotado de alarme acústico, iluminação de emergência, sinalização de saída, sistema de proteção de descargas atmosféricas, de instalação preventiva móvel (extintores), de instalação hidráulica sob comando (hidrantes), de instalação hidráulica automática (*sprinklers*).

Em relação às instalações de água fria, para um consumo diário de 20.311 litros, o Complexo está abastecido por um reservatório superior com capacidade para 20.000 litros, alimentado diretamente da rede pública, pela Praça Marechal Deodoro. A distribuição de água, via de regra, é por gravidade, ex-

ceto nos sanitários do nível 26,50, com ligação direta da rua, e no restaurante, onde a água é pressurizada. Nas instalações de esgoto cloacal e pluvial, no nível 15,50 e naqueles acima desse, o esgoto é recolhido e encaminhado, por gravidade, para as redes de esgoto cloacal e pluvial públicas, respectivamente, pelo nível 15,50. Os esgotos cloacal e pluvial dos níveis 6,00, 9,00 e 12,00 são recolhidos no nível 6,00 e bombeados para o nível 15,50, onde são ligados às respectivas redes públicas. As instalações hidrossanitárias foram concebidas pela eng. Arcilda Zimmermann e, na revisão iniciada em 2019, tiveram também a participação do eng. Marcelo Berny.

Quanto à geração de água quente, o Complexo define dois sistemas independentes: um para os sanitários dos camarins e outro para as instalações da cozinha. Os demais locais de consumo, como a cafeteria, possuem seus próprios sistemas de aquecimento, independentes.

Na energia elétrica e afins, o Multipalco é atendido por uma única fonte externa de energia a partir da concessionária local. A entrada de energia em alta tensão é subterrânea e chega na subestação transformadora localizada no nível 9,00. Esta trabalha com dois transformadores: um, para alimentar as cargas em geral, no sistema de 220/127V, e, outro, para as cargas do ar-condicionado, ventilação e exaustão, no sistema 380/220V. A subestação transformadora se conecta ao sistema de distribuição da energia do prédio, composto por quadros gerais de baixa tensão, centros de distribuição e quadros de força, com dispositivos de proteção e comando e todos conectados por alimentadores e condutores protegidos por eletrodutos ou eletrocalhas distribuídos sobre o forro. O prédio é dotado de sistema malha para a proteção de estruturas contra descargas atmosféricas. As instalações de telefonia e dados estão concebidas a partir de

um cabeamento estruturado. Os projetos da elétrica e afins foram desenvolvido pelo eng. Ivan Treiguer num trabalho dedicado e exaustivo, constantemente atualizado, e que, dado à sua complexidade, necessitou habilidade e persistência nas negociações com a concessionária local. O eng. Ivan é parceiro do escritório desde a sua fundação.

A iluminação dos diversos ambientes foi projetada de acordo com o que estabelecem as normas brasileiras no que tange as condições do nível de iluminação requerido para cada atividade. Afora isso, um projeto de luminotécnica providenciou a valorização dos ambientes conforme suas características e tipos de uso. Tanto nas áreas externas quanto internas a iluminação trabalhou com a arquitetura para obter os resultados desejáveis e foi recentemente refeita para a devida atualização tecnológica pela arq. Cristina Maluf, especialista em iluminação.

Ainda com respeito à iluminação, foi desenvolvido o projeto de iluminação cênica, que está incorporado ao projeto cenotécnico.

Na sala de controle do vestíbulo de serviço, no nível 15,50, se localiza a central do sistema de sonorização do Complexo, que distribui som ambiental, avisos e chamadas nas áreas de circulação e salas do prédio. Os espaços da concha acústica e do teatro oficina são atendidos por um equipamento de sonorização móvel, que será utilizado em shows musicais, peças teatrais, espetáculos de dança, palestras, aulas, exibição de vídeos etc., cobrindo a área destinada ao público e à monitoração do palco. O projeto de sonorização foi feito originalmente pelo eng. Egon Alsher e recentemente atualizado pelo nosso novo parceiro paulista designer de som Raul Teixeira.

O projeto de cenotécnica foi desenvolvido desde o início e atualizado recentemente por nosso parceiro de São Paulo, arq. José Carlos Serroni, referência nacional nessa área. No teatro oficina, uma área destinada a uso múltiplo, para as mais diversas atividades no campo dos espetáculos ou de formação, a cenotécnica previu elementos básicos cênicos e de iluminação cênica. É uma área aproximada de 250 m², com um pé-direito de 6,50 m², contornado por uma varanda nos quatro lados, com o piso da sala montado em assoalho flutuante. No teatro italiano consta do projeto o desenho do palco e áreas de cena adjacentes, urdimento de caixa de palco italiano, passarelas técnicas, varas de cenografia e iluminação cênica, amarração de pernas, além da vestimenta básica de palco. Também foram projetadas duas passarelas técnicas de plateia com varas fixas para iluminação cênica, um conjunto de 24 quarteladas de palco apoiadas em estrutura modular móvel e um elevador de orquestra motorizado.

O projeto de paisagismo foi desenvolvido em parceria com o eng. agrônomo Lair Ferreira. O professor Lair teve papel importante na elaboração dos laudos que atestaram as condições de cada indivíduo vegetal e que de início tiveram influência na área real de projeto. Os espaços de paisagismo vegetal valorizam a enorme paineira tombada através de uma área de estar com a possibilidade de colocação de esculturas junto à base do Teatro São Pedro. Pontualmente a vegetação aparece como floreiras, como na fachada da rua Riachuelo, ou arrematando a perspectiva interna do restaurante, e ainda como coberturas verdes favorecendo as vistas do conjunto a partir de cotas mais altas.



O Multipalco Eva Sopher já faz parte da realidade visual do lugar. O vazio no tecido urbano foi preenchido, se constituiu a praça do Theatro São Pedro e a materialidade exterior do edifício já se incorporou à fachada contínua da Rua Riachuelo, como se ali sempre tivesse existido.

Testemunhamos os primeiros sinais do Multipalco, ainda de forma embrionária, presentes no cotidiano da cidade. A vida se insinua nos espaços abertos da praça, no ritmo diário do restaurante e dos eventos ao ar livre, como as feirinhas de fim de semana e comemorações em datas especiais. Internamente, também, a animação das novas atividades cresce aos poucos, sempre causando certa surpresa pela descoberta de muitos pavimentos escondidos com qualidades de espaço e equipamentos um tanto incomuns aos novos prédios públicos.

O prédio concluído é motivo de satisfação e orgulho.

Juntamente com a obra, encerramos nossa participação técnica e também a narrativa sobre esse período que já contabiliza mais de um quarto de século. De técnicos passamos a usuários de uma rica e variada programação cultural que o Multipalco oferece.

Nesta conclusão, gostaríamos de lembrar alguns fatos relevantes.

Em primeiro lugar, lembrar daquilo que deu início a todo o processo – a concepção de um multipalco naquele local. Louvar a visão de dona Eva Sopher e todo seu trabalho, tão bem expresso por Antonio

Hohlfeldt no texto “Multipalco: herança da centenária Eva Sopher” (*Theatro Palavra* – 165 Anos do Theatro São Pedro, Antonio Hohlfeldt, Diego da Maia e Gilberto Perin, Edições Ardotempo, junho/2023, p. 1).

Devemos destacar também o papel do Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento do Rio Grande do Sul, IAB/RS, que fez a consultoria técnica do concurso público. Referimos o seu ex-presidente arq. Carlos Maximiliano Fayet, já falecido, pessoa determinada, que bravamente defendeu a realização do concurso junto ao Governo do Estado, e a todos os arquitetos daquela diretoria que trabalharam nessa bem-sucedida iniciativa. Os arquitetos do IAB/RS, além de organizar de forma exemplar a prática do concurso, souberam interpretar corretamente o programa e o seu significado arquitetônico para aquela área do Centro Histórico.

Sabe-se também que a materialização de uma ideia vai muito além de um projeto. São necessários os recursos humanos e financeiros. E, neste particular, devemos referenciar os agentes públicos e privados que promoveram e gerenciaram o processo e viabilizaram a construção do edifício.

Já na escala da nossa atuação, destacamos a maneira como o nosso projeto se fundiu com a ideia do Multipalco. Conforme as pessoas conheciam o projeto, percebia-se uma forte adesão. No esclarecimento e na divulgação do projeto, salientamos o papel da maquete física que doamos para a Fundação Theatro São

Pedro. Além da beleza do objeto de madeira balsa em si, o modelo de todo o Complexo Cultural do Theatro São Pedro que ficou exposto no foyer do Theatro São Pedro foi muito esclarecedor e apareceu em numerosas matérias jornalísticas. Era impossível não sonhar com aquela proposta.

As visitas à obra também merecem atenção, principalmente por mostrar o que ali estava sendo feito e que, pelo exterior, não era percebido pelas pessoas, pois a maior parte do prédio estava enterrada. Ao longo da obra, ciceroneamos vários visitantes, locais e estrangeiros, e as observações, via de regra, foram de surpresa e aprovação.

Um item sempre importante para a vida útil de uma obra se refere à materialidade do prédio. Avaliamos como acertados as técnicas e os materiais especificados. Passeamos pelo Multipalco Eva Sopher hoje, e apesar do uso de alguns espaços e equipamentos já contarem cerca de dez anos, percebemos os acabamentos com ótima aparência. O granito rosa Guaíba de jazidas locais, predominante nas fachadas e pisos externos, em pisos internos por vezes com junta de latão, a exemplo do antigo Theatro, as madeiras, o carpete, o reboco e os forros industriais ou artesanais, estão íntegros e vivos. As ideias de sustentabilidade, durabilidade e permanência presidiram as soluções e a indicação de materiais, garantindo economia de manutenção e energia para uma arquitetura que se pretende, de alguma forma, atemporal.

E os espaços propostos?

Um dia desses, encontramos a maestrina Keliezy Severo no elevador. Ela nos cumprimentou efusivamente. Naquele dia já havia feito dois concertos com a Orquestra Jovem do Theatro São Pedro em escolas do ensino médio. Contou que os jovens músicos têm usado os espaços do Multipalco com muito entusias-

mo, aproveitando suas qualidades técnicas e de conforto. E acrescentou: “Isto aqui é muito inspirador!” Como não se emocionar?

Aos poucos o Multipalco vai atraindo seus usuários e vai se tornando um organismo pulsante. A arquitetura sem uso pouco valor tem; a cidade é algo vivo. O programa extenso e variado do Multipalco favorece a diversidade de público. Os teatros, as salas de música, a escolinha de música, as orquestras, as salas para dança, para as artes circenses, as exposições, as palestras, as apresentações na concha acústica, a gastronomia, as feirinhas ao ar livre, a praça e os espaços de contemplação atraem um público variado que se interalimenta e cria um círculo virtuoso.

A abordagem deste último parágrafo é, digamos, uma visão de dentro para fora. Salienta os aspectos qualitativos do programa e uso de sua tradução espacial, apropriada gradativamente pela população. Os espaços intermediários articulam suas áreas de domínio fechadas ou abertas com o entorno imediato, no qual, como elemento principal, está o Theatro São Pedro.

Mas também é importante ver de fora para dentro, na perspectiva de quem aborda a inserção do edifício na cidade, nesse caso, em um dos sítios mais importantes de Porto Alegre. No antigo Centro, a Praça da Matriz tem um papel destacado, como espaço histórico e lugar de representação. A praça em si tem grande valor arquitetônico-paisagístico, com espaços de lazer, vegetação significativa e estatuária relevante, e promove a articulação dos níveis circundantes com rara habilidade. A praça é, de fato, um monumento. Também aí estão localizados o poder Executivo, o poder Legislativo e o Judiciário e seus palácios, além da Catedral Metropolitana e o Theatro São Pedro. Com outros tantos edifícios de valor histórico e arquitetônico, a Praça Marechal Deodoro, seu nome oficial, compõe um dos espaços mais ricos da cidade.

Como já descrito inicialmente, o conjunto do Multipalco Eva Sopher está à esquerda do acesso principal do antigo teatro. Na composição do espaço da Praça da Matriz, nesse nível, o Multipalco se evidencia por um pequeno volume pétreo, constituindo, nesse vértice da delimitação da praça, um vazio que atrai a curiosidade. Desse ponto, daí para baixo, os espaços se revelam aos poucos, prometendo surpresas. A *promenade* vai pela praça, se interioriza e muitos níveis se apresentam. Ou atravessa a praça e toma a escadaria até a Rua Riachuelo.

A fachada no alinhamento da Rua Riachuelo, de cotas mais baixas, no sentido contrário, atrai o olhar para cima e, da mesma forma, gradativamente, apresenta os interiores e a praça superior.

“Quem são e onde estão os deuses das cidades? E por que reencontrá-los? Esta frase de Ítalo Calvino é no mínimo instigante. Fala da cidade como algo que se transforma e da sua história como movimento. Mas fala também de algo que permanece, como uma alma, uma essência que deve ser buscada num exato momento, aquele que se poderia dizer que para nós, arquitetos, é o momento do projeto [...]

[...] Assim sendo, o projeto deveria definir-se como uma ação no presente que se constrói sobre o tabuleiro do passado, reforçando, paradoxalmente, à medida que o modifica, seus significados originais: seus deuses, diria talvez Calvino. Por isso, pode-se dizer que os deuses da cidade habitam suas permanências, aquilo

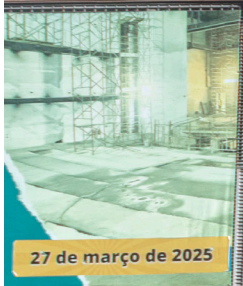
que é comum às suas duas temporalidades: o seu presente e o seu passado [...]

[...] Portanto, se os deuses de Porto Alegre habitam esta espécie de Acrópole que é a Praça da Matriz, tratemos, pois, de encontrá-los, para que os mortos que jazem na praça que um dia foi cemitério, não reclamem seu espaço e para que, no próximo milênio, possamos produzir uma arquitetura que outorgue novos sentidos às permanências, unindo os fragmentos e preenchendo os interstícios da cidade contemporânea [...]¹”.

Para o projetista, um sítio rico como esse, limitado por uma poligonal quebrada de muitos segmentos, vizinho de espaços significativos como a rua e a praça históricas e também com a imponente lateral do velho teatro, com topografia muito acidentada, presença vegetal e programa de necessidades extenso e complexo, é um exercício peculiar. Tendo-se uma maneira de projetar experimentada, inicia-se de pronto com uma “folha cheia”. São muitas as informações que estão postas já de plano. O redesenho desses dados e suas sucessivas representações, a partir da introdução gradativa de dados novos com operações que respondem a conceitos e estratégias, nos faz pensar no projeto como descobertas. Algo que se revela aos poucos. Gradativamente vai-se tirando os velos.

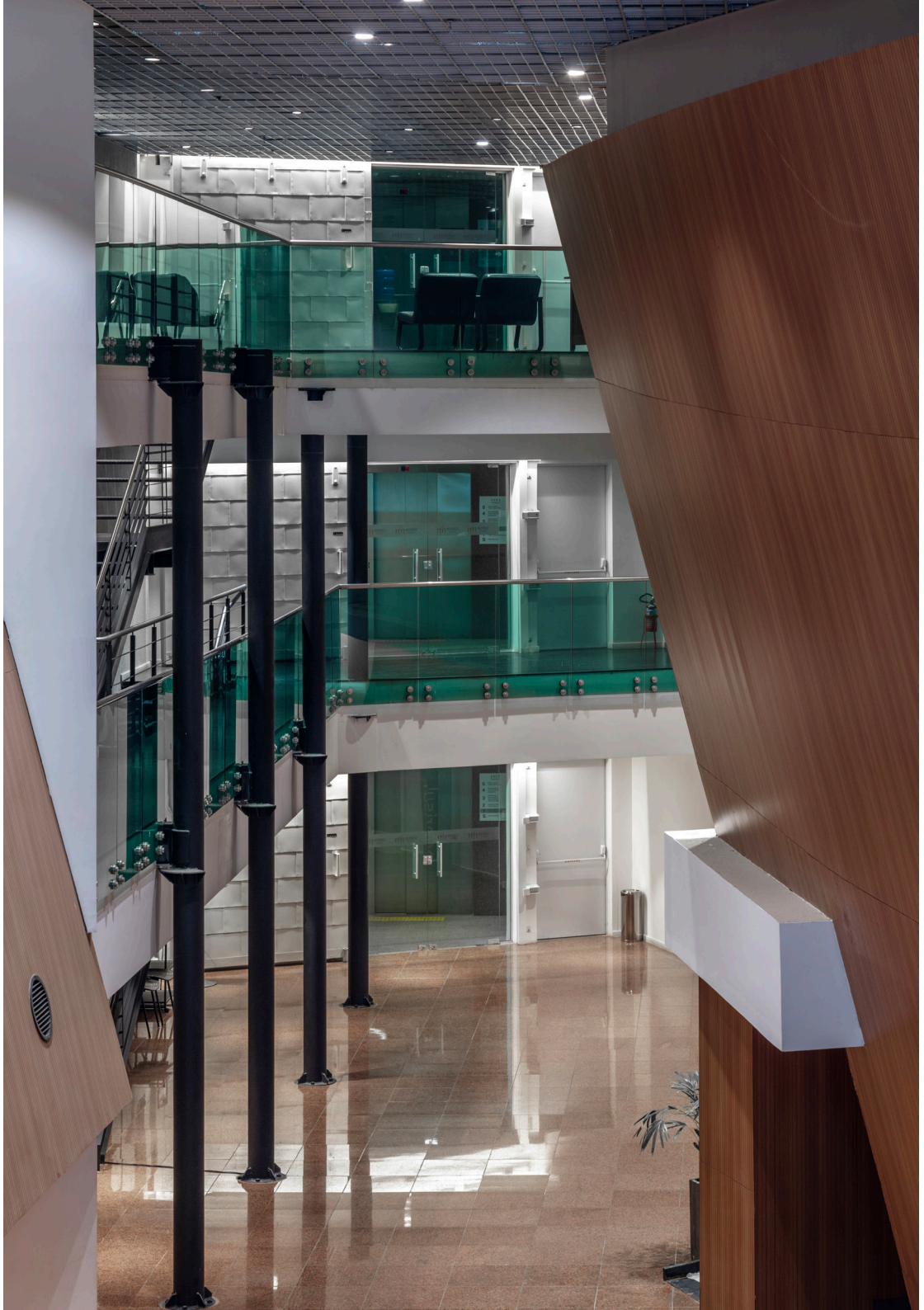
Fazer arquitetura, por seus processos, trata de pensamentos abstratos, de raciocínios concretos e ações simples e até mesmo prosaicas.

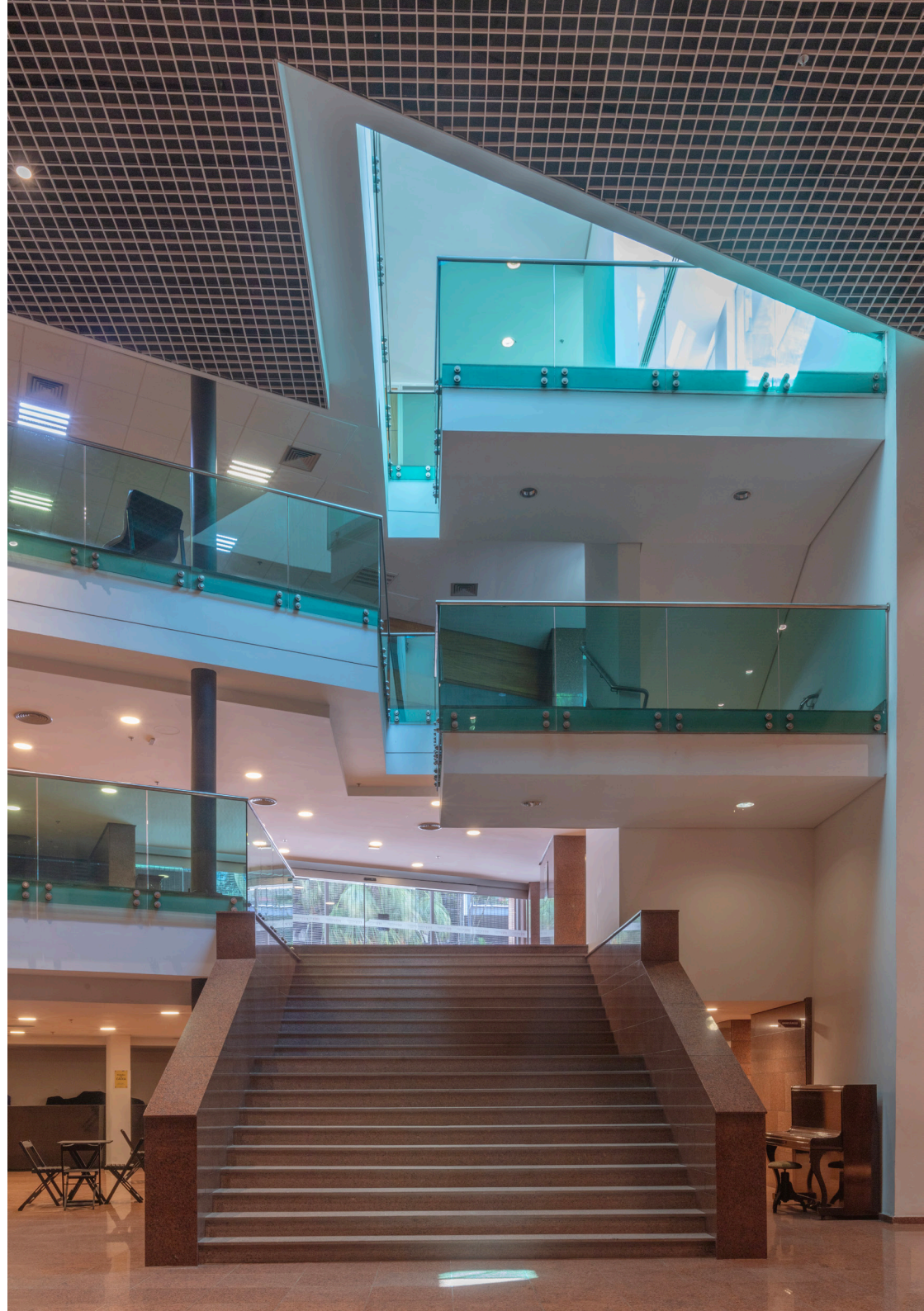
Por isso é tão apaixonante.



27 de março de 2025

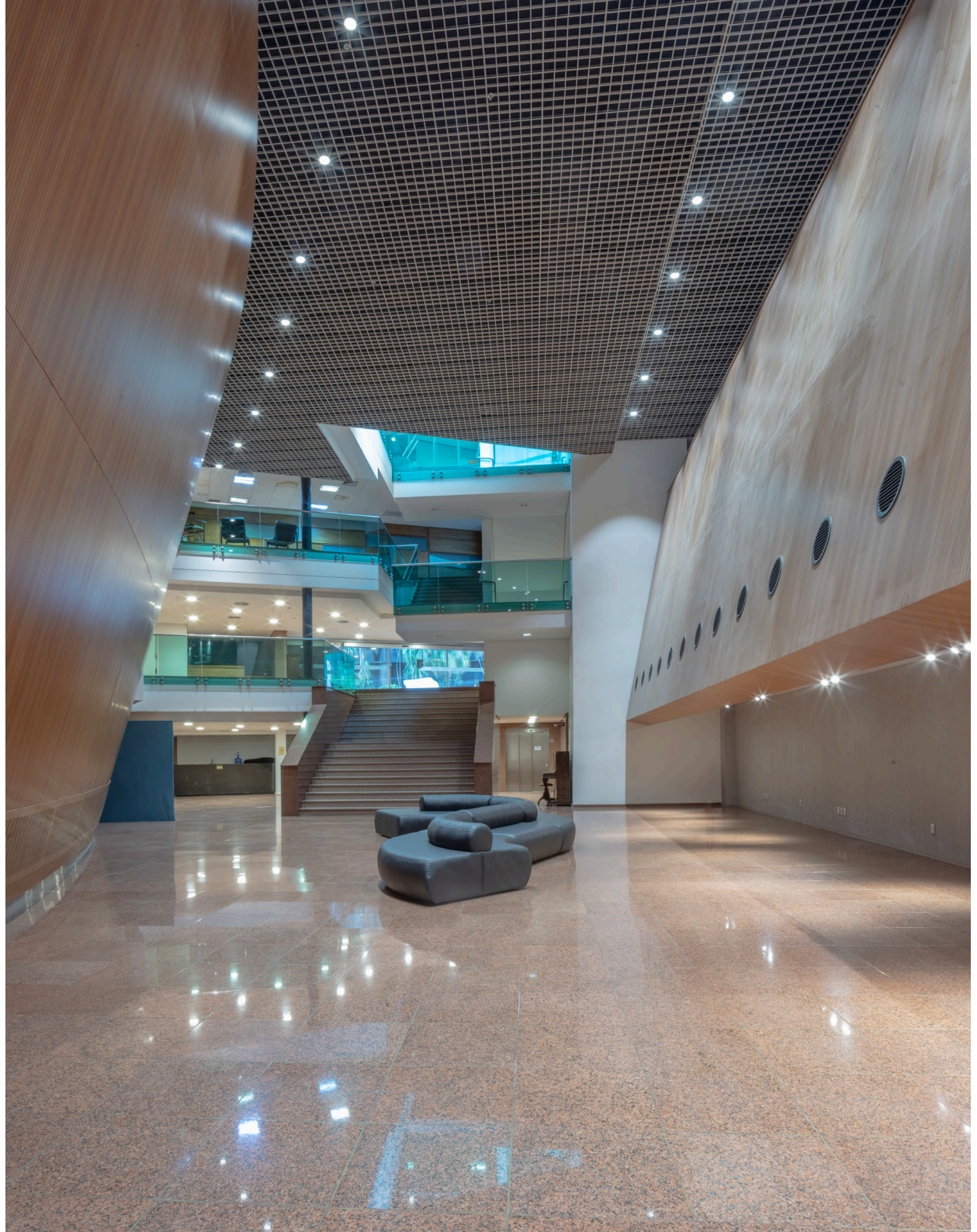


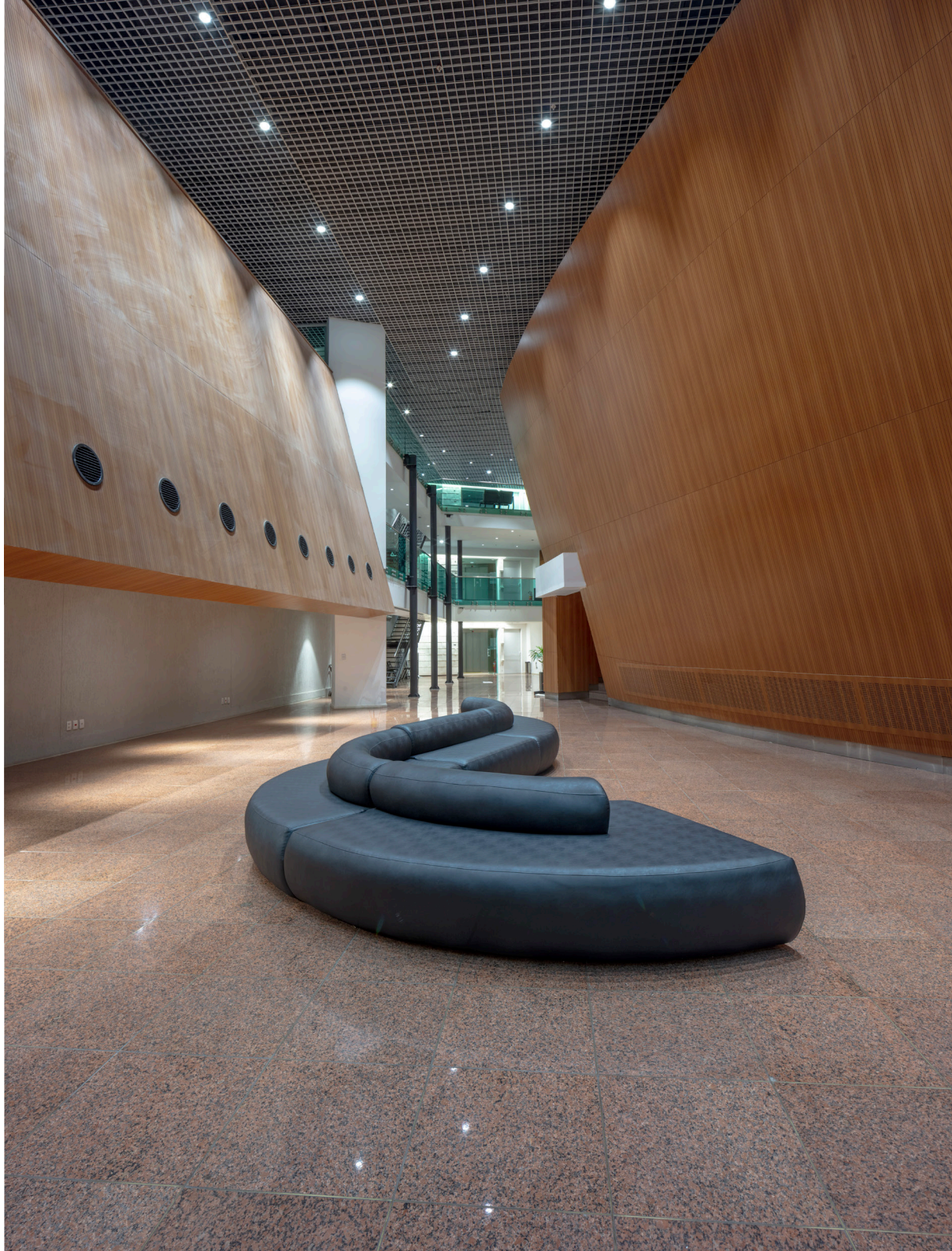


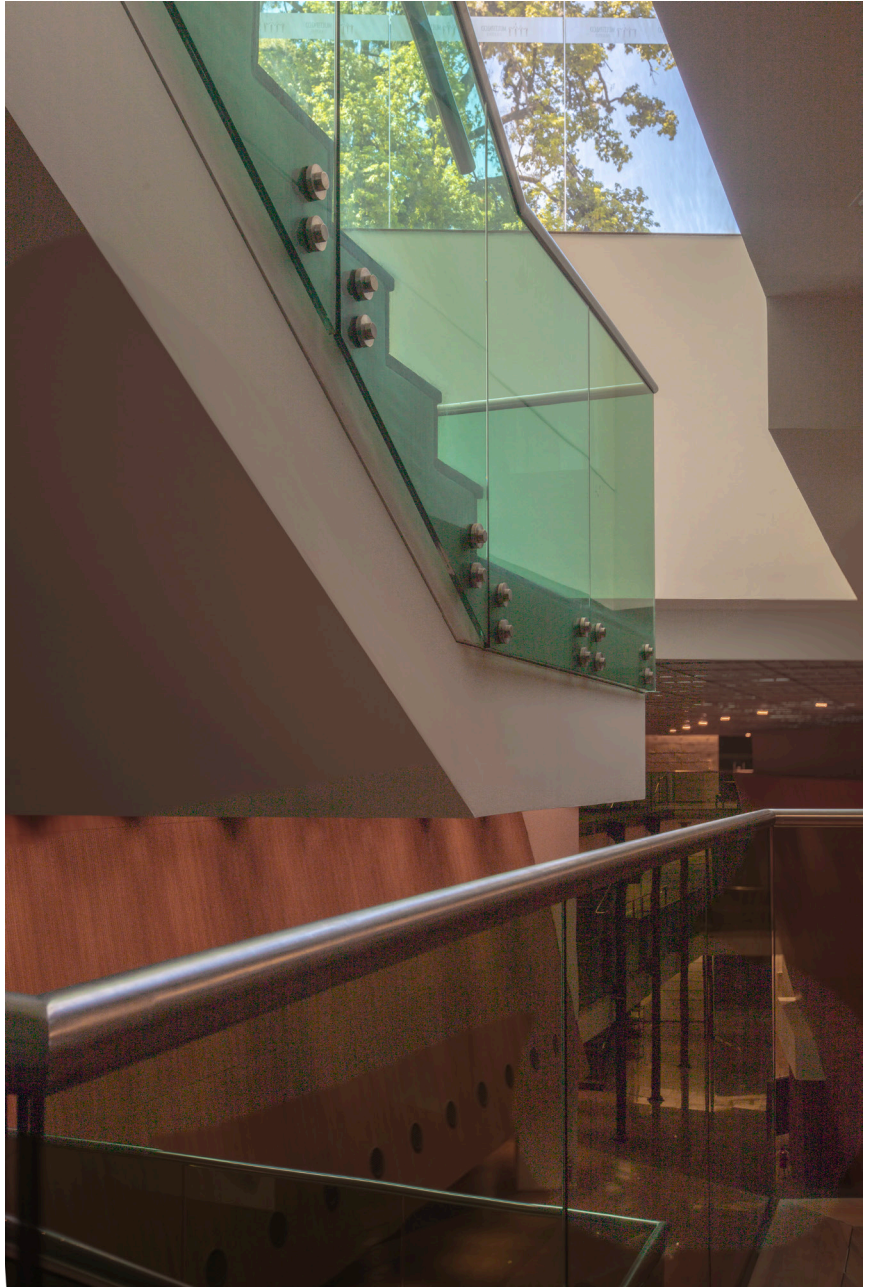


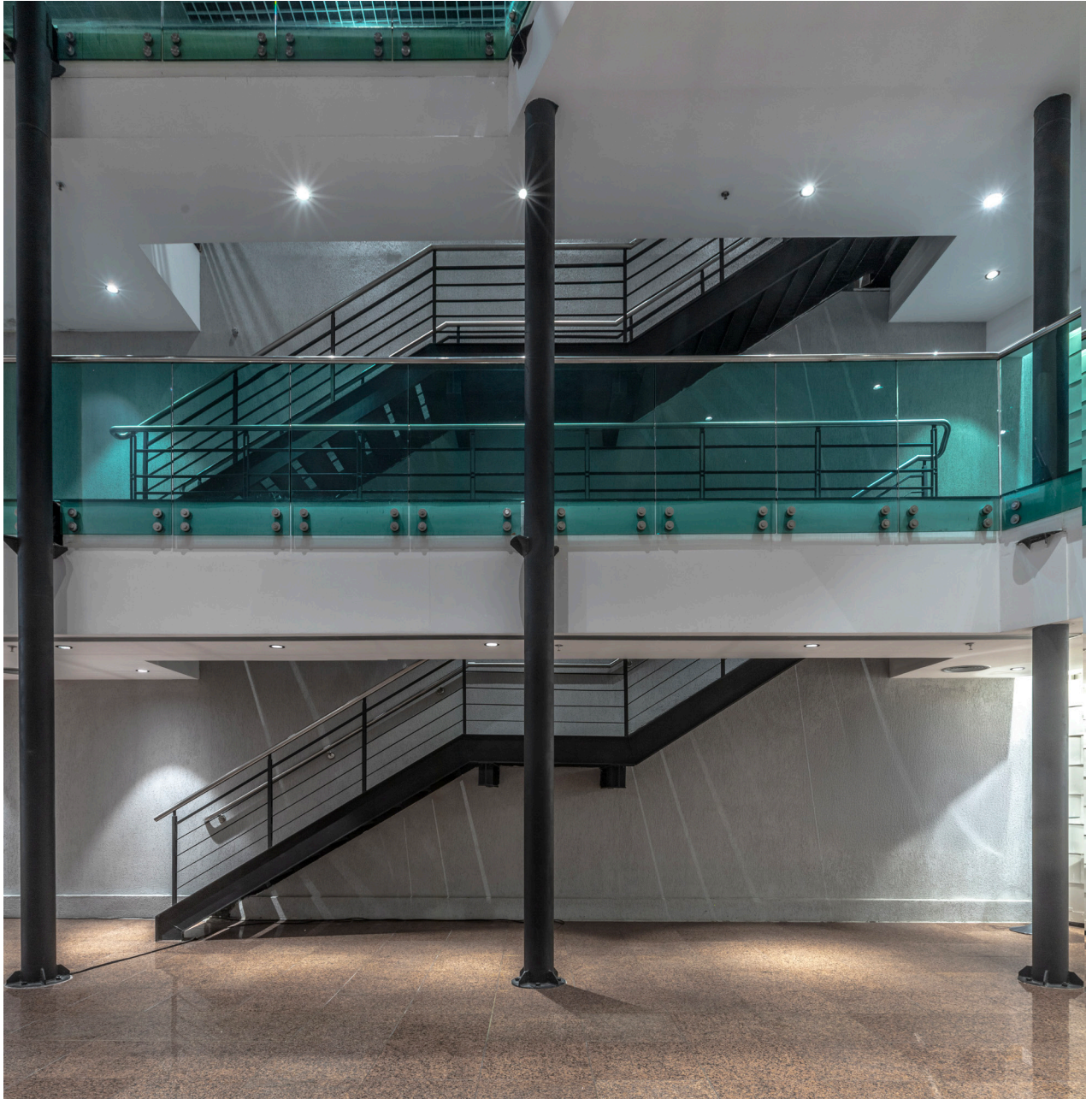












Praça em transe*

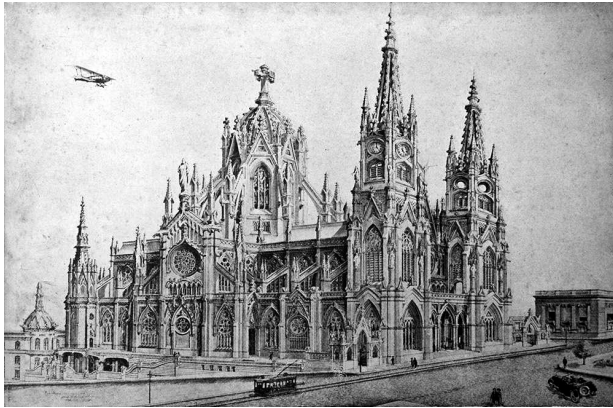


Figura 01 – Concurso internacional de projetos para a “Catedral Metropolitana de Porto Alegre”, promovido e organizado pela Cúria Metropolitana de Porto Alegre, vencido pelo arquiteto Jesús Maria Corona. Fonte: BECKER, Dom João. **A Cathedral Metropolitana de Porto Alegre**. Sétima Carta Pastoral. Porto Alegre: Selbach, 1919.

“Deus escreve certo por linhas tortas” diz o popular crente quando o que parecia errado dá certo. Ninguém imaginaria que a árdua vinda de Jesús Maria Corona (1871-1938), arquiteto espanhol nascido em Cudón, vencedor do concurso de projetos para a Catedral Metropolitana de Porto Alegre (1915), com a proposta de um templo neogótico (Figura 01), abandonada pela cúria em prol de um “estilo renascentista”, oportunizaria a construção do Palácio da Justiça, monumento moderno da arquitetura brasileira em Porto Alegre, projetado por Corona, não o Jesús, mas o Luís Fernando (1924-1977), neto do primeiro. Na linha torta, está também o incêndio da antiga Casa da Câmara (1871) – edifício gêmeo ao Teatro São Pedro (1858), projetado pelo alemão Georg Karl Philipp Theodor von Norman (1818-1862) nascido em Halle –, fogo que desfez o pórtico de ligação do eixo da Praça da Matriz com a quina da Praça da Alfândega através da Rua General Câmara, onde novo pórtico, de edifícios irmãos, Alfândega e Correios, projetados por outro Theodor, o Wiedersphan (1873-1952), também alemão, nascido em Wiesbaden, faz a ligação do eixo desta outra praça ao estuário Guaíba, através da Avenida Sepúlveda. Fecha a linha (ou círculo), o fato deste último Theodor também ter ganhado o prêmio no concurso da Catedral,

* O título faz referência ao filme brasileiro *Terra em Transe* (1967), de Glauber Rocha, vencedor de diversos prêmios no Brasil e no exterior, o qual, por sua vez, é uma parábola do país na época e dos movimentos de toda ordem, principalmente políticos, que fazem história.

e dizem historiadores que seu projeto está por trás do construído, atribuído a um italiano, Giovanni Battista Giovenale, nascido em Roma (1849-1934). Desgostoso com a rasteira estilística, o Jesús Maria foi à Catalunha, para morrer na guerra civil espanhola, mas deixou para trás uma dinastia de arquitetos e artistas que ainda fazem a diferença no sul brasileiro, sendo que seu neto Luís Fernando, nascido em Porto Alegre, colocou finalmente o nome Corona na Praça, com um dos mais importantes edifícios da Arquitetura Moderna Brasileira no Sul (Figura 02).

Essa mesma arquitetura moderna estava em crise e revisão no contexto sul-americano dos anos 1980 e início dos 1990, cuja crítica, em debates intensos, dentre complexidades de toda ordem, estilísticas inclusive, alimentava certa oposição ao moderno e revalorização da tradição. Nesse ambiente de linhas dispersas, chamado genericamente de pós-modernismo, cuja arquitetura também estava em crise e revisão no contexto-sul americano no final dos anos 1990 e princípios dos anos 2000, fomentaram-se três temas basilares revalidados na cena contemporânea: a revalorização da tradição e do patrimônio histórico (historicista e moderno incluso), o resgate físico e cultural dos edifícios e espaços públicos (históricos e modernos inclusos) e a relevância e emergência das relações entre arquitetura, urbanismo e meio ambiente. O processo do concurso de projetos (1997), o processo de projeto (1998/2024) e o processo de construção do Anexo do Complexo Cultural do Teatro São Pedro – Multipalco, atual Multipalco Eva Sopher (2003-2025) se inserem nesse gargalo histórico, entre crises, e nesse contexto espacial repleto de representatividades históricas e estilísticas, não sem suas próprias linhas tortas.

Governo do Estado e direção do Teatro São Pedro, nos anos 1990, já planejavam a extensão do antigo teatro, restaurado e funcionando a todo vapor,

após projeto de restauração do arquiteto Carlos Antônio Mancuso (1930-2010), e alguns estudos entraram em cena, alimentando debates polêmicos sobre o processo de escolha do projeto. Por linhas tortas ou retas nesse caso, prevaleceu a campanha do Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento Rio Grande do Sul – IAB/RS, na ocasião presidido por Carlos Maximiliano Fayet (1930-2007) – o mesmo que venceu o concurso do vizinho Palácio da Justiça, juntamente com o Corona, e o mesmo que levou o projeto do Auditório Araújo Viana da Praça da Matriz para o Parque Farroupilha, juntamente com o Moojen –, para a realização de um concurso público de projetos. Após vinte anos de ausência de concursos para a construção de edifícios e espaços públicos, coincidentes com os anos de ditadura militar (1964-1984), os anos 1980 e 1990 foram prolíferos em termos de valorização do projeto e do concurso público como critério para a escolha deste em obras públicas.

Mas processado o concurso nacional para o “Anexo do Complexo Cultural do Teatro São Pedro – Multipalco” (1998) e definidos premiados, um novo imbróglio, envolvendo disputas de autorias dentre os autores de projetos anteriores, paralisou o concurso, sem divulgação dos resultados, enquanto outros importantes certames públicos, alimentados pelo espírito da época, passavam na frente, não sem suas próprias sinuosidades: o concurso nacional de ideias “Muro da Mauá – desde a Usina até a Sepúlveda” (1994), abandonado, de um lado, por disputas políticas (Figura 03) e o concurso nacional de anteprojetos “Porto dos Casais – Cais Mauá” (1996), também abandonado, de outro, por disputas políticas (Figura 04). Este último, organizado igualmente pelo IAB/RS com Fayet ainda na presidência, adotou o modelo usado nas olimpíadas de Barcelona: concurso urbanístico para o plano do Cais Mauá como um todo prevendo a posterior realização de

Figura 05 – Concurso nacional de Arquitetura “Teatro da OSPA – Fundação Orquestra Sinfônica de Porto Alegre/RS” (1998), promovido pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, organizado pelo IAB/RS e vencido pela equipe formada por Julio Ramos Collares, Dalton Bernardes e Marco Peres. Fonte: MARQUES, Sergio M.; MIRON, Luciana I. G. **Arquitetura Contemporânea no Rio Grande do Sul: Monitoramento e Acervo. Arquitetura de Concursos - 1950 | 2016.** 01. ed. Porto Alegre: Marcavizual, UFRGS, 2021. v. 01.

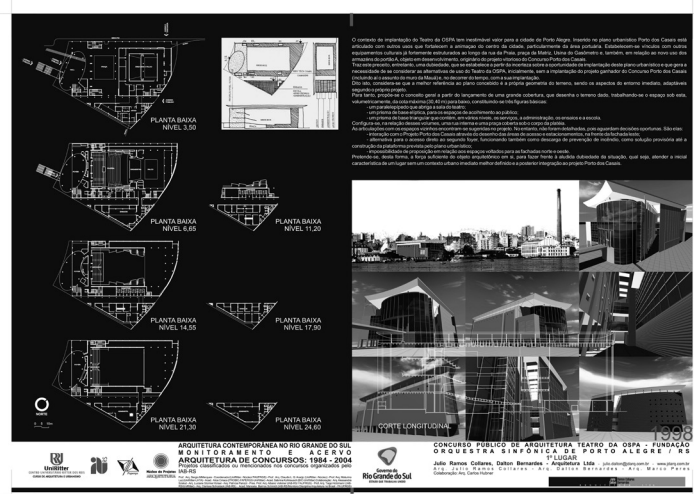


Figura 06 – Concurso Neue Staatsgalerie – Stuttgart (1979), promovido pelo ministério de Baden-Württemberg, Alemanha, vencido pelos arquitetos ingleses James Stirling e Michael Wilford. Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-29891/classicos-da-arquitetura-neue-staatsgalerie-james-stirling-e-michael-wilford/29891_29913?next_project=no>.

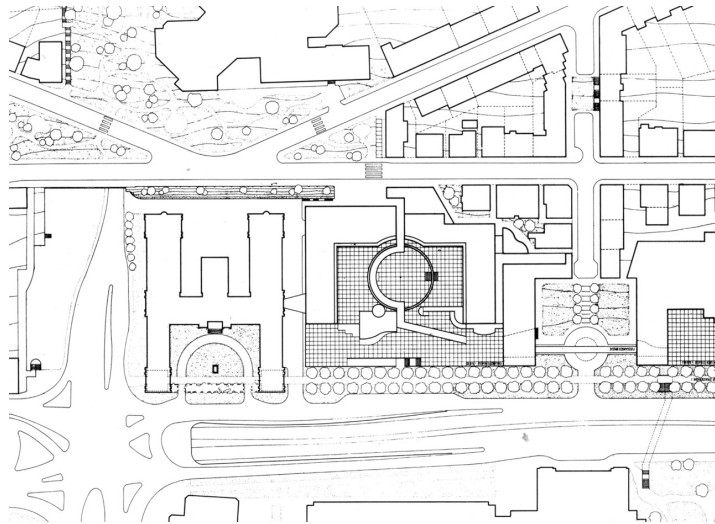
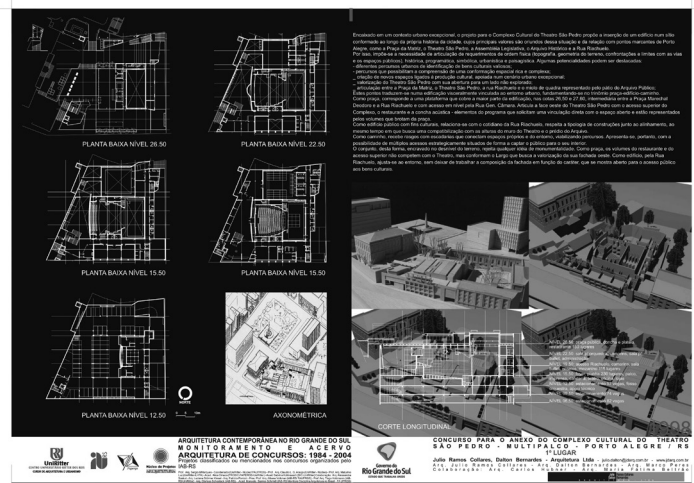


Figura 07 – Concurso nacional para o “Anexo do Complexo Cultural do Teatro São Pedro – Multipalco” (1998), promovido pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, organizado pelo IAB/RS e vencido pela equipe formada por Julio Ramos Collares, Dalton Bernardes e Marco Peres. Fonte: MARQUES, Sergio M.; MIRON, Luciana I. G. **Arquitetura Contemporânea no Rio Grande do Sul: Monitoramento e Acervo. Arquitetura de Concursos - 1950 | 2016.** 01. ed. Porto Alegre: Marcavizual, UFRGS, 2021. v. 01.



concursos específicos para os edifícios cujas morfologias estavam definidas no plano de massas determinado nesse concurso de urbanismo. Ato contínuo, o mesmo IAB/RS organizou, logo após o concurso para o Anexo do Theatro São Pedro, um novo importante concurso para outro importante espaço cênico da capital gaúcha: o Teatro da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre – OSPA (1998), cuja história arquitetônica, até aquele momento, igualmente vinha trilhando tortuosidades. Venceu o concurso da OSPA a equipe formada por Julio Ramos Collares, Dalton Bernardes e Marco Peres (Figura 05).

Mas os projetos para o Cais Mauá e Teatro da OSPA, na sequência histórica, ainda enfrentariam muitos nós, a maioria atados até hoje. Isso, no entanto, é outra história. Porém, na sequência, também histórica, desatou o nó do concurso do Anexo do Theatro São Pedro e finalmente foram divulgados os resultados: venceu o concurso a equipe formada por Julio Ramos Collares, Dalton Bernardes e Marco Peres.

O projeto ganhador traduz diversas questões pertinentes ao espírito da época – e os citados três temas basilares –, algumas importantes, determinadas pelo próprio edital do concurso, outras, valores genuínos do projeto proposto, que atestam sua escolha e revalidam sua representatividade, já no limiar da inauguração do edifício, trinta anos depois. Cláusula pétrea do edital do concurso, nenhuma construção deveria ultrapassar a cota de nível da soleira da entrada principal do antigo Theatro São Pedro, o que obrigou certa e complexa organização de níveis, de cima para

baixo, entre a praça e a rua, aproximadamente vinte metros abaixo, empurrando o complexo rocha adentro. A “restrição de níveis”, por linhas tortas, oportunizou sortilégios à “solução de níveis”. Novo eixo, este sinuoso, se estabeleceu entre a Praça da Matriz, a “acrópole” porto-alegrense, e a Praça da Alfândega, a “ágora” porto-alegrense.

Um complexo jogo de patamares, escadarias, platôs e belvederes se arma em sequência a partir da Matriz, criando um passeio público animado por anfiteatro, restaurante e acessos ao Multipalco, culminando na Riachuelo, de onde em zigue-zague, através da Caldas Junior, se chega à outra quina da Praça da Alfândega. O projeto para o concurso ainda propunha a conexão com a histórica escadaria que outrora ligava a Praça da Matriz com o pátio do intrigante edifício arrimo destinado ao Arquivo Público, além de uma nova, cujo percurso tortuoso encaminharia o pedestre para o eixo da Caldas Junior. Infelizmente esse caminho não foi realizado, e a escada pública segue fechada. Mas a restrição não é irreversível.

Dentre os percursos criados, onde os planos são mais “chão de paisagem que teto de edifício”, no nível 26,60m o anfiteatro faz jus a certa recomposição do antigo Auditório Araújo Viana – levado embora para o Parque Farroupilha, juntamente com a terra que forma seus atuais taludes, para ceder lugar ao Palácio Farroupilha, também objeto de concurso¹ –, cujo eixo e posição da antiga concha praticamente coincidem. Ou seja, o espaço para as antigas retretas da banda municipal de Porto Alegre e coisas mais

1. Concurso público nacional para a “Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul”. Alguns historiadores classificam esse edifício como o ponto de inflexão entre uma arquitetura moderna no sul brasileiro, de influência corbuseriana, aportada via Rio de Janeiro, e uma arquitetura miesiana, aportada via São Paulo. O projeto vencedor foi realizado pelo paulista Gregório Zolko (1932-2022). Recebeu nesse certame menção honrosa a equipe liderada por Moacyr Moojen Marques (1930-2019) – autor do Auditório Araújo Vianna no Parque Farroupilha (1958) com Fayet – com um projeto aparentado ao Palácio da Justiça de Corona e Fayet, formando um par.

contemporâneas tiveram, no Multipalco, resgate histórico e relação geométrica com o antigo auditório, bem ao gosto dos anos 1980. No nível 26,60, o restaurante, de linhas acristaladas e contemporâneas, praticamente inaugura o telhado verde nestas plagas, visível como jardim para quem vem do nível da Praça, rodeado de espaço público para estar e fruição, acrescido de outros canteiros, espaços e superfícies verdes posteriores, algumas alheias ao projeto original. O restaurante, de boa qualidade espacial e gastronômica, anima significativamente essa extensão da Praça da Matriz nos horários de almoço, já que, infelizmente, não abre à noite. Mas o fuso horário não é irreversível.

Nessa “praça” intermediária entre Matriz e Riachuelo, que faculta também uma bela vista para a rua mais abaixo, está o descortínio da fachada oeste do Teatro São Pedro, escondida até então, e um novo acesso direto ao nível da plateia do antigo edifício, outro ganho considerável. Embora a relação referencial do edifício paisagem com a *Neue Staatsgalerie* dos ingleses James Frazer Stirling (1926-1992) e Michael James Wilford (1938-2023) em Stuttgart (1979)², que igualmente permite o percurso público sobre suas superfícies, sem interferência das circulações internas mas com conexões visuais, não seja citada pelos autores, a estratégia espacial coincide (Figura 06), assim como com o Museu Brasileiro da Escultura – MUBE,³ do

brasileiro Paulo Mendes da Rocha (1928-2021), cujo concurso foi realizado em 1987, e com edifícios mais recentes exemplificados pelo projeto vencedor da *Den Norske Opera & Ballett; Operahuset* (2000)⁴ realizado pela equipe liderada pelo norueguês Tarald Lundevall (1948), e a estranha *Philharmonie de Paris* (2007), do francês Jean Nouvel (1945)⁵. Internamente o esquema geral também tem relações espaciais comuns com o edifício alemão: uma planta que organiza as funções setorizadas e circulação horizontal em forma de “U” ao redor do espaço principal conformado pela sala de teatro principal e foyer com pé-direito triplo, integrado à praça superior por piso/teto de vidro. Ambos os edifícios gozam de importantes relações com o patrimônio histórico, topografia e espaços públicos adjacentes. No Multipalco as circulações horizontais vertebram com eficiência a trilha entre as diferentes funções, setores e os diferentes níveis de acesso público/privado do edifício repleto de compartimentos de uso e/ou serviços dedicados às atividades cênicas, conectando as circulações verticais. Se imaginarmos um “U” traçado com linhas retas, escadas e elevadores se posicionam nas quinas e nas pontas. Ou seja, a distribuição geral, funcionamento e fluxos se armam com lógica própria e eficiência, como um organismo regular envolto por superfícies amalgamadas pelas pressões externas, repletas de atividades e acessos – por cima (praça), pelos lados (fachada Riachuelo e pátio

2. Concurso promovido pelo primeiro-ministro de Baden-Württemberg, na Alemanha, para a Nova Galeria do Estado, prevendo uma conexão do novo edifício com a antiga Staatsgalerie, de 1873, bem como a possibilidade de percorrer o aclave do local, em um percurso público, através das coberturas do novo prédio.

3. Concurso fechado promovido pela Sociedade dos Amigos dos Museus (SAM), atual Museu da Escultura e da Ecologia, o edifício foi inaugurado em 1995.

4. Projeto para o concurso internacional da Ópera de Oslo, vencido pelo arquiteto Tarald Lundevall do grupo Snøhetta, inaugurado em 2008.

5. Concurso promovido pelo governo francês, a partir do programa iniciado pelo presidente François Mitterrand denominado “Les Grands-Projets” nos anos 1980, que no espírito da época promoveu a realização de importantes edifícios e espaços públicos, dentre eles o Parc de la Villette, onde foi construída a Filarmônica, ao lado da Cité de la Musique, de Christian de Portzamparc (1944).

do Arquivo Público) e por baixo (estacionamentos) –, cujas morfologias, por vezes, obedecem a outras lógicas. A fachada para a Riachuelo, fundos em relação à Praça da Matriz, mas principal em relação ao acesso ao Multipalco, traz também essa multiplicidade de relações: acessos de pedestres, de veículos, de público, de serviços, além de aberturas para funções administrativas e atividades cênicas. Os autores, em relação a essa elevação, principalmente a sala de dança com pé-direito duplo, do nível 19,00, que se abre para a mesma face, em conversas pessoais citam a sensível e oportuna analogia com o filme *Dança Comigo?*, dirigido pelo japonês Masayuki Suo, no qual o protagonista diariamente enxergava, pelas janelas de um edifício, uma bailarina ensaiando, que povoava seu imaginário e afeição.⁶ Essa fachada norte, além de lutar para se articular aos diferentes níveis e diferentes acessos abertos à pendente da Riachuelo, faz igualmente gestos de contextualização formal com o tecido histórico da rua-corredor, além dos estabelecidos com os pedestres. Inserido na bem-vinda sensibilidade respeitosa com o contexto físico e cultural do lugar, em especial com o edifício fronteiro do Arquivo Público, o Multipalco almeja a neutralidade necessária.

Ponto de culminância das diversas camadas e escalas envolvidas nesse projeto, embricado de relações históricas e topográficas complexas, o palco italiano e o foyer estruturam o centro de gravidade de todas as operações e relações projetuais. O foyer, com multivisuais de todos os níveis, sistemas circulatórios e sala de espetáculos como uma espécie de *matrioska* dentro de várias peles, dá conta da monumentalidade possível em um edifício multifuncional incrustado na rocha do promontório histórico, onde a natural

pressão interna dos espaços, restrita à topografia operativa exterior, agravou-se por importantes mudanças de programa durante a obra – principalmente na quase duplicação da plateia, que ocasionou a inclinação da superfície curva da plateia do teatro com a inserção de dois novos mezaninos, “voando” sobre o vazio do foyer. Nada que a competente equipe envolvida nos projetos de arquitetura e engenharia não pudesse resolver.

O Multipalco Eva Sopher traz à capital gaúcha uma importante peça para a cena cultural brasileira. Uma peça-chave representativa de um importante período da arquitetura brasileira, cujo legado ainda está por se reconhecer. Uma importante homenagem à sua idealizadora, destaque da cena teatral brasileira. Uma importante presença na evolução histórica e urbanística da Praça da Matriz, espaço representativo da história brasileira. Merecem aplausos todos que, por trás de Julio Ramos Collares, Dalton Bernardes e Marco Peres, e por caminhos por vezes tortuosos, contribuíram efetiva e genuinamente para que essa linha do tempo terminasse bem.

Não imaginaria que, após anos vizinho do Fayet, no Edifício FAM (1968) na Praia de Belas, escreveria este texto morando no edifício Fayal (1962), na Praça da Matriz, outro representante ilustre da Arquitetura Moderna Brasileira no Sul, projeto de Emil Bered (1926-2024), ao lado do Palácio da Justiça, de onde vejo as “trilhas” da praça, o Teatro São Pedro e o surgimento do Multipalco Eva Sopher, aplaudindo de camarote.

Sergio M. Marques

Prof. PROP/AR/FA/UFRGS

Praça da Matriz, 20 de novembro de 2024

6. Filme japonês de 1996, direção de Masayuki Suo com Tamiyo Kusakari e Kōji Yakusho no elenco. Posteriormente houve um *remake* norte-americano (2004), direção de Peter Chelson com Richard Gere, Jennifer Lopez e Susan Sarandon no elenco.



O tempo e a Arquitetura

Era ainda 1997-1998 quando Julio Ramos Collares e Dalton Bernardes receberam o primeiro prêmio para o anexo do Theatro São Pedro. As pranchas apresentadas no concurso eram cópias heliográficas. Projeto traçado a nanquim sobre papel vegetal, prancheta, régua paralela, esquadros. Naquela época as coisas eram feitas à mão, livre de computadores e programas. Ainda que seja relativamente recente, o tempo e aquela forma de produção de projetos ficaram para trás. Na ocasião, Julio e Dalton tinham por volta de vinte anos de experiência profissional. Embora não fossem iniciantes, eram dois jovens arquitetos ao vencerem o concurso.

Ali no final dos anos 1990, o processo de redemocratização do país já transformava o cenário cultural, ainda numa fase de remoção dos destroços. De todo modo, já era um quadro bastante diferente se comparado àquele do final da década de 1970, quando os dois jovens gaúchos começaram atuar. Antes da abertura democrática, nada disso acontecia: os debates de arquitetura, as exposições, as publicações e, claro, a forma de contratação de projetos via concurso público. Os concursos ressurgiram, e aquele prêmio consolidou uma trajetória que já era muito bem-sucedida. Depois, o compromisso com aquela vitória manteria os arquitetos presos ao desenvolvimento do projeto por muito mais tempo do que era possível supor. Foram vinte e oito anos! Claro, os autores amadureceram, souberam conduzir o processo de elaboração do projeto ao longo de tanto tempo

com notável persistência. Não negligenciaram um só dia. Souberam fazer com coerência as atualizações de projeto que a obra inevitavelmente demanda, sem perder de vista as premissas que os guiaram na proposição inicial do projeto. Mantiveram-se no rumo durante quase três décadas, o tempo de quase uma vida inteira de atividade profissional. Um feito! Não que o tempo congelasse. Ao contrário, os dias não deixam de passar e sem parar passam a fatura. A luta para manter em atividade um escritório de arquitetura é diária, os compromissos financeiros vencem mensalmente e, obviamente, o desenvolvimento do trabalho ao longo de tanto tempo há de ter custado, arrisco, vinte e oito vezes mais do que o prêmio e o contrato, somados, poderiam pagar. Quisera recebessem parcelas mensais ao longo de todo o processo.

Enquanto isso, noutra frente, Julio e Dalton pavimentavam uma notável e reconhecida carreira docente. Como professores, foram decisivos na formação de gerações de arquitetos em Porto Alegre. Como arquitetos, sua obra se tornava referência fundamental no cenário da arquitetura brasileira e abria caminho por onde atravessaram tantos jovens profissionais, entre os quais muitos tiveram a sorte de trabalhar ali diretamente com eles em seu escritório. Ainda como professores, mais recentemente, viveram o desgosto de ver ruir as bases da instituição à qual confiaram toda a sua vida como docentes. Passaram pelo dissabor com altiva dignidade. Tudo isso vivido

no ciclo compreendido entre a realização do concurso e a inauguração, em 2025, do Complexo Cultural do Theatro São Pedro.

A história descreve a construção do próprio Theatro São Pedro, há quase dois séculos, como marcada por imprevistos e interrupções. De fato, aquela obra se arrastou de 1833 até 1858. Foram vinte e cinco anos, mas, ainda assim, superada em três anos pelo concurso e obra do Complexo. O antigo edifício foi desenhado por Phillip von Normann, arquiteto alemão que vivia em Porto Alegre, e é uma joia da época. Concebido conforme os preceitos de seu tempo, o prédio assenta-se sobre um plano de projeção retangular com cerca de cinquenta por trinta metros, ou 1.500 m² de área de projeção, com frente para a Marechal Deodoro, lateral para Rua General Câmara – atual Palácio da Justiça, antes a Casa de Câmara, instalada num edifício gêmeo ao teatro, que foi destruído num incêndio em 1950 – e com fundos para a Rua Riachuelo. A implantação do edifício define a cabeça de uma quadra irregular e de relevo desafiador. Sua réplica, diferentemente do lado oposto da rua General Câmara, ocupava inteira uma pequena quadra regular e de topografia suave. Juntos, os dois edifícios estavam dispostos no eixo norte-sul da Praça da Matriz e compunham a face norte da praça, em frente à Catedral, bem conforme a época. Claro, a base plana em que o antigo teatro se assenta não existia. Preso àquele repertório, o edifício segura-se junto ao platô da Praça da Matriz, por isso lança mão de muros de arrimo ou alicerces e crava seu nível térreo onde não há chão. O embasamento do edifício ganha altura à medida que a rua General Câmara desce suave, em seu início, rumo ao Cais Mauá, que se encontra a quinhentos metros dali. Na esquina abaixo, a base gira, já alta, ao longo da sua extensão junto à Rua Riachuelo. Ali, o teatro volta as costas para o

Guaíba. Mas a questão principal, aquela que aguardaria mais de um século para ser enfrentada, está na quarta fachada, aquela na face oeste do edifício onde não há rua, como se olhasse para o nada. Aquela fachada foi desenhada e construída com o mesmo esmero da sua simétrica fachada leste junto à Rua General Câmara. Idêntica, mas faltava-lhe o motivo. Há desenhos que são feitos assim de forma obrigatória ou automática, e ficam prontos, construídos, mas sem saber exatamente por quê. É esse o caso. Ali o chão despenca, a vista é imensa na direção do pôr do sol na boca do Guaíba, a paisagem se estende por sobre a Ilha da Pintada até bater na outra margem do lago a quase oito quilômetros de distância. O assunto não era fácil nem era pouco, e continua sem ser uma coisa nem outra. De fato, não cabia no repertório em que se conformou aquele antigo edifício. A consideração e o enfrentamento daquela condição topográfica estavam muito além dos recursos formais com os quais um arquiteto à época poderia ousar uma configuração possível. Aquela fachada oeste olhava para um entorno imediato que representava uma espécie de desconhecido; ainda que arregalasse os olhos, ela se postava diante do invisível para o universo estético em que se conformava.

Antes de seguir, vale salientar ainda uma vez que o antigo Theatro São Pedro é de fato uma relíquia arquitetônica do século XIX, quando Porto Alegre tinha cerca de vinte mil habitantes. Mais do que isso, foi o palco e a cena da história do teatro na capital gaúcha e testemunha da luta pelo espaço da cultura naquele contexto. Teve um primeiro ciclo de vida entre 1858 e 1973, quando fechou as portas pelo abandono e condições precárias. Seria reinaugurado em 1984, sob a notável condução de Eva Sopher, que fundou e dirigiu a Fundação Theatro São Pedro, encabeçou as obras de restauro e também idealizou a

expansão que culminaria na realização do concurso de arquitetura denominado Complexo Multipalco, cujo nome, afinal, a homenagearia.

Aquele relevo, que definiu o limite do centro da cidade, era, ao mesmo tempo, uma espécie de nó, lugar apenas de morada dos assombros, dos esquecimentos, das incapacidades e do desconhecido. É um Anhangabaú no Centro de Porto Alegre. Ou, simplesmente, o vazio. Era assim e seguiria sendo até que surgisse a dimensão do feito de Julio e Dalton.

Para o que segue, é preciso ter em perspectiva o lapso de tempo entre um momento e outro, entre 1833 e 1997, entre o desenho do antigo teatro e a configuração do complexo cultural. É preciso vislumbrar as transformações do mundo e, com mais destaque, as transformações do modo humano de se ver no mundo. Pense no que eram as artes num momento e noutro: a literatura, a música, o teatro, o surgimento da fotografia, do cinema. É necessário considerar a distância entre o universo imaginário de Phillip von Normann e aquele de Julio e Dalton.

Nesse ponto, vale o convite para um lugar especialmente propício para imaginar o significado e o modo como eles formularam o projeto em 1997. É um ponto de observação no próprio local, onde os elementos parecem se apresentar aos olhos em ordem, como se provocassem aquela formulação arquitetônica. Fica bem ali, à esquerda da frente do antigo teatro, à sombra da imensa paineira, que parece sempre ter estado ali, com sua copa que ultrapassa com folga a altura do próprio edifício. A paineira sinaliza aquela esquina, meio beco, da Praça da Matriz. É uma árvore-monumento, como se guardasse em segredo uma latência. Sua copa parece espelhar para o céu para expor à vista de todos a dramática geografia cujo perfil suas raízes tateiam. Ela marca os limites em que o conhecimento esbarra, sinaliza o desconhecido

em que uma época tropeça. É ali daquela calçada em mosaico português, sob a sombra da paineira, bem na esquina oposta ao edifício Fayal, tendo o jardim da Praça da Matriz no platô alto, e as árvores do pátio do Arquivo Público na cota baixa da Rua Riachuelo. Exatamente ali naquele ponto que vale abrir os desenhos de Julio Collares e Dalton Bernardes sobre o peitoril da balaustrada e, assim, quase debruçados sobre o vazio que havia, olhar o projeto e o lugar para entender, afinal, o que fizeram os arquitetos.

As soluções lançadas por eles foram lançadas sobre o vazio do chão. No lapso de tempo entre os dois teatros, vê-se como o transcurso dos anos transformou os olhos, o repertório e, portanto, a linguagem e a capacidade propositiva da arquitetura. Mas, atenção! Isso não acontece em geral, nem de modo automático. O repertório muda, os olhos sobre o mundo se transformam, mas as proposições arquitetônicas não se produzem até que os autores apareçam e nos mostrem concretamente como se realiza esse possível ainda não feito. E só assim, através do trabalho e das obras feitas, que se amplia de fato o nosso campo de possibilidades. No caso específico, a proposição tem a delicada beleza de expandir sem suprimir, ela amplia o campo sem produzir conflitos com as precedências. Muito pelo contrário, ela concilia edifícios de distintas épocas. Mesmo as obras de fundo, como arrimos ou pátios internos, são promovidas a um protagonismo equilibrado e passam a configurar um conjunto arquitetônico íntegro e inteiro. É a modéstia de mãos dadas com a ambição.

O primeiro elemento dessa formulação é a laje lançada sobre o vazio do chão. Ela estende a própria Praça da Matriz, justo onde o relevo lhe nega. Será como foi feito o térreo do São Pedro? De modo algum. O que ali foi porão aqui será salão. O que o primeiro fez fechado, aqui se mantém aberto. É como se a Praça da

Matriz estivesse no palco do São Pedro. O projeto de Julio e Dalton é o São Pedro de ponta-cabeça e virado pelo avesso. Sobre avessos, antes de ser tragado para dentro dos edifícios, o teatro se encenava na cidade, até que Palladio virou a cidade pelo avesso e a aprisionou como cenário permanente no palco do seu Teatro Olímpico em Vicenza. No caso de Porto Alegre, aquele lugar geográfico representava algo como um avesso da cidade. Por esse caminho, o Multipalco faz do avesso da cidade o teatro pelo avesso.

A laje, lançada como partido arquitetônico sobre aquele enigma geográfico, mantém a clareza da ideia e seu propósito até o final do processo de projeto sem condenar o desenho à primeira configuração esquemática que surge. Ao contrário, o desenho é cuidadosamente elaborado. Visto em planta, o projeto expõe a irregularidade planimétrica da quadra, organiza o desenho dos ambientes de modo ortogonal e orientado pelo eixo da Rua Riachuelo. Assim resulta oblíquo à Praça da Matriz e ao próprio Teatro São Pedro. Visto em corte, o projeto denuncia o grande desnível entre Praça da Matriz (30,00) e Rua Riachuelo (19,50 no ponto onde define a entrada para o Multipalco). O foyer é o nível principal do novo projeto, como chão do Multipalco, e está definido no nível 15,50 (também Riachuelo), que se estende à plateia e ao palco. É também o espaço principal e mais eloquente das questões enfrentadas pelo projeto para marcar uma superação.

De volta à sombra da paineira, a laje para a nova praça do Complexo Cultural baixa suavemente, a partir da calçada da frente do antigo teatro até o nível do chão, logo após o arrimo histórico ao nível da base da árvore-monumento (26,50). Dali, patamares com desníveis sutis definem a praça do teatro, a concha acústica e o restaurante. Aqui, a nova praça

tem trechos cobertos que acomodam o restaurante e a própria caixa cênica. Essa laje de cobertura foi caprichosamente disposta em nível coincidente com a Praça da Matriz (30,00). É como se a antiga praça abrigasse a nova. Na distância vertical de quase quinze metros de altura, que separa o nível do foyer (15,50) da Praça da Matriz (30,00), desenrola-se a cena arquitetônica principal. Alguém ali dentro daquele foyer, sem qualquer noção do exterior, poderia ser capaz de inferir a irregularidade da quadra, o desnível urbano e o tempo aguardado, de mais de um século, pela fachada oeste do antigo teatro, até que Julio e Dalton a conciliassem, arquitetonicamente, com o relevo dramático e historicamente recusado. A seção longitudinal que passa pelo Multipalco mostra nitidamente a relação entre três faixas verticais contíguas que definem programas correspondentes: foyer, plateia e palco. O vazio vertical do foyer, com onze metros de altura entre o piso (15,50) e a praça do teatro acima (26,50). O vazio vertical do palco, com quase quinze metros de altura, do tablado do palco ao teto da caixa cênica em nível com a Praça da Matriz (30,00). Entre os dois espaços abertos na vertical, o edifício da plateia, com a mesma altura total do foyer, configura o Multipalco. Os vizinhos imediatos desse programa são o próprio Teatro São Pedro à leste e o pátio arborizado do Arquivo Público a oeste. O desenho do foyer merece ainda um destaque, pois ele concentra em seu espaço a irregularidade geométrica e planimétrica da quadra. Sua forma trapezoidal, que resulta da disposição oblíqua entre São Pedro e Multipalco, e seu pé-direito, que expõe a diferença de níveis da cidade alta à cidade baixa, resulta de uma formulação arquitetônica, ao mesmo tempo delicada e grandiosa.

Comparar Phillip von Normann com Julio e Dalton, na verdade, é um recurso narrativo para fazer ver

como, pelo transcurso do tempo, o contexto histórico define os limites do que pode a imaginação arquitetônica. O primeiro falava com uma Porto Alegre que se aproximava de vinte mil pessoas, enquanto agora se dialoga com uma região metropolitana de mais de quatro milhões de pessoas. Por outro lado, de fato, as imagens mobilizadas na formulação de Julio e Dalton não estariam ao alcance nem em sonho de um arquiteto em meados do século XIX. Evidentemente, não há oposição possível entre os dois. Ao contrário, a joia da arquitetura representada pelo antigo Theatro São Pedro ganha maior importância e valor no seu convívio com o projeto do Multipalco.

Por alguma razão, a história do concurso para o Complexo Cultural do Theatro São Pedro leva a pensar na relação com o tempo. Talvez por isso a liberdade daquele recurso narrativo. Mas o tempo que mais chama a atenção são os vinte e oito anos transcorridos entre a convocatória do concurso e a inauguração da obra, que inclusive superou em tempo a conturbada obra do antigo teatro.

Impressiona o fato de que um único projeto possa se arrastar por quase toda a vida de atividade de um arquiteto, quando em nosso mesmo contexto vimos a cidade de Brasília ser inteiramente construída em quatro anos. Pensar que entre 1997 e 2025 a forma de produção dos projetos de arquitetura mudou definitivamente para os computadores e seus programas, ainda que as outras formas todas – croquis, maquetes físicas – possam acompanhar o processo, é através dos arquivos de computador que se travam os diálogos entre todas as especialidades – que no caso de um teatro dessa complexidade são inúmeras – envolvidas no processo de projeto.

Choca ver que um edifício inaugurado hoje tenha sido apresentado pela primeira vez com cópias heliográficas, a partir de pranchas em papel vegetal com

desenho técnico feito sobre prancheta com caneta nanquim; aquele “molho” de árvores e escala humana em croquis mesclado ao desenho instrumentado; e os textos, feitos com aranha e régua 60, 80, 100, 120, 140, tudo normografado. É incrível ver ali as imagens de modelo eletrônico da época que parecem pré-históricas agora, mais antigas do que todo o resto. Ao mesmo tempo, é notável a atualidade daquela maquete em madeira balsa, perfeita, que parece feita ontem. Em arquitetura, como para tudo, o tempo sempre passa. Mas ele não passa da mesma forma para materiais distintos nem para as diferentes formas de representação. Não passa igual para um estudo preliminar, cujas ilustrações, mais presas à ideia do que à construção, parecem não envelhecer; e para as especificações técnicas de um projeto executivo, que são tão atreladas ao contexto do seu tempo e lugar que muitas vezes não alcançam o ano seguinte nem podem viajar distâncias relativamente curtas. É possível ver, nesse caso, que as ideias do projeto resistiram perfeitamente ao tempo, e isso evidentemente é prova da sua consistência e contundência propositiva. Ao mesmo tempo, é possível supor quantas vezes as especificações do projeto executivo precisaram ser atualizadas ao longo de vinte e oito anos. Quantos produtos deixaram de ser produzidos e quantos fornecedores desapareceram nesse tempo. Quantas camadas de especificação cobriram o edifício que para os arquitetos passou a existir desde 1997. Sim, porque se a cidade precisou esperar até agora para assistir a inauguração do Complexo Cultural do Theatro São Pedro, por outro lado, Julio e Dalton já moram ali há vinte e oito anos. Para eles, o Multipalco é um prédio relativamente antigo, que já passou por muitas atualizações e reformas a fim de acompanhar o tempo e se conciliar com diferentes governos, acomodando-se às condicionantes que se modificam no tempo.

E, claro, no empenho de arquitetos engajados com a sua atividade, como é reconhecidamente o caso, para fazer com que o resultado seja cada vez melhor.

O Multipalco entra em cena, exatamente como faz um ator que, atuando, atualiza o antigo São Pedro; representando, representa o autor e transforma também a Praça da Matriz e o jardim do pátio do Arquivo Público. Lança uma lufada de ar fresco sobre

o Cais do Mauá e a grande Porto Alegre para muito além do Guaíba. Julio Ramos Collares e Dalton Bernardes nos mostram, com refinada sensibilidade e perseverança inabalada que a arquitetura, como a vida, também é sonho.

Angelo Bucci

São Paulo, 14 de dezembro de 2024







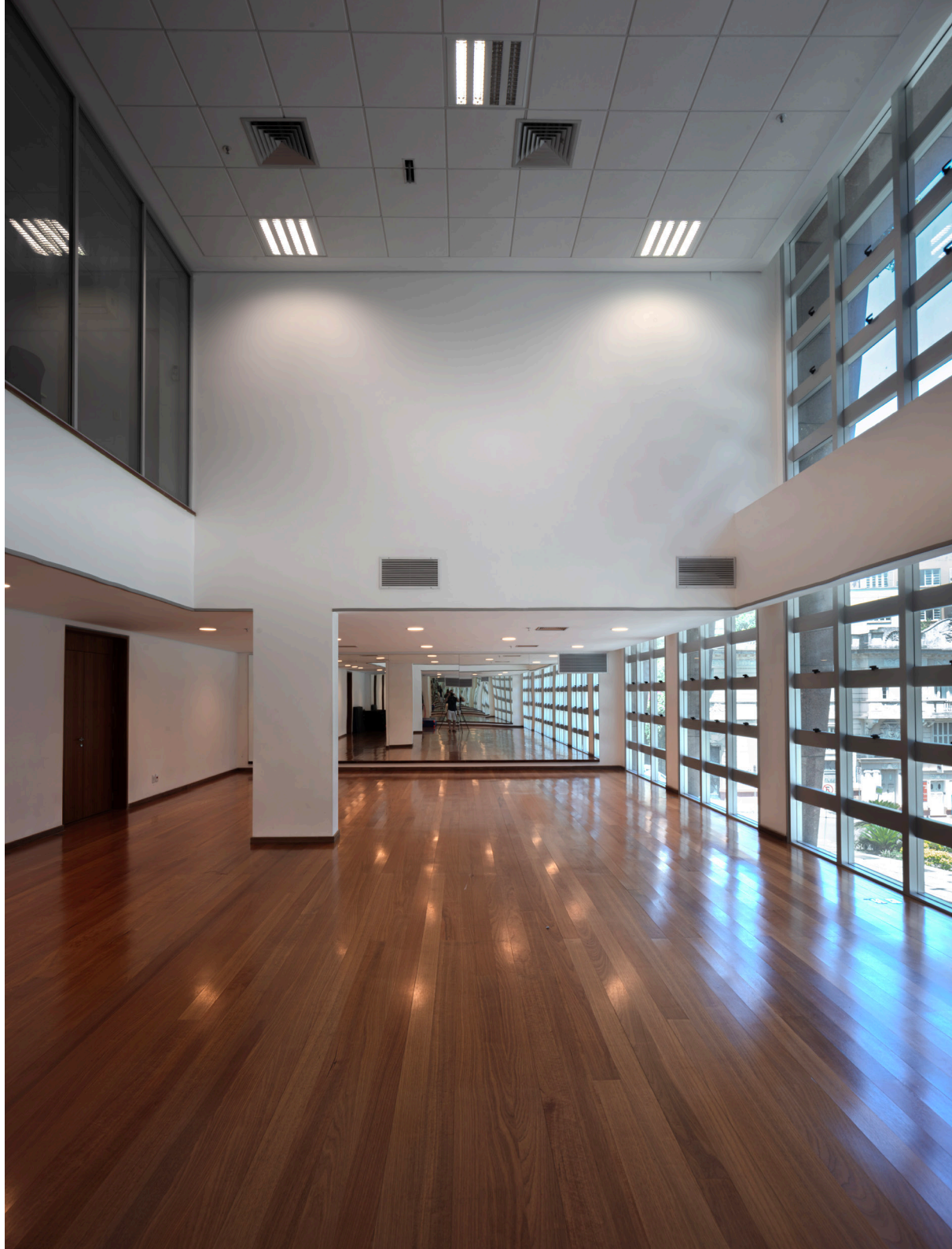














A MAIOR UTOPIA CULTURAL GAÚCHA
SERÁ UMA REALIDADE



→ UM NOVO TEATRO



THEATRO
SÃO PEDRO



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE CULTURA



de março de 2025

Proibido Estacionamento
DAS 8 ÀS 20h
INICIO →

Cais do Porto
Pça. Alfândega
Mercado

Bibliografia de referência

- BECKER, Dom João. **A Cathedral Metropolitana de Porto Alegre. Sétima Carta Pastoral**. Porto Alegre: Selbach, 1919.
- BERNARDES, Dalton. **Jaguaribe e Esplanada: O edifício de apartamentos modernista e um novo paradigma habitacional em Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura, Porto Alegre, 2003.
- BOHIGAS, Orió; BUCHANAN, Peter; LAMPUGNANI, Vittorio Magnano. **Barcelona Arquitectura y Ciudad 1980 – 1992**. Barcelona: Gustavo Gili, 1992.
- L'architecture d'aujourd'hui**. Musique, n. 268, Paris, avril 1990.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- COLLARES, Julio Ramos; **Exoesqueletos no modernismo brasileiro nas décadas de 40 e 50 do século XX**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura, Porto Alegre, 2003.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias. **Precisões brasileiras: sobre um passado da arquitetura e urbanismo modernos a partir dos projetos de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MIM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-1945**. Tese (Doutorado em Arquitetura). Universidade de Paris VIII, Vincennes, Saint Denis, 2002.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias; PEIXOTO, Marta; MARQUES, Sergio M. **O moderno já passado / O passado no moderno – Reciclagem, requalificação, rearquitetura**. Porto Alegre: UniRitter, 2009.
- DI MARCO, Anita Regina; ZEIN, Ruth Verde. **Sala São Paulo de Concertos Revitalização da Estação Júlio Prestes: o projeto arquitetônico**. São Paulo: Editora Alter Market, 2001.
- FECKER, Herbert *et al.* **Neue Staatsgalerie Stuttgart**. Baden-Württemberg: Finanzministerium, 1984.
- FRAMPTON, Kenneth. **Historia Crítica de la arquitectura moderna**. Barcelona: Gustavo Gili, 1993.
- HOHLFELDT, Antonio. **Teatro Palavra – 165 anos do Theatro São Pedro**. Porto Alegre: Editora Ardotempo, 2023.
- MAHFUZ, Andréa Soler Machado. **Dois palácios e uma praça: a inserção do Palácio da Justiça e do Palácio Farroupilha na Praça da Matriz em Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura, Porto Alegre, 1996.
- MAHFUZ, Edson da Cunha. O sentido da arquitetura moderna brasileira. **Vitruvius, Arqtextos**, 020.01. São Paulo, janeiro, 2002.
- MARQUES, Sergio M.; MIRON, Luciana G. **Arquitetura Contemporânea no Rio Grande do Sul: Monitoramento e Acervo. Arquitetura de Concursos – 1950 | 2016**. Porto Alegre: Marcavizual/UFRGS, 2021. v. 01.
- MARQUES, Sergio M. **A revisão do movimento moderno? Arquitetura no Rio Grande do Sul dos anos 80**. Porto Alegre: Editora Ritter dos Reis, 2002.
- MARQUES, Sergio M.; ARAÚJO, Cláudio; LUZ, Maturino Salvador. **Arquitetura contemporânea no Rio Grande do Sul: monitoramento e acervo: arquitetura de concursos: 1984-2006**. Porto Alegre: Editora UniRitter, 2008.
- MARTINEZ, Corona. **Ensayo sobre el proyecto**. Buenos Aires: CP67, 1991.

MONEO, Rafael. Paradigmas de fin de siglo (Fragmentación y compacidad en la arquitectura reciente). **El Croquis 98**. Madrid, 1998.

MONTANER, Josep Maria. **Después del movimiento moderno. Arquitectura de la segunda mitad del siglo XX**. Barcelona: Gustavo Gili, 1993.

MULTIPALCO ARQUITETURA

NOBRE, Ana Luiza. Composições gaúchas. **Revista AU – Arquitetura e Urbanismo**, número 37, São Paulo, agosto/setembro, 1991, p. 110-115.

CASSIGOL, Renzo. **Renzo Piano: la responsabilidad del arquitecto. Conversación con Renzo Cassigol**. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.

XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. **Arquitetura Moderna em Porto Alegre**. São Paulo: PINI, 1987.

Multipalco Eva Sopher
© dos organizadores
1º edição, 2025

Direitos autorais reservados desta edição aos organizadores
Proibida a reprodução sem referenciar a fonte

Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Eduardo Leite – Governador
Beatriz Araujo – Secretária de Estado da Cultura

Conselho de Arquitetura e Urbanismo – CAU/RS
Andréa Larruscabim Hamilton Ilha – Presidente

Fundação Theatro São Pedro
Antonio Hohlfeldt – Presidente

Associação Amigos do Theatro São Pedro
José Roberto Goldim – Presidente

Organização
Julio Ramos Collares
Dalton Bernardes

Coordenação editorial
Airton Cattani

Capa e projeto gráfico
Mônica Luce Bohrer

Fotografias e desenhos
Acervo dos organizadores e Tiago Antoniazzi

Tratamento de imagens
Marcavisual

Textos
Andréa Larruscabim Hamilton Ilha, Angelo Bucci, Antonio Hohlfeldt, Beatriz Araujo, Dalton Bernardes, Eduardo Leite, José Roberto Goldim, Julio Ramos Collares, Maturino Salvador Santos da Luz e Sergio M. Marques

Revisão e preparação
Mariana Donner

Impressão
Gráfica Pallotti

